

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

CARLA JACIRA MARIANOFF DE CASTRO

**PEREGRINAÇÕES ENTRE TERRAS E CÉUS: UMA ANÁLISE DA DIVINA COMÉDIA NA
PERSPECTIVA DA CARTA APOSTÓLICA CANDOR LUCIS AETERNAE**

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

CARLA JACIRA MARIANOFF DE CASTRO

PEREGRINAÇÕES ENTRE TERRAS E CÉUS:

uma análise da Divina Comédia na perspectiva da Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae*

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero

Porto Alegre

2024

Ficha Catalográfica

C355p Castro, Carla Jacira Marianoff de

Peregrinações entre Terras e Céus : uma análise da Divina Comédia na perspectiva da Carta Apostólica Candor Lucis Aeternae / Carla Jacira Marianoff de Castro. – 2024.

138 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Antonio de Ruggiero.

1. paradigma indiciário. 2. Candor Lucis Aeternae. 3. Divina Comédia. I. Ruggiero, Antonio de. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

CARLA JACIRA MARIANOFF DE CASTRO

PEREGRINAÇÕES ENTRE TERRAS E CÉUS:

uma análise da Divina Comédia na perspectiva da Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae*

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Antonio de Ruggiero
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
(Orientador)

Prof.

Prof.

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Pontifícia Universidade Católica pelo apoio financeiro que tornou possível a realização desta dissertação. Agradeço especialmente ao CNPq pelo incentivo constante à pesquisa científica no Brasil e à Pontifícia Universidade Católica pela concessão da bolsa de estudos, ambos fundamentais para este trabalho.

Agradeço de coração ao meu orientador, Antonio de Ruggiero, por sua orientação tenaz, paciente e encorajadora ao longo deste percurso. Sua sabedoria e apoio foram cruciais para a concretização desta dissertação em meio às minhas viagens.

À minha família – Gustavo, Francisco, João Inácio e Fernando –, meu porto seguro. Meu agradecimento sincero por todo o amor e compreensão durante os momentos em que estive ausente.

Finalmente, expresso minha gratidão à vida e ao universo pelos milagres diários que me inspiram e me enchem de gratidão. Afinal, “há duas maneiras de se vivê-la: uma é como se nada fosse um milagre, a outra é como se tudo o fosse”.

“Há milagres que estão ao alcance de todos;
este é um deles, andar sem sair do mesmo sítio.
Não é sequer preciso ser santo; basta marcar passo.
O inverso ainda é mais pândego e também é verdadeiro.
E é por isso que eu já fui a Marte, ao anel de Saturno
e até a Vega sem sair da minha cama.”

(António Cândido Franco, Os Pecados da Rainha Santa Isabel, 2010, p. 250)

RESUMO

Este estudo investiga o diálogo entre a Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae* do Papa Francisco e os versos da Divina Comédia de Dante Alighieri. O objetivo é, utilizando o fio condutor presente na Carta Apostólica, ampliar a compreensão dos propósitos subjacentes na escrita do poema, durante o exílio do poeta de Florença, por volta de 1300, combinando a contextualização histórica e a biografia de Dante. O estudo adota o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg (aspecto cultural) e Giovanni Levi (estratégias mentais em meio à economia e sociedade). O Papa Francisco promove a mensagem de Dante para divulgar valores de paz, liberdade e fraternidade, no que denomina humanismo dantesco, referindo sua pertinência para questões contemporâneas de justiça social e espiritualidade. E provoca as seguintes questões: “Que poderá ela comunicar-nos, no nosso tempo? Terá ainda algo a dizer-nos, a oferecer-nos? Terá a sua mensagem alguma função a desempenhar também para nós na atualidade? Poderá ainda interpelar-nos?” Seguindo a divisão proposta na Carta Apostólica, a dissertação analisará os personagens e contextos nela referidos, construindo a compreensão histórica. Citando Paulo VI, o Papa Francisco, afirma que “O poema de Dante é universal [...] abraça o céu e terra, eternidade e tempo, os mistérios de Deus e as vicissitudes dos homens, [...] e as memórias da história”, destacando assim sua relevância também para o Brasil.

Palavras-chave: paradigma indiciário; *Candor Lucis Aeternae*; Divina Comédia.

RESUMEN

Este estudio investiga el diálogo entre la Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae* del Papa Francisco y los versos de la Divina Comedia de Dante Alighieri. El objetivo es, utilizando el hilo conductor presente en la Carta Apostólica, ampliar la comprensión de los propósitos subyacentes en la escritura del poema, durante el exilio del poeta de Florencia, alrededor del año 1300, combinando la contextualización histórica y la biografía de Dante. El estudio adopta el paradigma indiciario de Carlo Ginzburg (aspecto cultural) y Giovanni Levi (estrategias mentales en medio de la economía y la sociedad). El Papa Francisco promueve el mensaje de Dante para divulgar valores de paz, libertad y fraternidad, en lo que denomina humanismo dantesco, refiriendo su pertinencia para cuestiones contemporáneas de justicia social y espiritualidad. Y provoca las siguientes preguntas: “¿Qué podrá comunicarnos en nuestro tiempo? ¿Tendrá aún algo que decirnos, que ofrecernos? ¿Tendrá su mensaje alguna función que desempeñar también para nosotros en la actualidad? ¿Podrá aún interpelarnos?” Siguiendo la división propuesta en la Carta Apostólica, la disertación analizará los personajes y contextos a ella referidos, construyendo la comprensión histórica. Citando a Pablo VI, el Papa Francisco afirma que “El poema de Dante es universal [...] abraza el cielo y la tierra, la eternidad y el tiempo, los misterios de Dios y las vicisitudes de los hombres, [...] y las memorias de la historia”, destacando así su relevancia también para Brasil.

Palabras clave: paradigma indiciario; *Candor Lucis Aeternae*; Divina Comedia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GEM/PUCRS – Grupo de Estudos Medievais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Inf. – Inferno, Livro I da Divina Comédia

LGBT – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Transgênero

LGBTQIA+ - Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais e outros

Par. – Paraíso, Livro 3 da Divina Comédia

PPI – Partido Popular Italiano

Purg. – Purgatório, Livro 2 da Divina Comédia

TFP – Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade

UE – União Europeia

UNRIC – Centro Regional de Informação das Nações Unidas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 SOBRE AS CARTAS APOSTÓLICAS, SOBRE A <i>CANDOR LUCIS AETERNAE</i> E SOBRE A RECEPTIVIDADE DE DANTE PELA IGREJA.....	22
1.1 As Cartas Apostólicas e a <i>Candor Lucis Aeternae</i>	22
1.2 Contextualização da <i>Candor Lucis Aeternae</i>	29
1.3 A Primeira Parte da Carta – As Palavras Sobre Dante Alighieri dos Romanos Pontífices do Último Século.....	30
1.4 Percebendo Dante: de Questionado a Reverenciado.....	38
2 A JORNADA DE DANTE NA <i>CANDOR LUCIS AETERNAE</i> : ANÁLISE DAS PARTES 2 A 8.....	45
2.1 A reflexão do Papa Francisco sobre a Divina Comédia.....	45
2.2 A Autoridade da Igreja e a liberdade humana na visão do Papa Francisco em diálogo com Dante Alighieri.....	48
2.3 Reinterpretações da Modernidade: influências culturais e religiosas.....	50
2.4 Exílio, Humanismo e a Aceitação do Outro: reflexões do Papa Francisco sobre Dante Alighieri.....	56
2.5 A missão profética de Dante e a crítica ao poder na perspectiva do Papa Francisco.....	65
2.6 O anseio humano em Dante, segundo a Carta Apostólica.....	70
2.7 A Misericórdia Divina e a Liberdade Humana: uma análise das dinâmicas sociais e políticas na Quinta Parte da Carta Apostólica.....	75
3 A NONA PARTE DA <i>CANDOR LUCIS AETERNAE</i> - ACOLHER O TESTEMUNHO DE DANTE ALIGHIERI.....	82
3.1 Transumanação, Transumanização e Humanismo.....	85
3.2 Interconexões entre mundos: “a jeira que nos torna tão ferozes”.....	88
3.3 Diálogos Interseccionais, horizontes humanistas.....	90
3.4 Neomedievalismo: ressignificação da herança medieval na sociedade contemporânea.....	96
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	110
ANEXO A – <i>CANDOR LUCIS AETERNAE</i>	122

INTRODUÇÃO

A distância temporal torna o acontecimento irremediável: é inútil tentar tocá-lo e modificá-lo, como inútil imaginavam os antigos ser o desejo de abraçar as sombras do Hades. Isso não impede que, mesmo assim, queiramos abraçar as sombras: e o que corresponde a esse abraço é a compreensão. [...] No estudo dos documentos, de algum modo, o tempo fugaz se detém. Aquilo que na vida em ação mostra-se por um breve momento e logo deixa de existir aqui se coloca aos nossos olhos sem outros limites a não ser a nossa vontade de entender e a capacidade de resposta dos documentos. Capacidade, porém, limitada, pois o documento é apenas uma pista, um indício, um sinal. [...] A natureza do sinal é ser manifesto; a natureza do significado é ser oculto. (Prosperi, 2011, p. 26-27)

A epígrafe de Adriano Prosperi (2011) convida a refletir sobre a natureza dos documentos históricos e sua capacidade de nos oferecer pistas e sinais que, embora manifestos, escondem significados profundos. Da mesma forma, Dante Alighieri, em sua obra *Divina Comédia*, usa personagens históricos e mitológicos para revelar verdades universais e significados ocultos sobre a condição humana e a espiritualidade. O poeta mesmo é confesso em sua *Epístola à Cangrande*, quando refere que o sentido da obra é polissêmico (Alighieri *apud* Barenstein, 2018, p. 156).

Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais e História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, tive meu primeiro contato com a obra de Dante – a *Divina Comédia* – em 2017, em uma aula de História Medieval, através do Canto XX do *Inferno*, falando sobre a avareza e os pródigos. Após, ingressando no Grupo de Estudos Medievais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (GEM-PUCRS), foi-nos dada a oportunidade de organizar uma exposição nas dependências da Biblioteca Irmão José Otão, em 2019, justamente sobre o Poeta e sua principal obra, o que promoveu o desenvolvimento de novas e variadas pesquisas extraídas das páginas do livro. Em seguida, em 2021, as celebrações dos 700 anos da morte do poeta motivaram o Papa Francisco a escrever a Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae*, cujo conteúdo inspirou a presente dissertação, tema do meu mestrado.

Este estudo adota essa perspectiva ao investigar o diálogo entre a Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae* escrita pelo Papa Francisco e a *Divina Comédia* de Dante Alighieri utilizando o paradigma indiciário para buscar compreender significados que a interação desses textos oferece.

A pesquisa busca responder as perguntas elaboradas pelo Papa sobre a obra de Dante na Carta – “Que poderá ela comunicar-nos, no nosso tempo? Terá ainda algo a dizer-nos, a oferecer-nos? Terá a sua mensagem alguma função a desempenhar também para nós na

atualidade? Poderá ainda interpelar-nos?” (Francisco, 2021, subtítulo 9) –, bem como o que se pode levantar historicamente sobre os elementos elencados pelo Papa ao reconsiderá-los na interpretação que se faz neste trabalho da obra de Dante, guiada pelo pontífice.

Dante Alighieri, nascido por volta de 1265, escreveu, em meados do ano de 1300, a *Divina Comédia*, obra que o eternizou. Casado com Gemma Donati, uma descendente de família nobre florentina, teve quatro filhos. No entanto, Dante é conhecido amplamente pelo amor platônico – que durou sua vida toda – nutrido por Beatriz, menina que conheceu aos nove anos e reviu aos 18, a quem teria dedicado a *Divina Comédia*. Da infância e juventude de Dante pouco se sabe. Teve como tutor Brunetto Latini e, adulto, ocupou-se de cargos públicos consideráveis na política de Florença. Foi devido a dissensões políticas que acabou exilado, no seu entendimento de forma injusta, não retornando mais à cidade à qual pertencia por nascimento, não por costumes, como ele próprio se descrevia e foi referido pelo Papa na Carta Apostólica (Francisco, 2021, 2). Conforme é unânime entre seus biógrafos e estudiosos, possuía uma erudição incontestada, embora da sua formação não se saiba ao certo. Teria ingressado na guilda dos boticários a fim de tornar-se um homem público, exigência de pertencimento naquele momento. Assim, bem poderíamos descrevê-lo como político, escritor e exilado, tamanho foram os significados de tais eventos em sua vida.

Ao considerar a abordagem frequente do Papa Francisco sobre temas sociais, econômicos e globais, a Carta Apostólica sobre Dante Alighieri pode ser interpretada como um documento que, embora centrado na análise literária e espiritual, também aborda implicitamente a necessidade de renovação ética e solidariedade, justiça e esperança no contexto das realidades sociais e econômicas contemporâneas. O Papa exorta as comunidades cristãs, instituições acadêmicas e movimentos culturais a promoverem a mensagem de Dante, comunicando “verdades mais profundas” e “mensagens de paz, liberdade e fraternidade” (Francisco, 2021, subtítulo 9). A Carta, escrita durante as celebrações dos 700 anos da morte de Dante, destaca-o como um “profeta da esperança” e “paradigma da condição humana” (Francisco, 2021, subtítulo 2).

Propondo um novo paradigma civilizatório para o século XXI, o Papa Francisco enfatiza a “casa comum”, referindo-se ao planeta, destacando a interconexão de todas as formas de vida (Mol Guimarães *et al.*, 2022). O Papa promove um “modo de pensar a fé em seu aspecto vivencial, [...] estratégia para a construção coletiva de um novo humanismo” (Souza *apud* Mol Guimarães *et al.*, 2022, p. 64).

Explorando a *Divina Comédia* de Dante, à luz da exortação papal e utilizando o paradigma indiciário de Ginzburg, o estudo busca contextos históricos e culturais nos

pequenos detalhes. Baseia-se na ideia de que a “história humana não se desenvolve no campo das ideias, mas sim no mundo sublunar em que os indivíduos, de modo irreversível, nascem, infligem sofrimentos ou são a eles submetidos, e morrem” (Ginzburg, 2023, p. 32). Ou seja, a história é construída através das experiências concretas dos indivíduos.

Entretanto, em meio aos numerosos estudos sobre Dante e a Divina Comédia, surge a questão da legitimidade de um novo trabalho. O que poderia acrescentar? Ole Bjorn Rekdal (2014) nos empresta luz ao destacar os perigos de confiar demais em fontes secundárias, o que pode levar a interpretações errôneas, espécie de “telefone sem fio” acadêmico, por sua repetição. Esse fenômeno é relevante na interpretação da Divina Comédia, em que opiniões majoritárias, ainda que não incontestáveis por não possuírem provas cabais, podem obscurecer novas interpretações mais próximas da realidade e do contexto histórico estudado.

Em outro foco, para o Papa Francisco, a obra de Dante pertence à humanidade (Francisco, 2021, subtítulo 1), o que pressupõe uma linguagem de compreensão universal. Umberto Eco (2012), em um escrito, destacou que a busca por uma língua universal baseava-se no mito da “língua de Adão”, perdida com a Torre de Babel¹. Dante comenta algo similar em seu tratado linguístico, “*De Vulgari Eloquentia*” (Alighieri, 2021, VI, p. 62-65), refletindo sobre a diversidade humana e a eloquência, se descrevendo como “eu – que tenho o mundo como pátria assim como os peixes têm o mar” (Alighieri, 2021, VI, p. 63).

O fato dele ter escrito a Divina Comédia em dialeto toscano vernacular, ao invés do latim, é considerado significativo por vários motivos: acessibilidade, promoção de uma identidade cultural e busca por universalidade, fazendo com que as questões ali tratadas fossem compreensíveis a todos os italianos, independente do dialeto. Porém, também figura como um excludente, pois a língua franca da Europa naquele momento era o latim, de forma que escrever diversamente daquela língua afastava a compreensão da elite do resto da Europa.

Dante se considerava “um florentino de nascimento, não de costumes” (Francisco, 2021, subtítulo 1; Alighieri *apud* Barenstein, 2018, p. 152), um cidadão do mundo (Alighieri, 2021, p. 63), mas sua figura foi apropriada por nacionalismos, como no *Risorgimento*, ou no tempo de Benito Mussolini (Conti, 2021). Segundo Antonio de Ruggiero (2023, p. 167), a figura do poeta foi usada também como um ícone nacional na consolidação de sentimentos

¹ No texto “Mitos científicos se perpetuam mesmo quando são desvendados”, Umberto Eco (2012) aborda a ideia do mito da linguagem universal, originada do conceito de uma “língua de Adão”, supostamente perdida após a Torre de Babel. Apesar de sabermos hoje que as línguas evoluem espontaneamente conforme as necessidades das pessoas, Eco menciona uma história de Ibn Hazm, um pensador árabe do século 11. Segundo o pensador, no início havia uma língua divina que continha todas as outras, e Adão possuía o dom do poliglotismo. A existência desse mito incentivava o poliglotismo, uma habilidade útil para perpetuar ou para desmistificar mitos (Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2012/04/29/mitos-cientificos-se-perpetuam-mesmo-quando-sao-desvendados.htm>. Acesso em: 24 de jul. de 2024).

identitários entre os imigrantes e descendentes italianos no mundo todo. Isto é, ao mesmo tempo que sua obra foi instituída como de caráter universal, “patrimônio sagrado de todos os povos, de toda a humanidade”, a obra foi valorizada em seu contexto nacional, ele que se tornou o pai da língua italiana.

Aqui se interpreta que Dante, ao escrever em língua vulgar, valorizou um multilinguismo, conceito que pode ser estendido a diferentes “linguagens” disciplinares, áreas de conhecimento, enfim, setores disciplinares distintos dentro do campo acadêmico e científico. Sua obra, portanto, inspira percepções influenciadas também por essa multidisciplinaridade.

Este estudo não tem a pretensão de descobrir todas as respostas, mas aproximar-se de uma “verdade” historicamente mais precisa para responder às perguntas do Papa constantes da Carta Apostólica, pois reconhece a complexidade e o mistério da Divina Comédia, que é viva e está em constante evolução, ou seja, trata-se de um clássico chamado à atualidade pelo Papa Francisco. Essa releitura é alinhada ao ofício do historiador, e considera “notável o profuso e irrefreável interesse por Dante que caracteriza nosso tempo” (Conti, 2021, p. 19), um diálogo contínuo entre a obra, a história e as questões contemporâneas.

Claude Lefort (1979) argumenta que desvendar o significado oculto de uma obra não requer sua compreensão absoluta, pois sempre haverá incerteza. Ele rejeita a ideia de “chaves de interpretação” e a tradução do discurso de acordo com uma teoria preestabelecida. No caso aplicado aqui, não se busca limitar a obra a um único escopo ou mesmo, como já mencionado, esgotar o complexo entrelaçamento dos eventos históricos, pessoais e literários da vida do poeta. A pesquisa visa proporcionar uma base para o diálogo contínuo sobre a interpretação de sua obra. Segundo Lefort (1979), o significado pode ser encontrado através dos personagens, ações e eventos, observando como se relacionam e refletem mutuamente. Ao seguir a orientação desse intelectual, a investigação proposta se abre para uma multiplicidade de interpretações sob o fio condutor estabelecido pelo Papa Francisco na Carta Apostólica.

Na Divina Comédia, encontramos diversas imagens simbólicas. No Paraíso, por exemplo, uma milícia de anjos é comparada a um enxame de abelhas transportando o amor de Deus aos beatos na Rosa Celestial (Alighieri, 2019, Paraíso, Canto XXIX), uma imagem que contrasta com a que encontramos no Inferno (Alighieri, 2019, Inferno, Canto III), em que uma nuvem de vespas persegue incessantemente os “desdenhados pela misericórdia e pela justiça”, forçando-os a correr atrás de uma insígnia. Tanto o é, que no Purgatório (Alighieri, 2019, Purgatório, Canto XXXII), as vespas são retratadas usando e retraindo seus ferrões. Embora distintas, vespas e anjos, essas figuras compartilham simbolismos que contribuem para o

entendimento coeso da obra. Podemos suspeitar que a verdadeira profundidade da Divina Comédia é revelada quando reconhecemos como essas partes se interligam, enriquecendo nossa compreensão das suas inter-relações simbólicas.

Dessa forma, a leitura aqui proposta, ainda que não queira se tornar uma decodificação ou busca de significados ocultos, visa descobrir o seu espaço, através de uma análise crítica que identifique conexões e compreenda a lógica interna, ainda que não absoluta ou definitiva.

Isso nos coloca frente ao que Carlo Ginzburg (1989, p. 179) chamou de “*firasa*”, que ele conceitua como a “capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido” com base em indícios, o “órgão do saber indiciário”, expressão que descreve a habilidade de interpretar e compreender sinais ou pistas que, à primeira vista, podem parecer insignificantes, mas que revelam informações mais profundas e ocultas. Ginzburg enfatiza a importância dessa habilidade na pesquisa acadêmica e na compreensão do mundo, sugerindo que a capacidade de interpretar indícios e fazer conexões é fundamental para essas descobertas e entendimentos profundos.

Somado a isso, Ginzburg (1989) refere uma tríade baseada na qualidade/individualização/irreprodutividade de eventos, citando as observações de Giovanni Morelli (com seus pormenores negligenciáveis), Arthur Conan Doyle (com seus dados marginais reveladores) e Sigmund Freud (com seus indícios psicológicos), estabelecendo ligação entre arte, crítica literária e psicologia no estudo de eventos específicos. O seu paradigma indiciário encontra raízes na própria evolução humana em que, por exemplo, o caçador por meio de sinais isoladamente insignificantes, ao relacioná-los, descobre uma sequência narrativa de uma realidade complexa, demonstrando movimento (Ginzburg, 1989). No caso específico da obra de Dante, talvez contrarie o argumento de Otto Maria Carpeaux (2012, p. 228 *apud* Trevisan, 2021, p. 27) ao afirmar que “[...] a Divina Comédia não tem ação; não tem enredo”, embora se reconheça que Carpeaux tenha tido razão ao referir que a Divina Comédia não segue uma trama linear tradicional, se considerarmos que haja nela uma narrativa histórica.

Conforme Ginzburg (2021, p. 7) sugere em “O fio e os rastros”, a essência que conecta os diversos temas é “a relação entre o fio – o fio do relato, que ajuda a nos orientarmos no labirinto da realidade – e os rastros”, deixados pelos eventos históricos. Dessa forma, o estudo aqui proposto utiliza a micro-história para explorar as escolhas pessoais de Dante, dentro de um contexto cultural mais amplo, conforme as referências alcançadas pelo Papa Francisco.

Nesse sentido, Roger Chartier (2001, p. 167) afirma que a micro-história é como um laboratório observando fenômenos que respondem a interações entre indivíduos, famílias e

comunidades. Sabrina Loriga (2010) amplia a leitura ao sugerir que, em uma história com teor autobiográfico, como se considera a Divina Comédia, inclusive pelas palavras do Papa Francisco na Carta Apostólica (Francisco, 2021, 2), pode-se observar estruturas sociais e culturais moldando as experiências individuais.

Se por um lado a micro-história decodifica códigos culturais e ideológicos na narrativa individual fazendo “surgir as constantes compartilhadas por toda a humanidade a partir da relação com os mortos” (Chartier, 2001, p. 168), por outro lado destaca as práticas cotidianas e as estruturas e dinâmicas sociais sem abandonar o aspecto individual dentro desse social. Uma dualidade na abrangência da micro-história enquanto metodologia refere-se à capacidade de atuar em duas frentes principais ao mesmo tempo: a análise cultural-ideológica (de toda comunidade) e do social cotidiano, incorporando práticas diárias e dinâmicas sociais que influenciam e são influenciadas pelas ações individuais. Ou seja, examina o indivíduo e o contexto social ao mesmo tempo, revelando o particular e o universal na experiência humana. E Dante utiliza personagens seus contemporâneos, figuras históricas e mitológicas como um laboratório narrativo para explorar interações e temas universais. Mas, para atender à exortação do Papa, que nos encoraja a “conhecer ainda melhor e de maneira mais adequada” a obra de Dante (Francisco, 2021), é essencial entender que a história deve ser escrita com plena consciência de seu próprio contexto histórico e cultural.

O Papa Francisco afirma que, “embora Dante seja um homem do seu tempo e possua sensibilidade diferente da nossa em alguns assuntos”, aplica um humanismo ainda válido e atual para constituir referência ao que almejamos construir no nosso tempo (Francisco, 2021, subtítulo 9). O Papa Francisco igualmente vê a obra de Dante como uma trajetória “[...] tanto pessoal e interior, como comunitária, eclesial, social e histórica” (Francisco, 2021, subtítulo 1). E nesse contexto, o paradigma indiciário ou conjectural desempenha papel fundamental na interpretação da sociedade e do indivíduo, permitindo uma análise mais profunda das experiências individuais ao longo do tempo (Loriga, 2010).

Ainda, Anna Gicelle Garcia Alaniz (2013) ressalta que a prática histórica não busca só interpretar teorias e eventos do passado, mas superá-los para alcançar novos entendimentos, afirmando que teorias servem para ser superadas. Ela afirma que:

Em todos os ramos da ciência as teorias servem de ponto de partida para a pesquisa. Para que nós viajemos para muito além delas, e cheguemos a mais conhecimento. Para que possamos produzir um saber novo a partir delas. [...] afinal, se nós não tivéssemos ido além, se o ser humano não tivesse essa necessidade de sempre descobrir coisas novas e de transcender as teorias e as explicações, provavelmente

nós ainda estaríamos contando histórias como a Bíblia ou as sagas nórdicas, o que, convenhamos, não nos serve mais. (Alaniz, 2013, *online*)

Enfatizando a objetividade histórica e a análise cuidadosa de indícios nas fontes, a micro-história reflete um apelo mais consciente ao fazer historiográfico, tornando-se uma necessidade da pesquisa contemporânea, na qual a prática histórica é processo contínuo de questionamento e revisão, e teorias existentes são a base para novas construções e não o seu fim. Alaniz (2013) aponta a necessidade da humanidade de transcender, de conhecer, uma vez que isso nos desata de explicações e narrativas antigas que não necessariamente refletem a complexidade e a verdade do mundo em que vivemos o ontem e o hoje.

Um detalhe importante a mencionar desde essa introdução é a escassez de material sobre o personagem histórico Dante. Isso é sensível pelo fato de ele ser uma figura da Itália do século XIII que, se atente, não era uma unidade política, mas um conceito geográfico dividido em centenas de focos de poder, incluindo territórios principescos, marcas, condados, ducados, arcebispados e cidades-estados que cada vez mais se tornavam autônomas, desde a proclamação das comunas do norte da Itália. É importante observar, ainda que um clichê, que a história foi escrita pelos vencedores. Essa realidade histórica complica a recuperação de informações precisas e detalhadas sobre a figura de Dante, cujas contribuições e contexto podem ter sido moldados ou obscurecidos pelas narrativas dominantes, e se perderam no tempo.

Giovanni Boccaccio (2021), por volta do ano 1350, foi o primeiro a escrever uma biografia de Dante, romanceada e repleta de admiração pessoal. Obras atuais como as de Alessandro Barbero (2021), Giulio Ferroni (2019) e Fulvio Conti (2021) ofereceram nesta pesquisa valiosas contribuições. Além disso, algumas obras do próprio Dante, como o “Convívio” (2021), “Vida Nova” (2005), “*De Vulgari Eloquentia*” (2021) e “*Da Monarchia*” (2005), serviram de suporte para as interpretações históricas elaboradas, juntamente com outras fontes pontualmente relevantes e descritas nos momentos hábeis no decorrer dessa dissertação.

A Divina Comédia é uma obra escrita em primeira pessoa, na qual Dante relata sua jornada pelos três reinos do além — Inferno, Purgatório e Paraíso. Ao longo dessa travessia, ele é guiado pelo poeta romano Virgílio, seguido por Beatriz, seu amor cortês, e, finalmente, por São Bernardo. O Inferno é representado por um cone invertido, cujo ápice se encontra na morada de Lúcifer, localizada no centro do mundo. A jornada de Dante prossegue com uma escalada até a base e, após, até o cume da Montanha do Purgatório. Durante essa peregrinação, ele encontra cidadãos de Florença, outros poetas, guerreiros, reis e papas que

expiam os pecados cometidos durante suas vidas na Terra. No topo da montanha, Dante chega ao Paraíso Terrestre, onde Beatriz assume o papel de guia. Com ela, Dante é conduzido pelas várias esferas celestes, até que, ao final do poema, tem uma visão da divindade, momento em que São Bernardo já é seu último guia.

Ao longo da narrativa, torna-se perceptível a importância dos números, especialmente o 3, o que, senso comum, é referência à Santíssima Trindade, desempenhando um papel na estrutura da obra. O poema é composto por mais de 14.000 versos. Divididos em três partes, cada uma correspondente aos reinos dos mortos: Inferno, Purgatório e Paraíso. Cada parte contém 33 cantos, sendo o inferno acrescido de um primeiro, que garante o fechamento da obra somando cem Cantos. Dante adota o esquema poético conhecido por “*terza rima*”, em que cada verso possui 11 sílabas e os tercetos seguem o padrão de rima aba, bcb, cdc, ded.

A jornada de Dante abrange o período que vai da noite da quinta-feira santa até a quarta-feira após a Páscoa do ano 1300 e a obra incorpora diversas referências históricas e personagens reais, sendo a política e o conflito que envolve guelfos e gibelinos, inclusive em Florença, de grande influência no poema. Durante o conflito político na Itália central envolvendo esses dois grupos, Dante se posicionou ao lado dos guelfos, que apoiavam o papado em detrimento do Sacro Império Romano. No início do século XIV, os guelfos florentinos se dividiram em guelfos brancos e guelfos negros. Dante apoiou os guelfos brancos, que foram exilados em 1302, após a entrada das tropas de Carlos de Valois na cidade, a pedido do Papa Bonifácio VIII, que favorecia os guelfos negros. Esse exílio durou para Dante até o final de sua vida, deixando marcas profundas em sua obra, particularmente em suas reflexões sobre a política da península italiana e nas profecias relacionadas ao seu próprio exílio e à condenação eterna de alguns de seus oponentes.

Além da forma da obra, outro ponto a considerar introdutoriamente é sua extensão. Harold Bloom (2012, p. 56) refere que “o sistema de Dante é elaborado nos dois primeiros cantos do Inferno e sustenta toda a comédia”. Porém, a leitura observa que na narrativa do poeta, até o final do Canto IV, Dante, embora já acompanhado de Virgílio, ainda está nas bordas abissais; não desce ao Inferno propriamente dito. Até ali, Dante e Virgílio encontram diversas figuras da (mas não só) Antiguidade. E dali, “Dante retira-se com Virgílio e se dirige para o segundo círculo do Inferno” (Alighieri, 2019, notas, p. 43), onde eles encontram Minós², um rei, semideus, filho de Europa e Zeus, chegando “aonde nada mais reluz” (*Inf.*,

² Minós é figura mitológica que aparece na Eneida de Virgílio (Virgílio, 2020, VI, v. 430-433). Na Divina Comédia, é um juiz do Inferno, que ouve a confissão dos mortos, designando-os ao círculo destinado aos seus pecados.

IV, v. 151). Por interpretação, a passagem até aquele ponto parece sugerir que o que até ali é mencionado na obra, empresta especial luz para a sua interpretação.

Trabalhar com o método do Paradigma Indiciário em toda a obra de Dante é tarefa muito difícil, quase impossível, considerando o tempo, a habilidade e a erudição necessários. Seus muitos versos descrevem, desenhando em detalhes, várias paisagens e acontecimentos, o que resultou em diversas interpretações ao longo do tempo. A obra inteira é uma alegoria, e conceitos abstratos como pecado, redenção, e justiça divina são apresentados de maneira concreta e visual. Porém, algumas interpretações surgiram no ínterim entre sua criação e o hoje, podendo ser reificações, o que pode adicionar complexidade à leitura. A minha intenção é seguir os passos do Papa, referindo os elementos elencados por ele, estabelecendo um diálogo com a Divina Comédia, contextos e obras, a fim de explorar o que esse diálogo revela sobre o poema de Dante, para melhor buscar responder aos questionamentos da Carta Apostólica por um olhar histórico.

Embora se tenha consciência de que Dante não deva ser reduzido a uma única interpretação pois, como nos explica Hilário Franco Junior (2000), é figura multifacetada³, sua obra tem sido apropriada de diversas formas.

Novamente cabe citar o exemplo de Benito Mussolini que, na década de 1930, usou elementos da obra para promover seu regime fascista na Itália, fazendo de Dante um profeta do Estado Totalitário⁴ (Conti, 2021). Da mesma forma, Ulisses Guimarães, na década de 1980, citou o poeta para afirmar que “os cétricos não têm lugar no céu nem no inferno” (Folha, 1988), e que é “melhor definir diretrizes erradas do que deixar o país na indefinição” (Folha, 1988), o que referiu durante as Negociações no Congresso que apressavam as votações da nova Constituição brasileira (Folha, 1988). Ou mesmo, como Robert Kennedy explicou em 1964, referindo que a citação favorita do presidente John Kennedy era na verdade de Dante, citando: “Os lugares mais quentes do Inferno são reservados para aqueles que em tempos de crise moral preservam sua neutralidade.” (John F. Kennedy Presidential Library and Museum, 2024), de forma diversa da escrita por Dante⁵ (*Inf.* III). Esses exemplos de leituras, algumas

³ Hilário Franco Junior (2000), em “Dante, o poeta do absoluto”, refere o poeta como florentino, exilado, enciclopédico, esotérico, amante, místico.

⁴ A exemplo, o *Danteum*, obra projetada em 1938, seria inaugurada em 1942 para comemorar o XX aniversário do regime de Mussolini e homenagear Dante e sua Divina Comédia, mas não chegou a ser executada. A obra buscava a coerência entre a arquitetura racional, expressão do regime fascista, e a criação de um templo ascético no qual os italianos pudessem reviver a peregrinação de Dante das trevas à luz, evocando a Divina Comédia sem figuras (Rossi, 2014).

⁵ No Inferno, Dante e Virgílio encontram, fora da entrada, almas que permaneceram neutras em momentos de grande decisão moral. Virgílio explica que essas almas não podem entrar no Céu nem no Inferno, pois não escolheram um lado, sendo piores que os maiores pecadores e rejeitadas por Deus e Satanás. Estão condenadas a lamentar seu destino insignificante (*Inf.*, III).

incompatíveis, mostram que o conhecimento desse passado ainda está em debate e mudança, à medida em surgem novas evidências, evoluem perspectivas e se aprofunda a compreensão dos fatos históricos.

Quanto à maneira de ler a obra, o próprio Dante dá pistas em sua “Epístola XIII”, escrita possivelmente entre 1318/1319, para Alberto Canfrancesco della Scala. Cangrande⁶, como é mais conhecido, recebeu a carta dedicatória da terceira parte, o Paraíso. Conforme a tradução de Julián Barenstein, a carta esclarece que: “*A los que quieren, pues, dar una introducción acerca de un parte de una obra, se les hace necesario dar alguna información del todo de la cual es parte.*” (Alighieri *apud* Barenstein, 2018, p. 17).

O próprio Carlo Ginzburg (2006) observou sobre a autenticidade da Epístola XIII de Dante, que foi discutida por muitos autores. No seu trabalho “A Epístola de Dante a Cangrande e seus Dois Autores”, Ginzburg argumenta que “Boccaccio compôs a segunda e mais longa parte da Epístola a partir de várias fontes diferentes”. E é nessa epístola que Dante descreve os sentidos da Divina Comédia, “*El primero se llama ‘literal’, en cambio el segundo ‘alegórico’, ‘moral’ o ‘anagógico’*” (Alighieri *apud* Barenstein, 2018, p. 20).

Descrições de como se ler também são encontradas no Convívio, no Tratado II, em que, segundo o poeta, a interpretação deve considerar a relação entre elementos concretos e significados abstratos (Alighieri, 2019, II, p. 139), o que combina com as ideias de Lefort sobre a totalidade da obra, bem como considerar esses significados para compreender o sentido buscado pelo autor, o que pode ser alcançado pelo paradigma indiciário, e que vai além de perceber seu sentido literal.

Para a história social, a sociedade não é determinada por elementos individuais, como economia, política, religião ou cultura, mas pela interação desses elementos, refletindo a complexidade e interdependência dos fatores que a influenciam. Ao ler uma obra clássica hoje, é possível um entendimento também à luz do conhecimento e das mudanças históricas ocorridas desde sua concepção, servindo para incorporar uma perspectiva contemporânea, enriquecendo a interpretação e compreendendo sua relação com os desafios atuais, conforme proposto pelo Papa Francisco. Refere Eduardo Sterzi (2005, orelha do livro) em *Por que Ler Dante*, que:

os grandes clássicos da literatura têm algo de paradoxal na sua condição de clássicos: de tão conhecidos, passam eventualmente a ser desconhecidos. Não

⁶ Alberto Canfrancesco della Scala foi casado com Giovanna di Svevia D’Antiochia (ou Joana da Suábia, Hohenstaufen).

esquecidos, naturalmente, mas ignorados, no sentido de serem muito mais citados do que lidos.

Essa assertiva nos remete às lendas acadêmicas de Rekdal (2014), agora observando Dante e a Divina Comédia, e este estudo busca enriquecer o debate, avançar o conhecimento, revisando ou confirmando posições estabelecidas, oferecendo entendimentos em diálogo com a atualidade, mesmo que sejam contrapostos e refutados adiante, com o mesmo rigor e metodologia.

Afinal, “a história só pode ser reinterpretada se o próprio paradigma for abandonado” (Skinner, 2001, p. 368). Reinterpretar a história frequentemente requer a ruptura com o paradigma existente (visão geral ou modelo a orientar a pesquisa), que nos leva a refletir sobre a necessidade de estarmos sempre abertos à mudança, e reconhecendo que nossas visões de mundo estão sempre em construção e reconstrução. Isso é essencial para evitar que a história se torne “uma série de truques que jogamos às custas dos mortos” (Skinner, 2001, p. 369).

Quentin Skinner argumenta que o estudo da história deve focar na intenção autoral e no contexto em que as obras foram produzidas, pois interpretar um texto requer uma compreensão dessas circunstâncias e motivações, evitando a projeção de nossas próprias ideias e valores modernos no passado. No caso da Divina Comédia de Dante, aplicar a abordagem de Skinner implica em explorar não apenas os significados literais e simbólicos dos versos, mas também em compreender as intenções de Dante em escrevê-los, situando essas intenções no contexto político, religioso e cultural da época. Isso ressoa com a metodologia indiciária de Ginzburg, que se preocupa com uma análise detalhada dos indícios históricos, promovendo uma interpretação mais rica e contextualizada da obra. Os textos, embora clássicos, não devem ser tratados, na história, como fontes de sabedoria atemporal, mesmo em se tratando de questões fundamentais como moral, política e religião. Skinner (2001) argumenta que essa abordagem leva a mal-entendidos e erros ao não considerar o contexto social e as intenções dos autores. Ele sugere que o estudo deve ir além do que os autores dizem sobre conceitos perenes, questionando o que eles realmente pretendiam ao escrever.

Explorar uma releitura atenta das obras consideradas clássicas pode oferecer percepções valiosas sobre as transformações culturais e sociais no tempo ou suas permanências, centrada na experiência humana, poder político e sociedade, embora detalhar isso não seja, aqui, o objetivo. A escrita, como ato intencional (Skinner, 2001), possibilita uma compreensão mais clara da visão de Dante sobre a sociedade e sua crítica à corrupção e

injustiça social, conforme referido pelo Papa Francisco, questões que também são relevantes para a sociedade atual. Esta pesquisa, então, atende à exortação do Papa Francisco, “que a obra de Dante seja dada a conhecer ainda melhor”, focando a análise do texto em sua época, análise essa direcionada pelas personagens referenciadas na Carta Apostólica (2021), e cujo desenvolvimento responde à metodologia aqui apresentada. Enquanto Ginzburg contribui com a minha abordagem indiciária, para que eu possa reunir pistas, formando uma imagem mais ampla, Skinner contribui quanto à intenção e significado atribuído à leitura de Dante que se faz nesta dissertação. Assim, a abordagem de Skinner, ao focar na intenção autoral e no contexto histórico, permite uma leitura da Divina Comédia que não apenas decifra os significados literais e simbólicos, mas também resgata as motivações e críticas de Dante em seu próprio tempo, revelando a relevância dessas questões para as discussões contemporâneas.

Ginzburg (2021) discute o papel do historiador na atualidade, destacando a importância de uma análise cuidadosa e contextualizada dos documentos históricos. Ele alerta sobre o que chama de “ventriloquismo histórico”, que ocorre quando categorias modernas são projetadas no passado, distorcendo os significados originais dos eventos e personagens históricos. Enfatizando a importância da revisão contínua das perguntas iniciais à medida que novas evidências vão surgindo, refere a micro-história como uma ferramenta para desafiar hierarquias historiográficas estabelecidas. Ao focar nos pequenos sinais e indícios presentes nos documentos, o historiador pode construir uma compreensão mais ampla e profunda dos eventos históricos. Assim, o desafio é traduzir sinais em significados contemporâneos, mantendo-se ciente das limitações inerentes ao processo de pesquisa. A micro-história, portanto, se apresenta como uma abordagem eficaz para interpretar a obra de Dante à luz das questões atuais, promovendo uma análise que respeite o contexto e as nuances do texto original.

O estudo aqui empreendido sobre a Divina Comédia utiliza, quando cabível, o aparato crítico de Natalino Sapegno (Alighieri, 1998), e as traduções para o português de Ítalo Eugenio Mauro (Alighieri, 2019), combinada com José Clemente Pozenato (Alighieri, 2021) e Cristiano Martins (Alighieri, 2021). A escolha dessas obras não é arbitrária, mas segue critérios específicos: duas delas, por recomendação indireta do professor, teólogo e crítico de arte Armindo Trevisan – Martins, segundo Trevisan, “por ser a mais apreciada” (PUCRS Cultura, 2021), e Pozenato porque, conforme Trevisan, busca transmitir o que Dante estava dizendo na língua italiana naquele período, com linguagem mais acessível, diferente das traduções anteriores que buscavam se assemelhar às rimas de Camões e Petrarca, entre outros (PUCRS Cultura, 2021), embora dele só tenhamos o Livro I, Inferno; a tradução de Mauro foi

indicada indiretamente pela professora de Graduação em História Medieval, Dra. Eliana Ávila Silveira, que a utilizava em suas aulas para explorar tópicos relacionados ao medievo; e Sapegno foi recomendado pelo professor, Dr. Antonio de Ruggiero, florentino que desde cedo conheceu a obra, dos seus tempos de escola, ainda na Itália.

Assim, o trabalho será apresentado conforme os capítulos a seguir descritos.

No Capítulo 1, intitulado “Sobre as Cartas Apostólicas, sobre a *Candor Lucis Aeternae* e sobre a receptividade de Dante pela Igreja”, será apresentada a relevância do documento papal, nos sentidos *lato* e *stricto* e em relação ao Papa Francisco, baseando-se, também, no Prefácio à Carta, escrito pelo Cardeal Gianfranco Ravasi, Presidente emérito do Pontifício Conselho para a Cultura do Vaticano e Presidente da Associação Cultural Casa di Dante, de Roma. Será abordada a contextualização da *Candor Lucis Aeternae*, através de análise detalhada da sua primeira parte, que trata sobre “As palavras sobre Dante Alighieri dos Romanos Pontífices do último século”, seguida de uma análise sobre a recepção da Divina Comédia, ao tempo de Dante, a fim de ampliar esta compreensão.

No Capítulo 2, intitulado “A jornada de Dante na *Candor Lucis Aeternae*: análise das partes 2 a 8”, serão examinadas as personagens destacadas da Divina Comédia e mencionadas pelo Papa Francisco e, através delas, consideradas as colocações papais, o contexto histórico, a biografia e obra de Dante, originando uma interpretação. Portanto, as menções da Divina Comédia serão analisadas, buscando uma compreensão histórica alinhada ao fio condutor da Carta Apostólica e investigando sua possível importância contemporânea.

No Capítulo 3, intitulado “A nona parte da *Candor Lucis Aeternae* – acolher o testemunho de Dante Alighieri”, será apresentada uma interpretação da importância da retomada da Divina Comédia na atualidade, considerando o levantamento de conteúdo das partes anteriores. Não há pretensão de esgotar o assunto, uma vez que a Divina Comédia é uma obra multifacetada e isso extrapolaria o escopo deste mestrado. No entanto, busca-se destacar os principais aspectos que revelam a relevância da obra de Dante para o mundo contemporâneo. A análise abordará como a mensagem de Dante pode ser aplicada nas discussões atuais sobre moralidade, espiritualidade e justiça social.

E, por fim, nas considerações finais será apresentada, de forma abrangente e reflexiva, essa relevância da obra de Dante Alighieri no mundo contemporâneo e, ao mesmo tempo, a importância da necessidade de uma análise crítica constante para desvendar o impacto cultural e simbólico que sua obra continua a exercer.

1 SOBRE AS CARTAS APOSTÓLICAS, SOBRE A *CANDOR LUCIS AETERNAE* E SOBRE A RECEPÇÃO DE DANTE PELA IGREJA

Este capítulo visa compreender o que é uma Carta Apostólica, com ênfase na *Candor Lucis Aeternae*, e contextualizar sua escrita. Senso comum que a obra de Dante represente as dinâmicas sociais, políticas, teológicas e filosóficas de seu tempo, o Papa Francisco destaca a necessidade de torná-la mais conhecida e adequadamente compreendida na atualidade (Francisco, 2021, subtítulo 9). Na sequência deste capítulo, será analisada a primeira parte da *Candor Lucis Aeternae*, que trata das “Palavras sobre Dante Alighieri dos Romanos Pontífices do Último Século”, uma leitura das exposições do Papa Francisco, destacando seu viés explicativo sobre a postura da Santa Sé em relação ao poeta e sua obra.

1.1 As Cartas Apostólicas e a *Candor Lucis Aeternae*

Cartas Apostólicas são documentos solenes do Papa, que apresentam orientações doutrinárias, disciplinares e governamentais aos fiéis. Escritas em latim, são publicadas na *Acta Apostolicae Sedis*, e no *L'Osservatore Romano*, o jornal diário da cidade do Vaticano, ambos veículos oficiais da Santa Sé. As Cartas abordam assuntos de governo da Igreja, como nomeação de Bispos, Cardeais, criação de dioceses, canonizações⁷, temas doutrinários ou morais, e instituição de datas ou eventos relevantes, visando assegurar a unidade entre a doutrina e a vida eclesial, sendo dirigidas principalmente aos Bispos (CNBB, [200-]).

Algumas Cartas definem dogmas⁸, como foi o caso da “*Munificentissimus Deus*”, de 1950, na qual Pio XII definiu a Assunção de Maria (Faria, 2021), discussão presente desde antes dos séculos em que viveu Dante. Devoção presente na Divina Comédia, o exemplo é utilizado aqui e, conforme nos apresenta Armindo Trevisan (2017, p. 90-91), foi:

[...] nos séculos XII-XIII-XIV, na época das grandes Catedrais do centro da Europa, quando esse culto atingiu seu clímax [...] A culminância da celebração litúrgica de Maria, que se desenvolveu então, ocorreu na época de Anselmo de Canterbury (falecido em 1109), o “*Pai da Escolástica*”. Ele, e Bernardo de Claraval (falecido em 1153), são considerados os verdadeiros propulsores da *Idade de Ouro da Mariologia Medieval*.

⁷ Canonização é o processo pelo qual a Igreja declara uma pessoa falecida, santa.

⁸ O dogma é doutrina ou princípio considerado verdade inquestionável, especialmente no contexto religioso, a ser aceita pelos fiéis como parte da fé.

Para o Papa Francisco, as Cartas Apostólicas são método de governo, forma de exercer seu poder expressando seu ponto de vista. Refletem seu pensamento teológico e moldam a doutrina da Igreja, assegurando que seus ensinamentos tenham impacto duradouro, formando o *corpus* oficial da doutrina católica, orientando, unificando e inspirando os fiéis em todo o mundo (Gagliarducci, 2022).

Especificamente sobre a “*Candor Lucis Aeternae*”, na “*Premessa alla Lettera apostolica*”, escrita pelo Cardeal Gianfranco Ravasi⁹, há a afirmação que ela foi assim intitulada – *Candor Lucis Aeternae* –, por ser Dante “[...] autor exatamente daquele ‘poema sagrado/ao qual céu e terra deram a mão’” (Ravasi, 2021), citação retirada do próprio Dante, como escrito na Divina Comédia (*Par.*, XXV, v. 1-2).

Segundo o Cardeal, o título da Carta foi retirado de um trecho do Livro da Sabedoria¹⁰ de Salomão, na versão de São Jerônimo (Ravasi, 2021), que foi patrono dos estudos bíblicos e traduziu para o latim os textos em hebraico e grego (Tempesta, 2022). Refere ainda o Cardeal Tempesta (2022, n.p.) no seu prefácio à Carta que, “Da mesma forma que autores sagrados foram inspirados por Deus para escreverem os livros originais, com certeza São Jerônimo foi inspirado por Deus e iluminado pelo Espírito Santo para traduzir os livros da bíblia para o latim.”

O Cardeal Ravasi comenta que o Livro da Sabedoria trata sobre o turbilhão das paixões que perturbam as mentes inocentes e sobre a sabedoria a iluminar a mente dos governantes, e exemplifica isso com a Rainha de Sabá (Angeloni, 2022), também conhecida por Makeda, personagem central na mitologia etíope. “Por isso, diz no Livro da Sabedoria: Amai a luz da sabedoria, vós todos que estais diante dos povos”, o que se repete no Convívio, escrito por Dante (Alighieri, 2019, IV, VI, 18). Além de afirmar que a experiência pessoal de Dante é transformada e sublimada, o Cardeal Ravasi (2021, n.p.) sustenta que essa é a missão do poeta “profeta da esperança”, pois sua missão “brota no terreno realista da imponente sequência de misérias e vergonhas que pavimentam o caminho da história”.

⁹ Gianfranco Ravasi é Presidente emérito do Pontifício Conselho para a Cultura e Presidente da Pontifícia Comissão de Arqueologia Sacra. E, desde 2012, Presidente da Associação Cultural Casa di Dante de Roma, tendo participado do conclave que elegeu o Papa Francisco. Membro dos Dicastérios para Cultura e Educação; para Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica; para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; para o Diálogo Inter-religioso; para Evangelização (Assessoria de Imprensa do Vaticano).

¹⁰ O Livro da Sabedoria, ou Sabedoria de Salomão, é o último livro do Antigo Testamento na Bíblia Católica. Alviero Niccacci (2007), professor no *Studium Biblicum Franciscanum*, afirma que este livro reflete um encontro entre a revelação bíblica e a filosofia grega, sendo um elo importante entre o Antigo e o Novo Testamento. De abertura universalista, facilitou a difusão do cristianismo em um ambiente helenístico, além de oferecer uma visão da dignidade humana criada à imagem de Deus. À luz do Novo Testamento, essa Sabedoria se identifica com o Filho de Deus, que se fez homem para nos tornar filhos e, com ele, participar de um cosmos redimido e renovado.

Ratifica, pois, as palavras do Papa (Francisco, 2021, subtítulo 2), e define que a Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae* “transforma-se assim num verdadeiro mapa essencial da obra do Poeta”, paradigma da autêntica jornada em que a humanidade caminha entre o desejo e a felicidade (Ravasi, 2021, n.p.).

No prefácio escrito pelo Cardeal Ravasi, assim como na Carta Apostólica do Papa Francisco, há o destaque da interação entre a misericórdia de Deus e a liberdade humana ao aceitar a redenção para escapar das dificuldades da vida (Ravasi, 2021). Por exemplo, Ravasi menciona que o Papa Francisco utiliza o exemplo do excomungado rei Manfredo¹¹ (Francisco, 2021, subtítulo 5; *Purg.* III, v. 112-145), filho de Frederico II Hohenstaufen (*Inf.* X, 118-120), para transmitir a ideia de que até mesmo pecadores podem encontrar perdão e redenção através da infinita bondade divina (Ravasi, 2021). Para o Cardeal Ravasi (2021), essa menção ilustra a capacidade de Deus de perdoar e acolher, e faz ecoar a parábola do Filho Pródigo, conforme descrito no Livro de Lucas 15:11-32. Dita parábola tem por mensagem que, não importa o quanto nos afastamos, o amor e graça de Deus supera nossos pecados e falhas, revelando um Deus de segunda chance, que anseia pela volta do filho, pois Seu amor prevalece.

Seguindo, o Cardeal Ravasi (2021) também comenta sobre o “tríptico todo feminino” apresentado na Carta do Papa, formado por Maria (Francisco, 2021, subtítulo 5; *Inf.*, II; *Purg.* VII; *Purg.*, X; *Purg.*, XX; *Purg.* X, *Purg.* XXXII; *Par.* XXII, *Par.* XXXIII), Luzia (Francisco, 2021, subtítulo 5; *Inf.*, II; *Purg.*; IX; *Par.*, XXXII) e Beatriz (Francisco, 2021, subtítulo 5; *Inf.*, II; *Purg.*, XXX até *Par.*, XXXI), que representa “o amor divino que transfigura o amor humano” (Francisco, 2021, subtítulo 7; Ravasi, 2021, n.p.). Ravasi (2021) exalta que Dante “contemplando a mulher amada, agora transformada em símbolo sagrado”, se dirige a ela como “Ó esplendor de viva luz eterna” (*Purg.*, XXXI, 139), “expressão que ecoa exatamente aquela atribuída ao Verbo divino encarnado em Maria e escolhida pelo Papa Francisco para o início da sua Carta Apostólica” (Ravasi, 2021, n.p.). Essa interpretação ressalta a ligação entre o amor humano (Beatriz) e o amor divino (Maria) (Ravasi, 2021). Observamos que, mais uma

¹¹ Manfredo, conhecido como Manfredo da Sicília, era filho ilegítimo de Frederico II com Bianca Lancia. Manfredo se tornou o defensor dos interesses da casa Hohenstaufen no sul da Itália, assumindo o governo da Sicília e dos territórios do sul da Itália em nome de seu meio-irmão, Conrado IV, o herdeiro legítimo, e do filho deste Conrado V, resistindo às tentativas do Papa de tomar o controle do Reino da Sicília. Ao se proclamar rei da Sicília, Manfredo estabeleceu uma monarquia relativamente independente que buscava continuar o legado de Frederico II. Ele governou a Sicília e o sul da Itália com competência, promovendo a cultura e a estabilidade na região, apesar da constante ameaça das forças papais e de outros pretendentes ao trono. Manfredo foi derrotado e morto na Batalha de Benevento em 1266 por Carlos de Anjou, que havia sido nomeado pelo Papa como o novo rei da Sicília. A morte de Manfredo marcou o fim do domínio da dinastia Hohenstaufen no sul da Itália.

vez, a escolha de Francisco releva essa conexão, do divino e humano, na teologia cristã e em Dante (Ravasi, 2021).

Ravasi (2021) também destaca a menção do Papa a São Francisco de Assis (Francisco, 2021, subtítulo 8; *Par.*, XI). Na Carta Apostólica, Francisco estabelece um paralelo entre o Santo e Dante, observando que Dante seguiu a via *pulchritudinis*¹² – a via da beleza – em sua poesia, que se torna “acessível a todos por causa da língua vernácula que adotou” (Ravasi, 2021, n.p.). Essa observação é conectada a uma citação de Paulo VI, usada na Carta, que afirma:

As pesquisas profundas, os raciocínios subtis resultam inacessíveis aos humildes, que são uma multidão, e famintos também eles do pão da verdade. Entretanto estes percebem, sentem e apreciam o influxo da beleza e, por este veículo, brilha mais facilmente para eles a verdade e nutre-os. (Francisco, 2021, subtítulo 1)

Isso reforça a importância dessa escolha. No Documento Final da Assembleia Plenária realizada pelo Pontifício Conselho para a Cultura em 2006, de Bento XVI, podemos extrair que a via *pulchritudinis* transforma a nossa jornada de sofrimento (*via crucis*) em luz e beleza (*via lucis* e *via pulchritudinis*). A Igreja do terceiro milênio busca essa beleza no encontro com Cristo e no diálogo com a humanidade contemporânea (Bento XVI, 2006).

Na Carta Apostólica, o Papa Francisco também reflete sobre como a desilusão de Dante “pela queda dos seus ideais políticos e civis, juntamente com a penosa peregrinação duma cidade para outra à procura de refúgio e apoio não são alheias à sua obra literária e poética; pelo contrário, constituem a sua raiz essencial e a motivação de fundo.” (Francisco, 2021, subtítulo 2). Apesar dessas dificuldades, Dante, como um “precursor da nossa cultura multimidiática”, conseguiu unir a “riqueza de figuras, narrações, símbolos, imagens sugestivas e atraentes [...] numa única mensagem” (Francisco, 2021, subtítulo 9). Entretanto, ao destacar que pela beleza da poesia de Dante há uma mensagem acessível a todos, o Papa também sugere que existem outras camadas de significado na obra, “pesquisas profundas [...] raciocínios subtis” (Ravasi, 2021, n.p.), camadas essas que podem não ser tão facilmente compreendidas. A complexidade da Divina Comédia, portanto, abre a possibilidade de que haja outras vias ou mensagens mais sutis, que, embora presentes, podem exigir uma investigação mais profunda e não serem imediatamente acessíveis a todos. Porém, destacando a “profunda sintonia entre São Francisco e Dante”, o Papa refere que ambos se expressaram e refletiram a beleza divina de maneira compreensível, até aos mais humildes, ou seja, para

¹² *Pulchritudinis*, é termo que significa o caminho da beleza. Descreve o caminho de evangelização e diálogo, conforme o Documento Final da Assembleia Plenária (Bento XVI, 2005).

todos, independente do status social ou educação (Ravasi, 2021, n.p.), cumprindo que a meta de chegada é uma só.

O Cardeal Ravasi (2021, n.p.) encerra sua reflexão, dirigindo um convite a todos, além de qualquer crença ou ideologia, para que descubram a importância de um retorno a Dante e, portanto, como menciona, “às gloriosas raízes de nossa civilização”. Ao fazê-lo, cita a afirmação de Niccolò Tommaseo (1802-1874): “ler Dante é um dever, relê-lo uma necessidade; apreciá-lo um grande sinal de genialidade; compreender com a mente a imensidão daquela alma é um infalível presságio de grandeza extraordinária” (Ravasi, 2021, n.p.). Ao buscar conhecer sobre o autor da citação, uma publicação do Museo Galileo de Florença destaca que Tommaseo acreditava que o Papa Pio IX (1792-1878) poderia “provocar mudanças éticas na Igreja” (Museo Galileo, 2024). Tommaseo pedia ao Papa que “abandonasse quaisquer ambições temporais e adotasse uma nova dimensão religiosa totalmente espiritual” (Museo Galileo, 2024), o que encontra eco em Dante. Contudo, o Papa Francisco não menciona Pio IX na Carta Apostólica, até porque foca “a atenção nos Pontífices do último século e nos seus documentos de maior relevo” (Francisco, 2021, introdução).

Pio IX teve um papado conturbado, e podemos citar, inclusive, conflitos com a Coroa do Brasil sobre políticas religiosas. À época, o padroado brasileiro dava soberania a Pedro II nessas decisões. A 3ª e 4ª Querela do Império do Brasil com a Santa Sé¹³ (Costa, 1888; Heinsfeld, 2020) foram conflitos análogos às discussões de Dante Alighieri sobre a relação entre Estado e Igreja. Em sua obra “*Da Monarchia*”, por exemplo, Dante defendeu a separação entre os poderes temporal e espiritual, argumentando que o imperador deveria governar os assuntos seculares e o Papa os espirituais, sem interferências mútuas.

Pensando mais contemporaneamente, em outra via, podemos citar o caso em que “o Tribunal Europeu de Direitos Humanos, em 1 de julho de 2014, decidiu que a lei francesa que proibiu o uso do véu integral em espaços públicos está de acordo com a Convenção Europeia

¹³ A 3ª Querela envolvia casamentos luteranos no Brasil. No século XIX, luteranos alemães no Brasil celebravam casamentos considerados inválidos pela lei brasileira. O Papa concedeu uma dispensa para 30 casamentos mistos, mas o governo brasileiro interpretou isso como 30 por ano. Em 1857, o diplomata Barão de Penedo negociou com o Vaticano, ameaçando introduzir o casamento civil e oferecendo um crédito financeiro. O Vaticano aceitou o acordo, permitindo 30 casamentos mistos por ano no Brasil, uma concessão inédita na época. A Missão Penedo, conduzida pelo Barão de Penedo, foi uma iniciativa diplomática do Império do Brasil, destinada a obter o apoio do Papa Pio IX para repreender dois bispos brasileiros, Dom Antonio Macedo Costa e Dom Vital de Oliveira, que haviam implementado diretrizes da Bula *Quanta Cura* sem a aprovação do governo imperial, necessária para sua validade legal no Brasil. Esse esforço refletiu a necessidade de ajustar a relação entre o Estado e a Igreja, não apenas no Brasil, mas em toda a região, em um contexto onde a separação entre essas instituições se tornava cada vez mais necessária. A intervenção de Penedo em Roma, junto à alta cúpula católica, foi crucial para evitar uma ruptura diplomática entre o Brasil e a Santa Sé, algo que não pôde ser evitado em países vizinhos como Chile e Argentina, que romperam relações com a Santa Sé nas décadas seguintes (Heinsfeld, 2020).

de Direitos Humanos” (Calegari, 2016, p. 30). O Tribunal de Justiça da União Europeia proibiu o uso de símbolos religiosos por funcionários de repartições públicas, colocando a discussão entre os que compreendem essa atitude como discriminação e violação da liberdade religiosa e os defensores do laicismo. Tendo em vista a compreensão de que a burca e o *hijab* são opressores do feminino, apoiaram a proibição, e a partir do final de 2010, as peças foram proibidas de utilização nos espaços públicos do território francês, de forma que a justificativa da proibição se deu “não só com base nos argumentos de violação à laicidade e aos direitos humanos das mulheres, mas também com base na proteção da ordem pública” (Belangero, 2013, p. 78 *apud* Calegari, 2016, p. 38). Entretanto,

Um Estado que está verdadeiramente calcado na preservação dos Direitos Humanos e nos ideais de ‘liberdade, igualdade e fraternidade’, deve promover a aproximação das diversas manifestações religiosas no ambiente público. Não cabe à instituição pública exteriorizar nenhuma religiosidade, mas ela deve estar apta a aceitar os indivíduos com as suas respectivas crenças e manifestações religiosas. (Calegari, 2016, p. 44)

Retornando à realidade do Brasil, a discussão jurídica envolveu o uso dos crucifixos em repartições públicas, e essa:

questão posta em debate não é fútil, já que não versa sobre a melhor forma de se decorar certos ambientes formais do Poder Judiciário, mas sim sobre o modelo de relação entre o Estado e religião mais compatível com o ideário republicano, democrático e inclusivo, adotado pela Constituição de 88. Trata-se, em suma, de uma questão de princípios, e não de uma discussão sobre meras preferências estéticas. (Sarmento, 2008, p. 196 *apud* Barroso; Pinheiro, 2022, *online*)

A primeira Constituição Imperial brasileira, de 1824, foi confessional, mesmo que seu artigo 5º permitisse outros cultos particulares. Já a primeira Constituição Republicana, de 1891, definiu a separação de Igreja e Estado, sob influência liberal e positivista, ficando a religião católica na mesma situação dos demais grupos religiosos (Baleeiro, 2001 *apud* Barroso; Pinheiro, 2022). A Constituição de 1988, no entanto, invocou Deus no preâmbulo, ainda que um Deus ecumênico (Bulos, 2010, *apud* Barroso; Pinheiro, 2022). Crucifixos permanecem afixados, por exemplo, na alta Corte de Justiça do país, sob defesa de que “a separação entre Igreja e Estado não é absoluta no país, pois a maioria tem sentimento religioso, o hino nacional tem referência à divindade. Cristo, no âmbito do Judiciário, representa justiça” (Zylbersztajn, 2012, p. 111, *apud* Barroso; Pinheiro, 2022, *online*), a

julgar, possivelmente os versos “Brasil, de amor eterno seja símbolo, o lábaro que ostentas estrelado”, escritos em 1922, mesmo ano da Semana de Arte Moderna¹⁴.

No livro de Huguet (1868, p. 323), “*El Espíritu de Pio IX*”, o autor refere que, durante a visita de Pio IX, em 1865, ao mausoléu de Dante em Ravena, deixou uma citação da Divina Comédia no livro de visitantes:

Non é il mondan romore, altro che un fiato/Di vento, ch'or vien quinci, or vien quindi, E muta nome, perché muta lato.
*La Opinion del mundo sólo es un soplo que ora viene de aquí, ora de allí, y cambia de nombre, porque cambia de dirección. (Purgatorio, canto XI)*¹⁵

Interpretando, a citação de Pio IX retirada da Divina Comédia não é apenas um comentário sobre a futilidade da fama mundana, mas serve como uma reflexão profunda sobre a missão da Igreja e do ser humano. A presença dessa citação, especialmente no contexto de uma Carta Apostólica que busca conectar a obra de Dante à realidade contemporânea, sugere que, apesar das mudanças e das novas realidades sociais e políticas, as verdades espirituais e os ensinamentos morais que Dante abordou em sua obra permanecem relevantes.

O uso da citação por Pio IX em 1865 também pode ser interpretado como uma afirmação de que, independentemente das pressões e das opiniões voláteis do mundo, a Igreja deve manter seu foco naquilo que é eterno e imutável: a busca pela verdade, pela justiça e pela beleza divina. Isso ecoa a mensagem do Papa Francisco em *Candor Lucis Aeternae*, em que ele exorta a humanidade a redescobrir os valores eternos contidos na obra de Dante, valores esses que transcendem as glórias e opiniões passageiras do mundo.

A *Candor Lucis Aeternae* vai além de uma homenagem a Dante; é um apelo universal do Papa Francisco a todos, crentes ou não. Ele destaca Dante como uma voz que continua a dialogar com questões essenciais da humanidade. Em um mundo onde o debate sobre a presença de símbolos religiosos em espaços públicos se torna relevante, a obra de Dante, rica em significados e símbolos, nos convida a refletir sobre os valores que podem guiar a sociedade. O Papa, ao revisitar Dante, nos chama a redescobrir esses valores,

¹⁴ A Semana de Arte Moderna simbolizou o início do modernismo no Brasil, propondo uma arte mais autêntica e nacional, e teve um impacto duradouro na cultura brasileira.

¹⁵ Em tradução livre: “Não é o rumor mundano outra coisa senão um sopro de vento, que ora vem daqui, ora vem dali, e muda de nome, porque muda de lado.” (Purgatório, Canto XI). Na tradução de Mauro: “Não é a fama do mundo que um minguado vento que vem de cá ora de lá, e muda o nome porque muda o lado” (Alighieri, 2019, p. 76). “Pois que o rumor mundano festejado um sobre é só do vento balouçante, mudando o nome por mudar o lado”, na tradução de Martins (Alighieri, 2021, p. 426).

mostrando que as lições de sua obra são atemporais e continuam a inspirar a busca por verdade, beleza e justiça em nossos dias.

1.2 Contextualização da *Candor Lucis Aeternae*

A Carta Apostólica *Candor lucis aeternae*¹⁶ foi publicada em 25 de março de 2021, para homenagear os 750 anos da morte de Dante Alighieri. A introdução da Carta sublinha a centralidade do dia da Anunciação, e o Papa destaca sua importância na Divina Comédia. O Pontífice enfatiza como a resposta da Virgem Maria ao anjo – “Eis a serva do Senhor” – inspira a obra de Dante, culminando nos versos de São Bernardo no último Canto do Paraíso, refletindo o amor divino manifestado no nascimento de Jesus, simbolizado como uma “bela flor” que brota do amor reacendido no ventre de Maria (Francisco, 2021, introdução).

Segundo o Papa, hoje o mundo atravessa um “momento histórico particular, marcado por muitas sombras, por situações que degradam a humanidade, por falta de confiança e de perspectivas para o futuro” (Francisco, 2021, subtítulo 9). Dante escreveu sua poesia para promover uma “libertação das formas de miséria e degradação humanas” (Francisco, 2021, subtítulo 3). A Carta sublinha a profundidade e relevância do legado de Dante, destacando sua importância “não apenas aos crentes, mas para toda a humanidade” (Francisco, 2021, subtítulo 2).

O Papa Francisco tece a conexão entre o mistério da Encarnação celebrado em 25 de março, e o ano novo florentino, relacionando essa data tanto à criação do mundo e encarnação de Cristo, quanto ao início da jornada de Dante ao além, em uma reflexão profunda capaz de renovar a humanidade (Francisco, 2021, subtítulo 3), isto é, um reinício.

Enfatizando a relevância contemporânea da mensagem de Dante, o Papa Francisco destaca a capacidade da obra oferecer esperança e direção em tempos de crise e desconfiança quanto ao futuro (Francisco, 2021, subtítulo 9). A Carta exorta reflexão, transformação pessoal e coletiva, dentro de um propósito cristão de libertação das misérias humanas, diálogo entre fé e razão, tradição espiritual e questões existenciais humanas (Francisco, 2021, 1,

¹⁶ Em desambiguação, cabe referir que existe uma Bula Papal com o mesmo título, *Candor Lucis Aeternae*, assinada em 6 de dezembro de 1745 pelo Papa Bento XIV, que estabeleceu a diocese de Mariana, no Brasil. O documento respondia às necessidades espirituais dos habitantes da região e adjacências, representando um marco importante na geopolítica da colonização do sertão mineiro. A criação da diocese provocou mudanças nas relações de poder entre diversas esferas, como irmandades, câmaras municipais, clero e autoridades, inserindo-se no contexto do expansionismo português, que incluía um projeto eclesialístico de formação de um clero nativo nas colônias ultramarinas. Este documento histórico está arquivado na Torre do Tombo, em Portugal (Arquivo Nacional, Glossário de História Luso-Brasileira, Bispado de Mariana, 2024).

subtítulo 9), bem como reflete sobre a aceitação do poeta pela Igreja, assunto que será continuado nos subtítulos seguintes.

1.3 A Primeira Parte da Carta – As Palavras Sobre Dante Alighieri dos Romanos Pontífices do Último Século

Nesta primeira parte da Carta Apostólica, o Papa Francisco discorre sobre “As palavras sobre Dante Alighieri dos Romanos Pontífices do último século” (Francisco, 2021, subtítulo 1). O Pontífice menciona Bento XV, Leão XIII, São Pio X, São Paulo VI, São João Paulo II, Bento XVI e ele próprio¹⁷.

O primeiro Papa mencionado é Bento XV. Em 1921, no sexto centenário de morte de Dante, Bento XV restaurou o sepulcro do poeta em Ravena e publicou uma encíclica reivindicando Dante como “filho” da Igreja, inspirado pela fé católica (Francisco, 2021, subtítulo 1). Bento XV reconheceu a obra de Dante como guia para valores cristãos (Francisco, 2021, subtítulo 1), baseando-se nas ideias de Leão XIII, Papa de 1878 a 1903, e São Pio X, Papa de 1903 a 1914 (Francisco, 2021, subtítulo 1).

Bento XV foi Papa de 1914 até sua morte em 1922. Antes de ser eleito Papa, Giacomo della Chiesa foi sacerdote da Diocese de Gênova e posteriormente arcebispo de Bolonha. Durante a Primeira Guerra Mundial, Bento XV manteve uma postura neutra, focada na paz e na atenção aos feridos, condenando a guerra como “o suicídio da Europa civilizada” (Lira, 2022, p. 45). Ele atribuiu o conflito à falta de amor, desprezo pela autoridade e injustiça social.

Em 1919, Bento XV abrandou a aplicação do *non expedit*, permitindo maior participação dos católicos na política italiana, o que facilitou a formação do Partido Popular Italiano (PPI). O *non expedit* foi política da Igreja, que não reconhecia o recentemente formado estado italiano unificado, que havia privado o papado de suas terras na Itália central. Embora tenha dado passos para melhorar as relações entre a Igreja e o estado italiano, o reconhecimento formal do estado italiano só ocorreu com o Tratado de Latrão em 1929, ocorrido após sua morte.

¹⁷ A ordem dos papas a partir do 225º: Pio IX (1846 a 1878); Leão XIII (1878-1903); Pio X (1903-1914); Bento XV (1914-1922); Pio XI (1922-1939); Pio XII (1939-1958); João XXIII (1958-1963); Paulo VI (1963-1978); João Paulo I (1978-1978); João Paulo II (1978-2005); Bento XVI (2005-2013); Francisco (2013 à atualidade). Possivelmente, o Recorte para menção é estabelecido em função do Concílio Vaticano I (1869-1870) e da ocupação dos Estados Pontifícios, terminando com uma existência de mais de mil anos (Abadías, 2019, p. 128).

Leão XIII (1878 a 1903) foi sacerdote da Diocese de Roma, também sem congregação específica, e é lembrado por sua diplomacia e conciliação, lançando as bases da doutrina social da Igreja, com a Encíclica *Rerum Novarum*, em 1891. Ele defendeu a dignidade humana, promovendo o diálogo entre diversos grupos sociais para erradicar a escravidão (Santos, 2012, p. 16). John L. Allen Junior (2023, *online*) compara Leão XIII ao Papa Francisco, por considerá-los, ambos, reformadores progressistas moderados. Leão XIII foi quem reposicionou a Igreja Católica em relação à ascensão das democracias modernas e à separação entre Igreja e Estado, mudando da rejeição absoluta de Pio IX para uma abertura cautelosa que acabaria levando primeiro aos Pactos de Latrão¹⁸ em 1929 e à declaração do Vaticano II sobre a liberdade religiosa, *Dignitatis Humanae*¹⁹ (Allen Junior, 2023, *online*).

O outro Pontífice rebuscado por Bento XV, conforme a Carta Apostólica do Papa Francisco, foi São Pio X (1903 a 1914). Sacerdote da Diocese de Roma, sem congregação específica, realizou profundas reformas sob o lema “Renovar todas as coisas em Cristo”. Reorganizou a Cúria Romana, iniciou a elaboração do Código de Direito Canônico, revisou os estudos e processos de formação sacerdotal e enfatizou a necessidade de um catecismo acessível. Na Itália, “em 1905, Pio X fundou a Ação Católica, uma organização leiga” dirigida pelo clero, e permitiu a participação dos católicos na política (Koerner, 2020, *online*). Após a Primeira Guerra, surgiu o Partido Popular Italiano, liderado pelo padre Luigi Sturzo, “um partido de massas”, tradicionalista, não confessional e independente da Igreja (Koerner, 2020, *online*). O PPI defendia um Estado limitado e descentralizado, a representação corporativa proporcional e o voto feminino, recusando o individualismo e promovendo valores cristãos (Koerner, 2020).

São Paulo VI (1963 a 1978), que antes do papado foi sacerdote da Diocese de Roma, sem Congregação específica, também foi Arcebispo de Milão. Ofereceu uma cruz dourada para a capela do túmulo de Dante no sétimo centenário de nascimento do poeta e, em 1965, reiterou a ligação de Dante com a Igreja na Carta Apostólica *Altissimi Cantus* (Paulo VI,

¹⁸ O Estado do Vaticano foi criado pelo Tratado de Latrão em 1929, com uma área de 0,44 km. A Santa Sé refere-se à autoridade máxima da Igreja Católica, representada pelo Papa como Bispo de Roma e chefe dos bispos. Ela funciona como o governo central da Igreja e possui personalidade jurídica, podendo firmar tratados e estabelecer relações diplomáticas como um Estado soberano. A Cidade do Vaticano refere-se ao território do Estado. O Tratado de Latrão, assinado em 11 de fevereiro de 1929, buscou resolver conflitos entre a Santa Sé e a Itália, sendo firmado entre o Papa Pio XI e o rei Vítor Emanuel III, representado por Mussolini (Oliveira, 2007).

¹⁹ O documento *Dignitatis Humanae* (1965) promove a liberdade religiosa como um direito humano fundamental, fundamentado na dignidade da pessoa e na natureza da religião. Enfatiza a fé como ato livre e voluntário, sem coação externa, declarando o direito de todas as pessoas de praticar sua religião tanto em privado quanto em público, sem interferência do Estado ou de outras autoridades. O documento reconhece a responsabilidade social e pessoal que acompanha a liberdade religiosa e destaca que a liberdade de crença e prática religiosa deve ser respeitada e protegida legalmente dentro da sociedade, garantindo harmonia e respeito mútuo entre diferentes crenças e práticas (Paulo VI, 1965).

1965). Declarou a Divina Comédia fonte de riqueza espiritual, e exaltou o humanismo presente na obra (Francisco, 2021, subtítulo 1). Dialogou no âmbito eclesial com as várias confissões e religiões e com o mundo, centro da sua primeira encíclica *Ecclesiam suam* (Paulo VI, 1964). Outros documentos importantes do pontificado de Paulo VI foram a Carta apostólica *Octogesima Adveniens*²⁰ (Paulo VI, 1971), pelo pluralismo do compromisso político e social dos católicos. Também inaugurou as viagens internacionais, demonstrando sua aspiração. Deu ênfase ao caráter de representação universal do Colégio Cardinalício e do papel central da política internacional da Santa Sé, sobretudo buscando a paz. Instituiu o Dia Mundial da Paz, celebrado todos os anos, desde 1968, no dia 1º de janeiro (Paulo, VI, 1967), dia em que ocorre a Corrida de São Silvestre²¹. Também foi o Papa que aboliu o *Index Librorum Prohibitorum*²², lista de obras consideradas heréticas e proibidas pela Igreja Católica (Appeltauer, 2024).

João Paulo II (Papa de 1978 a 2005) foi igualmente sacerdote da Diocese de Roma sem Congregação Específica, antes ordenado na Arquidiocese da Cracóvia, na Polônia. Destacou a genialidade artística de Dante, interpretando sua obra como uma integração entre o pensamento teológico e a arte. Explorou o termo *transumanar* na obra de Dante, equilibrando o divino e o humano, enfatizando que a grandeza do divino não deve anular o humano, interpretação teológica que reflete tanto a experiência pessoal de Dante quanto da humanidade como um todo (Francisco, 2021, subtítulo 1). Bateu recordes, pois:

Fez 104 Viagens Apostólicas pelo mundo, expressão da constante solicitude pastoral do Sucessor de Pedro por todas as Igrejas; sabendo falar 11 línguas, João Paulo II sempre trabalhou para construir pontes entre as diferentes nações e religiões, em

²⁰ “A Igreja, ao celebrar o 80º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, reafirma seu compromisso com a justiça social, a paz e a dignidade humana em um mundo em constante transformação. O texto destaca a necessidade de uma maior justiça na distribuição de bens, tanto internamente nas nações como globalmente, e reconhece as mudanças na sociedade, como urbanização, industrialização e desafios em comunicação e meio ambiente. Ressalta a importância da participação política e da responsabilidade dos cristãos em contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, respeitando a dignidade e os direitos humanos, e enfrentando os desafios sociais, econômicos e ambientais com base nos princípios do Evangelho” (Paulo VI, 1971).

²¹ Primeiro Papa após o Edito de Milão, o Papa da oficialização do cristianismo. Ou seja, ele foi “bispo de Roma em um período de glória para o cristianismo”, afirma a vaticanista Mirticeli Medeiros, pesquisadora de história do catolicismo na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Conforme ela ressalta, Constantino foi “o imperador que transformou o cristianismo em uma religião lícita”. Essa situação fez de Silvestre um papa “muito romano”, como explica o vaticanista Filipe Domingues, doutor pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma e vice-diretor do *Lay Centre* em Roma. “Ele foi o papa da era Constantino, ou seja, o primeiro papa de uma Roma mais notável, uma Roma cristã, onde os cristãos não eram perseguidos, conta Domingues” (Veiga, 2021).

²² O *Index Librorum Prohibitorum* é uma lista de publicações proibidas consideradas hereges pela Santa Sé. A Igreja sempre perseguiu linhas de pensamento divergentes, desde o início do cristianismo. (Altman, Max. 1966: Igreja acaba com Index de Livros proibidos. **HCSM**. <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/1966-igreja-acaba-com-index-de-livros-proibidos/>).

nome do Ecumenismo, verdadeiro farol, que o guiou ao longo do seu longo Pontificado. (*Vatican News*, 2024)

Segundo Francisco Borba Ribeiro Neto²³ (*apud* Lopes, 2016, *online*), “Francisco é de certa forma um João Paulo II com sinal trocado”. Justifica a colocação, pois ambos provêm da periferia do sistema, reformadores e carismáticos. “A questão é que João Paulo II está preocupado com a secularização excessiva trazida pelo pensamento progressista. Francisco, por outro lado, critica o clericalismo e um rigorismo excessivo do pensamento conservador” (Ribeiro Neto *apud* Lopes, 2016, *online*).

Bento XVI (2005 a 2013) frequentemente recorreu à obra de Dante, apreciando sua habilidade em interpretar a experiência humana com fé na salvação. Em sua Encíclica *Deus Caritas est*²⁴, publicada em 2005, retoma a visão de Dante de que o amor e a luz são uma coisa só. Ele, como Dante, compreendia Deus e a criação, ambos na fusão, que é indissociável, do conhecimento (luz) e da bondade e amor divino, novamente reforçando a união da fé e a razão (Francisco, 2021, subtítulo 1), um equilíbrio entre o valor humano e a grandeza do divino, tensão que se reflete em “transumanar” (Francisco, 2021, subtítulo 1). Referiu que a arte e a beleza têm papel crucial na mediação do divino ao humano (Francisco, 2021, subtítulo 1), destacando a originalidade de Dante sobre a visão de Deus: a visão do círculo trinitário com o rosto humano, percebido como o de Jesus Cristo, poeticamente comunicando a novidade da experiência cristã (Francisco, 2021, subtítulo 1), do último canto do Paraíso da Divina Comédia (*Par.*, XXXIII). Francisco ainda cita que no Discurso aos Participantes no Encontro Promovido pelo Pontifício Conselho *Cor Unum*²⁵ (Bento XVI, 2006) que Bento XVI comunicava: “Este Deus tem um rosto humano e – podemos acrescentar – um coração humano” (Bento XVI, 2006, II/1, 92-93 *apud* Francisco, 2021, 1), “A novidade do amor que impeliu Deus a assumir um rosto humano; mais, a assumir carne e sangue, o ser humano inteiro” (Bento XVI, 2006, II/1, 93 *apud* Francisco, 2021, subtítulo 1).

²³ Os apontamentos foram retirados de uma entrevista concedida pelo sociólogo Francisco Borba Ribeiro Neto, então do Núcleo Fé e Cultura da PUC SP, em 2016).

²⁴ O documento do Papa oferece uma reflexão profunda sobre a natureza do amor e sua importância central no Cristianismo. Inicia destacando a crença fundamental de que Deus é amor, moldando a compreensão cristã de Deus e do ser humano. Argumenta que a experiência do amor cristão vai além de uma decisão ética ou ideia, sendo um encontro transformador com Deus, manifestado através de Jesus Cristo. Explora a conexão entre o amor a Deus e ao próximo, enfatizando a justiça social e o serviço à humanidade como expressões concretas do amor cristão. O texto sublinha a necessidade de agir com amor e compaixão, especialmente para com os pobres e marginalizados, como resposta ao amor divino. Também discute a necessidade de purificação e crescimento do amor humano para refletir mais plenamente o amor divino (Bento XVI, 2005).

²⁵ O Conselho Pontifício *Cor Unum* é o departamento da Santa Sé que coordena a ação do Papa para a promoção da caridade em emergências humanas, conflitos ou catástrofes naturais.

Bento XVI (2005 a 2013), antes sacerdote da Diocese de Roma sem Congregação específica, foi ordenado para a Arquidiocese de Munique e Freising, na Alemanha, e

tinha uma reputação de teólogo conservador, tomando posições duras sobre homossexualidade, o sacerdócio para mulheres e anticoncepção. Ele abraçava a compaixão cristã, falando em defesa de direitos humanos, a proteção do meio ambiente e a luta contra a pobreza e a injustiça. [...]Um tema central de seu papado foi sua defesa de valores cristãos fundamentais diante do que ele via como declínio moral em boa parte da Europa (BBC Brasil, 2022).

Conforme Ribeiro Neto (2018), o impacto histórico de Bento XVI vai além dessas considerações imediatas. Para entender plenamente seu papel, é necessário examinar o período que se estende desde o final do Concílio Vaticano II até, pelo menos, o pontificado do Papa Francisco. Esta análise, no entanto, é preliminar, uma vez que ainda vivemos dentro desse período, e a história só ganha clareza total com o distanciamento do tempo:

As paixões partidárias nos levam a ver os pontificados atuais como uma alternância de poder entre progressistas e conservadores, uns defendendo e outros combatendo reformas na Igreja. O cenário real é mais complexo e menos polarizado. Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco – como seus antecessores – compartilham uma visão do cristianismo, a despeito das particularidades de cada um. Todos eles concordam que o cerne da Igreja é a relação com Cristo. Ela é uma instituição religiosa, que se legitima por seu caráter místico, de relação com o transcendente. [...] A Igreja é uma instituição religiosa, que se legitima por seu caráter místico, de relação com o transcendente [...] [que] lembra Santo Agostinho. [...] No plano sociopolítico, esses pontífices compartilham tanto a visão ‘progressista’, defendendo a transformação das estruturas injustas da sociedade, quanto a visão ‘conservadora’, para a qual as mudanças estruturais não bastam sem a preservação de valores morais sólidos e coerentes. Em conformidade com a Doutrina Social da Igreja, denunciam os aspectos injustos do capitalismo e defendem a democracia e as liberdades individuais (inclusive João Paulo II e Francisco, considerados o mais ‘à direita’ e o mais ‘à esquerda’ entre eles). (Ribeiro Neto, 2018, *online*)

Possivelmente, esses sejam os motivos, conforme elencados acima, para a escolha dos Pontífices mencionados na Carta Apostólica pelo Papa Francisco. Francisco, Papa desde 2012, foi o primeiro membro eleito da Companhia de Jesus, das Américas, do Hemisfério Sul. Jorge Mario Bergoglio fora anteriormente ordenado como Arcebispo de Buenos Aires, e quando Papa, assumiu o nome de Francisco, em homenagem ao fundador da Ordem Franciscana Secular²⁶, de importância significativa na obra de Dante, São Francisco de Assis.

²⁶ A Ordem São Francisco, fundada por Francisco de Assis em 1209, teve início com uma vida dedicada à penitência, pobreza e mortificação, atraindo 12 companheiros iniciais. Influenciada por Francisco, Santa Clara de Assis aderiu fundando uma congregação feminina, voltada para a vida monástica contemplativa. O impacto deste movimento foi tão profundo que logo se espalhou por vários segmentos da sociedade, incluindo leigos e casados, levando à fundação da Ordem Franciscana Secular. Recebeu a aprovação oral do Papa Inocêncio III em 1209 e, mais tarde, a canônica com a *Regula bullata* em 1223, pelo Papa Honório III. Essa regra, ainda em vigor, marcou a transformação da fraternidade inicial na Ordem dos Frades Menores. Francisco se manteve como a figura

O Papa Francisco, porém, não comenta na *Candor Lucis Aeternae* sobre os Papas Pio IX (1846-1878), já comentado neste estudo, Pio XI (1922-1939), Pio XII (1939-1958) e João XXIII (1959-1962). Essa ausência não descarta a importância desses personagens históricos e da sua relação com o poeta, e são cabíveis aqui, sobre eles, breves comentários.

Sobre Pio XI, a biografia disponibilizada pelo Vaticano nos apresenta que ele inaugurou a Universidade Católica do Sagrado Coração, pois:

Somente um instituto de alta cultura científica, onde o Deus das ciências e a ciência de Deus detêm o lugar onde ocuparam Dante e Manzoni, somente tal instituição pode fornecer os elementos mais úteis de ação e reação, sobretudo de direção, para a restauração e o renascimento cristão da sociedade. (Discatério para a Comunicação – Libreria Editrice Vaticana, 2024)

Na citação, o escritor italiano Alessandro Manzoni²⁷ (1758-1873) é mencionado junto com Dante Alighieri, como figuras que ocuparam um lugar central na cultura italiana, especialmente em relação à integração da fé cristã e da razão. Bufacchi (2006, *online*) acrescenta outro detalhe muito interessante, que relaciona o autor contemporâneo a Dante:

central e modelar da Ordem, representando o ideal comum. Com o tempo, surgiram tensões dentro da Ordem entre aqueles que buscavam uma vida austera, dedicada à pregação e mendicância, e os que optavam por uma vida mais contemplativa e de interação com a comunidade. Essa tensão gerou vários movimentos de reforma, resultando na existência de três ramos autônomos da Primeira Ordem. A Segunda Ordem, iniciada por Clara, foi oficialmente nomeada Clarissas, pelo Papa Urbano IV, em 1263. Embora inicialmente a vida das Clarissas fosse mais monástica, influenciada pela Regra de Hugolino com foco na clausura, Clara conseguiu escrever e ter aprovada sua própria regra pouco antes de sua morte, reforçando a conexão espiritual com Francisco e adaptando o monaquismo ao espírito franciscano. A Terceira Ordem Franciscana, inicialmente um movimento de penitentes leigos inspirados por Francisco, também passou por transformações. Sob o Papa Nicolau IV, foi submetida à direção da Primeira Ordem. Essa Ordem se diversificou em várias formas, incluindo irmandades e congregações dedicadas a obras sociais, seguindo o espírito de Francisco. Dentre as figuras notáveis relacionadas à Ordem, lá no seu surgimento, está o “Irmão” Jacoba Frangipani de Settesole, mulher que foi exemplo de seguidora leiga que teve uma proximidade significativa com São Francisco, destacando-se na história da Ordem, uma das mais queridas amigas do santo. Casada com Graziano Frangipani, teve dois filhos e viúva, passou a administrar os bens do marido. Vivia em Roma e devota seguidora leiga, tornou-se exemplo de caridade e simplicidade. Oferecia apoio material e espiritual à Francisco, doando propriedades para uso da Ordem Franciscana e estabelecer o Mosteiro de São Francisco em Roma. Morreu em 1239 e foi enterrada, conforme seu desejo, perto do túmulo de São Francisco em Assis (Portal da Fé, 2024, *online*).

²⁷ Segundo Emanuela Bufacchi (2006, *online*), Alessandro Manzoni, inicialmente influenciado pelo romantismo, abandonou suas primeiras experiências literárias para criar uma poesia que interpretasse as ideias e sentimentos do público em geral, e não apenas de uma elite refinada. Junto com essa transformação literária, ele passou por uma conversão religiosa, trocando a fé na razão e o anticlericalismo juvenil por um crescente interesse por temas religiosos, o que o levou a abraçar o catolicismo. A fé cristã também influenciou sua visão política, refletida em seus versos civis compostos entre 1814 e 1821, nos quais ele reinterpretou os ideais democráticos sob a ótica cristã. Em sua obra *Adelchi* (1820-1822), Manzoni aprofundou a investigação histórica, abordando a vitória dos francos sobre os lombardos e a defesa dos italianos pelo Papa, em oposição ao domínio lombardo. A partir desse contexto histórico, Manzoni explorou os conflitos morais e políticos, destacando a virtude dos príncipes Adelchi e Ermengarda em contraste com a ambição de poder do Rei Desidério e de Carlos Magno. Escreve a autora que, A escrita do romance leva Manzoni a questionar a escolha de uma linguagem que pudesse ser compreendida pelo público nacional. Estava convencido de que para resolver a fragmentação linguística da península, onde se falavam diferentes dialetos, apenas uma das diferentes línguas faladas tinha que ser aceita por todos como língua comum: a sua escolha foi orientada para o toscano usado pelos burgueses turma de Florença. Foi com base no florentino que revisou o romance antes de publicar a versão definitiva em 1840.

A escrita do romance leva Manzoni a questionar a escolha de uma linguagem que pudesse ser compreendida pelo público nacional. Ele estava convencido de que para resolver a fragmentação linguística da península, onde se falavam diferentes dialetos, apenas uma das diferentes línguas faladas deveria ser aceita por todos como uma língua comum: sua escolha foi orientada para o toscano usado pelos burgueses turma de Florença. Foi com base no florentino que revisou o romance antes de publicar a versão definitiva em 1840. As mudanças, principalmente no que diz respeito ao léxico (mas também à sintaxe e à ortografia), envolveram a substituição das expressões linguísticas lombardas e das formas estilísticas da tradição literária por palavras e frases florentinas. Graças a esta revisão, os *Noivos* tornaram-se modelo para escritores subsequentes como o primeiro exemplo de literatura nacional. (Bufacchi, 2006, *online*)

Como interpretação, tal colocação destaca a excludente anteriormente referida na dissertação, a respeito da abertura de conhecimento proposta por Dante ao escrever em língua vulgar, dando maior evidência na sua utilização ao seu caráter complicador, ao considerar o latim a língua franca europeia daquele tempo.

De Pio XI chama atenção também em Carta ao Cardeal Pietro Gasparri (1929), na qual o Pontífice expressa preocupações com a maneira como a Igreja e sua doutrina estavam sendo tratadas nos acordos com o Estado italiano, reafirmando a soberania da Igreja em questões espirituais e educacionais. Ele expressa sua desconfiança em relação a certas influências modernistas e protestantes, primando pela necessidade de manter a pureza da fé católica (Pio XI, 1929). Argumentou que tentar separar ou distinguir a história da doutrina significa tentar tratar os eventos históricos e os ensinamentos doutrinários da Igreja como se fossem entidades independentes e não inter-relacionadas (Pio XI, 1929). Em outras palavras, seria considerar que os ensinamentos religiosos (doutrina) podem ser entendidos ou aplicados sem levar em conta o contexto histórico em que surgiram, ou vice-versa (Pio XI, 1929). Pio XI vê essa separação como problemática porque, na visão dele, a história da Igreja e sua doutrina são inseparáveis: a doutrina se desenvolveu a partir de eventos históricos e contextos específicos, e esses eventos, por sua vez, são interpretados e compreendidos à luz da doutrina (Pio XI, 1929). Ao tentar separar esses dois aspectos, corre-se o risco de distorcer ou enfraquecer tanto a compreensão histórica quanto a integridade dos ensinamentos religiosos, abrindo espaço para interpretações modernistas que ele considera condenáveis (Pio XI, 1929). Enfim, trata-se de uma defesa da ideia de que história e doutrina devem ser vistas em conjunto para preservar a integridade da fé católica.

Para Pio XI, a doutrina da Igreja não é apenas um conjunto de ideias atemporais; ela está profundamente enraizada na história da Igreja, desde as missões de São Pedro e São Paulo até as reflexões de pensadores como Dante e Leão Magno. Portanto, qualquer tentativa

de desvincular essas duas dimensões compromete a autenticidade da fé e a missão universal da Igreja (Pio XI, 1929).

Pio XII, em seu Discurso à Comissão Americana para o Intercâmbio Cultural com a Itália (1956), em que o Papa valoriza a troca cultural e aprendizado entre nações, destaca a importância de equilibrar valores materiais e espirituais, referindo que o verdadeiro progresso humano reside na busca pela Verdade e pela Beleza, além do mero desenvolvimento material. Ele menciona Roma como um símbolo eterno de cultura, moldada por verdades eternas e pelos ensinamentos cristãos, que inspirou e formou a civilização ocidental. Refere que essa cultura produziu grandes figuras como Dante, São Francisco de Assis, Rafael, Michelangelo, Palestrina e Orlando di Lasso, cujas contribuições artísticas e intelectuais acrescentaram brilho à história do Ocidente. Também, encoraja os estudiosos a se conectarem profundamente com esse legado, destacando que a cultura representada por essas figuras pertence ao mundo inteiro (Pio XII, 1956), nesse ponto, em um discurso muito próximo à Carta Apostólica do Papa Francisco.

Sobre João XXIII, podemos acrescentar que compreendia que parte do pensamento moderno havia se afastado de uma filosofia perene, tradição que valoriza as verdades eternas e universais. Tal afastamento levou muitos a negligenciar a verdade divina, como se esta não fosse acessível ou relevante para a compreensão humana. João XXIII (1959) comparou essa postura ao ceticismo de Pilatos, que perguntou “O que é a verdade?” sem realmente buscar uma resposta.

No seu discurso aos jornalistas católicos vindos à Roma por ocasião do 3º Congresso Nacional (1959), Leão XXIII afirmou que Deus é a própria essência da Verdade, Cristo é a Verdade, e o Espírito Santo é o Espírito da Verdade. E então, citando Dante, sugeria que essa luz divina, que é a verdade, penetra e ilumina todo o universo, mas é especialmente forte no espírito humano, que foi criado para conhecer a verdade e para amar a partir desse conhecimento (João XXIII, 1959). São Tomás de Aquino foi também invocado, através de Santo Agostinho, para enfatizar que o desejo fundamental da alma humana é a verdade, e citava Manzoni como um modelo de polemista cristão, caracterizado por sua humildade e caridade, descrevendo-o como um apologista sincero, que, embora comprometido com a verdade, sempre conduz suas discussões sob o manto da caridade, sugerindo que Manzoni é exemplo a ser seguido por jornalistas católicos, que devem ser defensores intrépidos da verdade, mas também leais e generosos para com seus adversários, promovendo a verdade com caridade e respeito (João XXIII, 1959).

O que até aqui foi exposto nos faz concluir que, ao longo do último século, vários papas, incluindo Bento XV, Leão XIII, São Pio X, São Paulo VI, São João Paulo II, Bento XVI, e o próprio Papa Francisco, além daqueles que não foram mencionados, porém também o fizeram e de forma mais contundente, reconheceram e exaltaram a importância da obra de Dante Alighieri, direta ou indiretamente, destacando sua profunda conexão com a fé. Cada um desses papas contribuiu para a interpretação e valorização de Dante como uma figura que representa a síntese entre a cultura cristã e a herança espiritual da Igreja.

A pesquisa também evidencia como esses papas abordaram a relação entre história e doutrina, enfatizando a inseparabilidade dessas dimensões na compreensão da fé cristã, em que a obra de Dante é apresentada como um exemplo dessa união, sendo valorizada não apenas como uma expressão artística, mas também como um guia espiritual e moral que reflete os valores e ensinamentos da Igreja e, conforme o Cardeal Ravasi (2021, n.p.), a Carta Apostólica do Papa Francisco se apresenta como o “verdadeiro mapa essencial da obra do Poeta”.

Desejando sua compreensão e valorização, o Papa Francisco propõe a leitura de Dante como “um grande itinerário, aliás como uma verdadeira peregrinação, tanto pessoal e interior, como comunitária, eclesial, social e histórica” (Francisco, 2021, subtítulo 1). Ao referir que “ela representa o paradigma de cada viagem autêntica para a qual a humanidade está chamada a abandonar a terra que Dante define ‘a jeira que nos torna tão ferozes’ (*Par.* XXII, 151), para chegar a uma nova condição, marcada pela harmonia, a paz, a felicidade” (*Par.* XXII, 151), repete a citação da sua primeira Encíclica *Lumen fidei*²⁸, de 2013 (Francisco, 2021, subtítulo 1). Naquela ocasião, em 2013, já declarara Dante como “profeta de esperança, anunciador da possibilidade de resgate, da libertação, da mudança profunda de cada homem e mulher, de toda a humanidade” (Francisco, 2013, *online*).

E assim, o Papa Francisco encerra as citações relacionadas aos Papas.

1.4 Percebendo Dante: de Questionado a Reverenciado

Relacionado à primeira parte da Carta do Papa Francisco, é interessante observar que Dante Alighieri nem sempre foi enaltecido pela Igreja.

²⁸ Na Encíclica “*Lumen Fidei*”, o Papa Francisco cita Dante Alighieri para ilustrar a beleza e a força transformadora da fé. No parágrafo 57, ele menciona a “Divina Comédia” para destacar a jornada de fé de Dante. A fé é comparada a uma luz que ilumina e guia o caminho do ser humano, da mesma forma como Dante é guiado em sua jornada espiritual. Esta referência a Dante ajuda a enriquecer o entendimento da fé como uma luz interior que pode transformar e orientar a vida das pessoas (Francisco, 2013, 4).

Peter Burke, em “Uma história social do conhecimento” (2000), comenta que os textos antigos sempre são abordados através da evolução das práticas de leitura e da aquisição de conhecimento ao longo da história. Portanto, Burke (2000) sugere que a recepção do conhecimento não depende apenas do acesso à informação, mas também das habilidades e práticas individuais, desenvolvidas com e no tempo. Ao discutir as mudanças na forma de ler os textos, diferencia a leitura intensiva associada à reverência por certos textos, e a leitura extensiva, mais superficial, que se tornou comum a partir do século XVIII. A leitura extensiva não era nova, uma vez que até na Roma antiga, filósofos como Sêneca já desaconselhavam essa prática. Essas formas de leitura influenciaram a organização do conhecimento, como no uso de anotações e na criação de livros de lugares-comuns, que ajudavam a sistematizar e memorizar informações. A recepção de um texto, assim, também está ligada à moralidade, com os leitores antigos priorizando o valor moral dos textos históricos em vez dos fatos específicos. Portanto a recepção, enquanto conceito, é processo ativo, moldado por práticas culturais e intelectuais ao longo do tempo.

Dante Gabriel Rossetti (1832) destacou ações da Inquisição, mencionando episódios como o do Cardeal del Borghetto, que tentou desenterrar e queimar os ossos de Dante em Ravenna, para suprimir suas ideias subversivas. A inquisição rotulou muitos poetas da época de Dante como hereges, evidenciando um esforço para censurar expressões artísticas que desafiassem a autoridade eclesiástica.

Luigi Valli (1928), no prefácio do livro “*Il Linguaggio Segreto di Dante e dei Fedeli d'Amore*”, destacou a influência de um espírito de renovação política e religiosa na obra de Dante. Valli (1928) referiu que Ugo Foscolo, em 1825, ressaltou a ligação entre a Divina Comédia e a Monarquia, destacando o caráter profético da obra. Também afirmou que Michelangelo Caetani, em 1847, aprofundou essa visão, associando personagens da Divina Comédia com a necessidade da virtude imperial para a salvação cristã, e que Francesco Perez, em 1865, estabeleceu um ponto na interpretação da poesia de amor, demonstrando claramente que o “Vida Nova” de Dante é um conto místico sobre sabedoria divina, e não sobre uma figura específica, não sobre a esposa de Simone de Bardi, mas da sabedoria mística, da própria mulher, de que fala a “Sabedoria de Salomão e o Cântico dos Cânticos” (Valli, 1928), o que se aproxima da interpretação do Cardeal Ravasi (2021) no Prefácio à Carta Apostólica, com relação ao Livro da Sabedoria. Termina as citações com Giovanni Pascoli (1902) que vinculou o poema de Dante à Cruz, simbolizando a redenção humana e, em 1922, explorou essa simbologia na Divina Comédia (Valli, 1928).

Segundo Valli (1928), o conteúdo heterodoxo do poema de Dante, principalmente revelado por Rossetti, possivelmente teria promovido uma tática de ocultação que durou até o final do século XIX, quando a Igreja despertou, assumindo novo entusiasmo favorecendo comentaristas e a formação de cátedras católicas, cuja atividade intensa foi notável na criação das opiniões atuais em torno de Dante (Valli, 1928).

Guido Vernani (1327), em “*Contro Dante – Tractatus De Reprobatione ‘Monarchiae’ compositae a Dante Alighiero Florentino*”, criticou Dante, associando suas obras a perigos para a alma e afirmando que seu trabalho, decorado externamente com figuras de honestidade, continha substâncias tóxicas, criticando o poeta e defendendo o poder temporal da Igreja.

Dante escreve no Convívio que falar de si é necessário “quando não se pode suprimir uma grande infâmia ou perigo sem falar de si” (Alighieri, 2019, I, II, 12, p. 112). Nesse caso, então, seria possível, pois “entre dois maus caminhos, tomar o menos ruim é como tomar o bom” (Alighieri, 2019, I, II, 12, p. 112). Dante complementa essa ideia ao afirmar que “Essa foi a necessidade de Boécio a falar de si” (Alighieri, 2019, I, II, 12, p. 112), justificando a “perpétua infâmia do seu exílio ao mostrar tal injustiça” (Alighieri, 2019, I, II, 12, p. 112), pois nenhuma outra forma havia de obter clemência (Alighieri, 2019, I, II, 12, p. 112). E o Papa refere que as desilusões políticas e civis de Dante constituem a base essencial e motivação central da sua obra (Francisco, 2021, subtítulo 2).

O prefácio de Giulio Piccini (Vernani, 1906) em “*Contro Dante*” reflete sobre a evolução das ideias de liberdade e igualdade, desde o tempo de Dante até a era moderna, destacando as diferenças entre a ordem política ideal de Dante, baseada na supremacia do império e domínio absoluto, e as noções contemporâneas de liberdade e democracia, que valorizam o sufrágio universal e a absoluta liberdade individual.

No “*Monumenta et antiquitates*”²⁹ (1864) de Thomae Masetti, é relatado que no século XIII as ciências seculares eram minimamente abordadas, pois não contribuía à conversão das almas³⁰. Em 1243, foram totalmente proibidas, a exemplo, pelo frade Aldrobandino

²⁹ Monumentos e antiguidades da antiga disciplina da Ordem dos Pregadores de 1216 a 1348, especialmente na província romana e dos prefeitos que a governaram (Masetti, 1864).

³⁰ Texto original: “*Saeculares scientias vix ac ne vix quidem attingebant cum istae eo tempore ad animarum conversionem minime conferre existimarentur, quin an. 1243 omnino interdicuntur, ac a Cap. Rom. praecipitur Fr. Bonifacio Senensi, ut libros Physicae tradat Priori suo: idem praeceptum de saecularibus scientiis non addiscendis fit lectoribus in seq. Cap. (Vid. quoque Const. loc. cit.) Fr. Aldobrandinum Cavalcanti jubar Provinciae praeclarissimum Saec. XIII solitum fuisse dicere scimus (Ex ejus vita MS. in Tab. Flor.) ‘fratribus nostris studia saecularia percurrenda transeundo; omnem vero operam in sacris litteris collocandam esse, ut saluti proximorum occurratur etc. etc.’ Hinc etiam D. Thomas (2. 2. q. 118. a. 5) ‘Aliis autem doctrinis intendere non pertinet ad religiosos, quorum tota « vita divinis obsequiis mancipatur, nisi in quantum ordinantur ad sanam doctrinam’. Haec tamen severitas, (quam minime probabit qui sacculi XIII indolem non considerat) jam erat emollita circa anne 1300 per Aymericum Placentinum Mag. Ord. Postea interdictum est quidquid ad sacras*

Cavalcanti, mencionado no *Inf. X*. Em meados de 1300, essa rigidez foi suavizada por Aymerico Placentino³¹, Mestre da Ordem dominicana. Mas, em 1335, pela decisão de dominicanos de Florença, as ordens seculares foram desaprovadas pela Igreja, que proibiu estudar, ler ou guardar livros poéticos compostos em língua vulgar, citando nominalmente Dante, a fim de direcionar os jovens às disciplinas mais severas (Masetti, 1864, p. 127-128).

Uma edição espanhola da Divina Comédia mostra a censura recaindo, a exemplo, sobre comentários elaborados por Christoforo Landino (1424-1498), e Alessandro Vellutello (1473-1560), com edição de Francesco Sensovino (1521-1586) evidenciando a preocupação da Inquisição com o conteúdo do poema de Dante Alighieri (Robert D. Farber, 2010). Comentários dos críticos e versos do Inferno e Paraíso foram expurgados por Don Fernando de Riezas, clérigo e Chefe Inquisidor espanhol (Robert D. Farber, 2010), ligados às passagens críticas ao poder temporal da Igreja e ao Clero ou passagens contrárias a posições oficiais da Igreja (Robert D. Farber, 2010). Também, em uma edição de 1497, Per Piero de Zuanne di Quarengii da Palazago Bergamasco, Veneza (MacDonald, 2018), da Divina Comédia, o Índice de Livros Proibidos Espanhol de 1612 proibiu três passagens principais, em vez de todo o texto (MacDonald, 2018). Ainda, uma edição de 1512 impressa por Bernadino Stagnino, em Veneza, apresenta a seguinte ordem manuscrita na página título, seguida do nome de “*Con*

Literas non spectare videretur; sic in Cap. Flor. 1335 ‘Ut magis Theologiae intendant pro-hibetur universis junioribus lectio librorum poeticorum, seu ‘libellos per illum qui Dante nominatur in vulgari compositos, nec tenere vel eis studere audeant: secus priventur libro, ‘et praelatus invigilet, ac denunciaret Priori Provinciali etc. etc. Id vero junioribus interdicitur, ne juvenilis aetas plus aequo poeticis imaginibus delectata a severioribus disciplinis avocaretur’ (Masetti, 1864, p. 127-128). Em tradução livre: As ciências seculares eram tocadas apenas superficialmente, ou quase nem eram abordadas, pois naquela época acreditava-se que elas não contribuíam de maneira alguma para a conversão das almas. De fato, em 1243, elas foram totalmente proibidas, e no Capítulo de Roma foi ordenado ao Fr. Bonifácio Senense que entregasse os livros de Física ao seu Prior. A mesma ordem de não se aprender ciências seculares foi dada aos leitores no Capítulo seguinte (veja também as Constituições no local citado). Sabemos que o Fr. Aldobrandino Cavalcanti, uma das figuras mais ilustres da Província no século XIII, costumava dizer (segundo sua biografia manuscrita nos Arquivos de Florença): “Nossos frades devem passar superficialmente pelos estudos seculares, mas devem dedicar todo seu esforço às Sagradas Escrituras, para que possam atender à salvação dos outros, etc.” Daí também Santo Tomás de Aquino (2.2, q. 118, a. 5) diz: “Preocupar-se com outras doutrinas não cabe aos religiosos, cuja vida é totalmente dedicada ao serviço divino, a menos que se ordene em direção à sã doutrina.” Prior de Bolonha e em 1304 provincial da Grécia. Em 1311 renunciou voluntariamente ao cargo de Mestre da Ordem. Ele morreu em Bolonha em 19 de agosto de 1327”. Essa severidade, no entanto, (que poucos aprovarão sem considerar o espírito do século XIII) já havia sido suavizada por volta do ano 1300 por Aymerico Placentino, Mestre da Ordem. Mais tarde, foi proibido qualquer coisa que não estivesse relacionada às Sagradas Escrituras; assim, no Capítulo de Florença, em 1335, “Para que se dediquem mais à Teologia, é proibida a todos os jovens a leitura de livros poéticos, ou daqueles livros compostos em vernáculo por aquele que é chamado Dante, e que não devem possuir ou estudar esses livros; caso contrário, perderão o livro, e o superior deve vigiar e denunciar ao Prior Provincial, etc.” Isso foi proibido aos jovens para que a juventude, mais atraída do que o devido pelas imagens poéticas, não se afastasse das disciplinas mais severas.

³¹ Segundo os dominicanos, um italiano da província da Lombardia. “*Prior de Bolonia, y en 1304 provincial de Grecia. En 1311 dimitió voluntariamente del cargo de Maestro de la Orden. Murió en Bolonia el 19 de Agosto de 1327*” (Dominicos, 2024).

comisión de los S[eñor]es Inquisidores teste y borre lo prohibido deste libro”, seguido pelo nome do Vigário Esteban Juan Velasco, vigário de San Nicolás³² (Healey, 2017).

Essas ações de censura refletiam o esforço da Inquisição Espanhola para controlar a disseminação de ideias consideradas perigosas ou heréticas, mantendo a ortodoxia e a moralidade conforme os padrões estabelecidos pela Igreja Católica (Robert D. Farber, 2010). A censura visava proteger a fé católica daquilo que era percebido como ameaças à sua pureza e autoridade (Robert D. Farber, 2010).

São fatos que demonstram que o poeta passou de figura controversa, senão herética, para “profeta da esperança” na visão atual da Igreja, professada pelo Papa Francisco, refletindo uma reavaliação e reinterpretação da sua obra. Francisco afirma que “A viagem de Dante e a sua visão da vida além da morte não são simplesmente objeto duma narração, não constituem apenas um acontecimento pessoal” (Francisco, 2021, subtítulo 9). A mudança de percepção pode ser vista como parte de uma jornada mais ampla da própria Igreja para incorporar diferentes formas de expressão da fé.

Dante, assim, é símbolo da dinâmica na sociedade sobre como abordar a fé. Sua trajetória ilustra a interação entre cultura, arte e política, e como a Igreja evoluiu para uma compreensão mais inclusiva da fé e espiritualidade. Essa transformação espelha uma tendência mais ampla na sociedade, em que arte e cultura atuam como catalisadores para o discurso político e religioso, levando a uma compreensão mais inclusiva e multifacetada da fé e espiritualidade.

Como exemplo, a arte expressa na tapeçaria “O Abraço Cósmico”, do romeno ortodoxo Camilian Demetrescu, presente na Sala Protocolar de Audiências do Vaticano, retrata o cosmos e a humanidade impulsionados pelo amor divino e humano, ecoando as palavras de Dante e de Francisco (Francisco, 2021, subtítulo 5-6).

Confome Angeli (2022, p. 261), Camilian “*assume sin reservas el cambio copernicano*” e se apoia no mito, símbolo e sacralidade da fé cristã, e através de um léxico usado há um milênio fala ao homem do século XX e XXI com sua arte:

Sono convinto del ruolo che potrebbe avere il rilancio del simbolo visivo in un tempo come il nostro, dominato dall'immagine, per rinvigorire una catechesi limitata solo alla parola. Un ritorno ai grandi temi simbolici dell'iconografia

³² Tradução livre: Por ordem dos Senhores Inquisidores, risquem e apaguem o que está proibido nestas comédias de Dante, conforme a censura do Santo Ofício, hoje, 25 de maio de 1585. Fray Juan Vidal

medievale sarebbe salutare per la riscoperta dei significati della vita. (Demetrescu, 1995, p. 128 *apud* Angeli, 2022, p. 261)³³.

Ainda sobre a arte de Demetrescu, Mircea Eliade comenta sobre o que refere como “*uma antigua y, al mismo tiempo, nueva forma de arte, definida como realismo sacro*” (Angeli, 2022, p. 262), e sobre a proposta de recuperação dos valores, proposta pelo artista, significado e sentido desde a erroneamente chamada Idade Média, esclarecendo conceitos fundamentais:

O artista sabe, e quer dizer isso com sua arte, que todo evento cotidiano, aparentemente insignificante, comporta, na verdade, um significado simbólico, ilustra um simbolismo primordial, trans-histórico, universal; [...] A conversão artística de Demetrescu (sua última exposição que vi em Paris em 1978 era de obras chamadas abstratas, embora inspiradas em mitologias arcaicas) é legitimada por uma profunda conversão existencial [...] Demetrescu acredita que, ao encontrar esses sinais simbólicos e decifrar seu significado oculto, o homem de hoje poderia descer às fontes arquetípicas da experiência humana, para melhor compreender seu destino. E talvez ele não esteja errado (Eliade, 1981 *apud* Angeli, 2022, p. 262)

Para Angeli (2022, p. 263), Demetrescu “*enfrenta a los -ismos artísticos contemporâneos, al arte postmoderno y a las últimas tendencias como el post-human, entre otros*”.

Essa visão de Demetrescu e Eliade encontra respaldo nas palavras do Papa Francisco, uma vez que “o ser humano pode sempre, com a sua liberdade, escolher qual caminho seguir e qual sorte merecer” (Francisco, 2021, subtítulo 5), e em seu apelo à “arte figurativa e plástica [...] arte figurativa e da poesia” (Francisco, 2021, subtítulo 1), “arte da palavra” (Francisco, 2021, subtítulo 3), enfim “arte de todo o gênero” (Francisco, 2021, subtítulo 9), exprimir a palavra única que aparece 18 vezes na sua Carta, “o amor que move o sol e as mais estrelas” (Francisco, 2021, 9; *Par.* XXXII, 145).

Dante, defensor “da dignidade de todo o ser humano e da liberdade como condição fundamental tanto das opções de vida como da própria fé” (Francisco, 2021, subtítulo 5), mostra que “o caminho da liberdade e do desejo não traz consigo – como porventura se poderia imaginar – uma redução do humano na sua realidade concreta, não aliena a pessoa de si mesma, não anula nem negligencia o que constituiu a sua existência histórica” (Francisco, 2021, subtítulo 6). A interação entre cultura, arte e política se faz fundamental para uma compreensão inclusiva da fé. A evolução da Igreja reconhecendo expressões artísticas antes

³³ Em tradução livre: Estou convencido do papel que o relançamento do símbolo visual poderia ter em um tempo como o nosso, dominado pela imagem, para revigorar uma catequese limitada apenas à palavra. Um retorno aos grandes temas simbólicos da iconografia medieval seria saudável para a redescoberta dos significados da vida.

vistas como críticas, como Dante, demonstra uma abertura para diálogos amplos sobre a humanidade, liberdade e divino. Isso alinha-se à visão do Papa sobre a importância da dignidade humana e da liberdade, elementos essenciais para a vida e a fé, refletindo a arte e a cultura.

A análise da primeira parte da *Candor Lucis Aeternae* revela uma jornada de redescoberta e revalorização da obra de Dante pela Igreja ao longo do último século. O reconhecimento dos valores cristãos em sua obra, que antes era vista com suspeita e até hostilidade, marca uma transformação significativa. Essa evolução reflete uma abertura mais ampla da Igreja para diálogos culturais, políticos e artísticos, em busca de uma compreensão inclusiva da fé.

No entanto, a trajetória de Dante também ilustra como sua recepção no campo da razão e da crítica secular esteve frequentemente à mercê das circunstâncias históricas e das avaliações subjetivas dos homens no tempo. Enquanto sua obra se consolida como um clássico espiritual, com valores e mensagens que transcendem as eras, a percepção racional e crítica de seu trabalho variou ao longo dos séculos, moldada por contextos ideológicos e sociopolíticos específicos. Isso demonstra a dualidade de Dante: por um lado, um símbolo perene da espiritualidade cristã; e por outro, um autor cuja relevância racional e filosófica foi constantemente reavaliada à luz das mudanças históricas. Assim, Dante emerge como uma figura de profunda complexidade, cuja obra não apenas integra o humano e o divino de maneira única, mas também reflete a luta contínua entre a razão e a fé, entre a interpretação subjetiva e a verdade atemporal.

2 A JORNADA DE DANTE NA *CANDOR LUCIS AETERNAE*: ANÁLISE DAS PARTES 2 A 8

Neste capítulo, é explorada a reflexão do Papa Francisco sobre a vida, exílio e legado de Dante Alighieri. Ao citar passagens da Divina Comédia e destacar personagens que nela aparecem, o Papa Francisco, como observa o Cardeal Ravasi (2021) no Prefácio à Carta, ilustra as experiências e reflexões de Dante, transformando a Carta em um:

verdadeiro mapa essencial da obra do Poeta, a partir do núcleo germinal da própria biografia de Alighieri evocada em todas as suas etapas, especialmente na ‘melancolia dilacerante’ do exilado e peregrino, longe da amada e detestada Florença e dos ‘florentinos muito perversos’.³⁴

A análise que se segue desdobrar-se-á como Francisco entrelaça os desafios e as esperanças vivenciados por Dante com questões mais amplas de justiça, liberdade e fé, apresentando a Divina Comédia como obra literária que é espelho das lutas e aspirações humanas que transcendem o tempo e o espaço, da mesma forma que o poeta fez ao misturar personagens de diferentes épocas.

2.1 A reflexão do Papa Francisco sobre a Divina Comédia

Após o Papa Francisco apresentar na Carta Apostólica a recepção de Dante entre os pontífices do último século (Francisco, 2021, subtítulo 1), passa a explorar a vida e a obra do poeta. Exorta “comunicar as verdades mais profundas”, comentando que a Divina Comédia é marcada pela “profunda desilusão pela queda dos [...] ideais políticos e civis” de Dante, “juntamente com a penosa peregrinação duma cidade para outra à procura de refúgio e apoio”. Segundo o Pontífice, isso constituiria a “raiz essencial e [...] motivação de fundo” para sua escrita (Francisco, 2021, subtítulo 8), de forma que, nessa análise, é considerada para sua compreensão.

O Pontífice reconhece Dante como integrante da cultura ocidental, que remete às raízes cristãs da Europa. Refere que o poeta representa valores e ideais importantes para a convivência humana, também na atualidade (Francisco, 2021, subtítulo 2), através de “advertências e reflexões que ainda hoje são essenciais não apenas para os crentes, mas para

³⁴ “*La Lettera Apostolica si trasforma, così, in una vera e propria mappa essenziale dell’opera del Poeta, partendo dal nucleo germinale della stessa biografia dell’Alighieri evocata in tutte le sue tappe, soprattutto nella ‘struggente malinconia’ dell’esule e pellegrino, lontano dall’amata e detestata Firenze e dagli ‘scelleratissimi fiorentini’*” (Ravasi, 2021, n.p.).

toda a humanidade” (Francisco, 2021, subtítulo 2). É uma visão eurocêntrica e, portanto, também moderna e colonialista, que rotula negativamente o período medieval como ultrapassado e atrasado, ainda que o Papa valorize os ensinamentos atemporais presentes na obra de Dante.

O Pontífice menciona a mudança no sentimento de pertencimento do poeta em relação a Florença, destacando o conflito que se estabeleceu devido à dissensões políticas, destacando a disputa entre guelfos e gibelinos³⁵, exemplo clássico na política italiana dos séculos XII e XIII, de como os conflitos de poder, lealdade e ideologia podem fragmentar sociedades. Também enfatiza o exílio a que Dante foi submetido e sua condição de guelfo branco³⁶, o que o tornou um “peregrino pensativo” (Francisco, 2021, subtítulo 2), consequência da busca contínua de refúgio e proteção, justiça e felicidade. Enfim, uma disputa que demonstrou a complexidade e interconexão de política, poder, religião e identidade na Idade Média, e que moldou a sociedade e a cultura de forma duradoura.

Ao citar passagens e personagens da Divina Comédia, o Papa ilustra experiências e reflexões, mostrando que o exílio transformou Dante em um “paradigma da condição humana” (Francisco, 2021, subtítulo 2), refletindo-o como “cantor do desejo humano” (Francisco, 2021, subtítulo 4) em busca da visão divina, felicidade última (Francisco, 2021, subtítulo 6). O Papa exalta a relevância contínua da Divina Comédia, mencionando temas que aproximam migrações, alienação cultural, denúncia e crítica de Dante à corrupção e ao poder excessivo da Igreja, destacando a defesa da justiça e da dignidade humana, colocando Dante como um “profeta da esperança” (Francisco, 2021, subtítulo 3) e “poeta da liberdade humana” (Francisco, 2021, subtítulo 5).

Além disso, o Papa ainda escreve que Dante não dirige sua denúncia somente à Igreja, mas aos crentes que, traindo Cristo, “transformam a Igreja num instrumento em prol dos próprios interesses, esquecendo o espírito das Bem-aventuranças e a caridade para com os pequenos e os pobres e idolatrando o poder e a riqueza” (Francisco, 2021, subtítulo 3).

³⁵ Os guelfos e os gibelinos foram duas facções políticas que se enfrentaram na Itália medieval durante os séculos XII e XIII. A rivalidade entre esses grupos refletia conflitos de poder mais amplos na Europa, envolvendo o Papado e o Sacro Império Romano-Germânico. A rivalidade entre guelfos e gibelinos resultou em vários conflitos armados, com cidades italianas frequentemente divididas entre as duas facções. Algumas cidades podiam mudar de aliança ao longo do tempo, dependendo de quem estivesse no poder. A luta pelo poder entre essas facções contribuiu para a fragmentação política da Itália, com cidades-estado frequentemente em guerra umas com as outras.

³⁶ Uma diferença interna entre os guelfos, os brancos representavam as classes mercantis e a alta burguesia, defendiam a independência de Florença e eram críticos da influência excessiva do Papa. Os negros representavam as famílias aristocráticas tradicionais e a velha nobreza, apoiando a forte influência papal e a preservação de seus privilégios.

Mencionando a tríade feminina formada por Beatriz (musa de Dante), Luzia (devoção do poeta) e Maria (a Virgem) (Francisco, 2021, subtítulo 7), o Papa valoriza a presença feminina como crucial na peregrinação próspera do poeta no além. Beatriz é apresentada numa concepção trinitária, nessa viagem do poeta que é tanto física como espiritual, unindo amor terreno e humano, uma transumanção (João Paulo II, 1985 apud Francisco, 2021, subtítulo 8). O Cardeal Ravasi (2021) no prefácio à Carta, enfatiza as colocações do Papa, ressaltando que a importância das três figuras femininas (Beatriz, Maria e Luzia) está na fé, esperança e caridade. Luzia, a mártir siracusana, é a intercessora que aparece em momentos chave da narrativa do poeta, seja no *Inf.*, II, v. 97-100, quando encoraja Beatriz a salvar Dante, no *Purg.* IX, v. 55, em que tem influência direta e ativa sobre o poeta, e no *Par.*, XXXIII, v. 137, quando presente na cândida rosa dos bem-aventurados (Francisco, 2021, subtítulo 8). O Papa exalta Maria, símbolo de caridade, e a contemplação de São Bernardo, que a descreve como “rosto que se assemelha a Cristo” (Ravasi, 2021, n.p.; *Par.*, XXXII, v. 85-86).

Portanto, a reflexão do Papa Francisco sobre a vida, o exílio e o legado de Dante Alighieri, conforme exposta na Carta Apostólica, sublinha a relevância atemporal do poeta na cultura ocidental e cristã. Como dito, embora a postura do Pontífice possa ser vista como moderna e eurocêntrica, ele valoriza os ensinamentos cristãos perenes presentes na obra medieval. Reconhecendo Dante como um paradigma da condição humana e um crítico incisivo da corrupção e do poder excessivo, Francisco posiciona-o como um profeta da esperança e poeta da liberdade humana. Além disso, a valorização da tríade feminina de Beatriz, Luzia e Maria enfatiza a união entre amor terreno e espiritual, essencial na jornada do poeta.

Na obra de Dante Alighieri, especialmente na Divina Comédia, o feminino ocupa um papel crucial, tanto no plano espiritual quanto no simbólico. A passagem referida, na qual o Papa Francisco menciona a contemplação de São Bernardo à Maria, que a descreve como “rosto que se assemelha a Cristo” (*Par.*, XXXII, v. 85-86), oferece uma rica oportunidade para refletir sobre a representação do feminino na obra de Dante, em que ela surge como arquétipo do feminino espiritual, guia espiritual e intelectual, mediadora entre o humano e o divino e alguém cujo rosto assemelhado a Cristo garante a ela o reflexo do divino, colocando-a em pé de igualdade com o masculino. Assim, a mensagem de Dante é para toda a humanidade, oferecendo lições valiosas sobre justiça, dignidade e esperança em meio às adversidades, um foco frequentemente presente nas questões políticas e sociais.

2.2 A Autoridade da Igreja e a liberdade humana na visão do Papa Francisco em diálogo com Dante Alighieri

Como já tratado no primeiro capítulo, o Papa Francisco começa sua análise da recepção do poeta a partir do Papa Bento XV (1914-1922), referindo-se também, indiretamente, aos Papas anteriores, Leão XIII (1878-1903) e Pio X (1903-1914). No entanto, foi entre 1846 e 1878, sob o Papa Pio IX, que ocorreu uma reafirmação da autoridade da Igreja, fato do século XIX que merece destaque. A Encíclica *Quanta Cura* (1864) e o Concílio Vaticano I (1870) surgiram como respostas críticas à modernidade, incluindo a crítica ao comunismo e ao liberalismo. Esse tema volta à discussão, pois Pio IX reforça a infalibilidade papal, em um momento em que se exaltava o ultramontanismo, um movimento que defendia a supremacia do papado em Roma, ao passo que estabelecia uma hierarquia para um catolicismo identitário e supranacional. Esse ultramontanismo contrariava os nacionalismos, valorizando uma identidade católica apostólica romana.

O Concílio Vaticano I promovido pelo Papa Pio IX foi de cunho altamente político e midiático, e enfrentava a oposição de “bispos do império Austro-húngaro, os alemães, aproximadamente a metade dos franceses, e um bom número de americanos e orientais”, além dos bispos italianos do Piemonte (Abadías, 2017, p. 127).

Contextualmente, desde 1849, as tropas de Napoleão III defendiam os Estados Pontifícios contra as tropas garibaldinas e de Vitor Emanuel II, que pretendia anexar tais Estados ao Reino da Itália, criado em 1861 (Abadías, 2017). Com a guerra franco-prussiana, a garantia foi retirada e as tropas garibaldinas ocuparam militarmente os Estados Pontifícios, causando a suspensão do Concílio *sine die*, por Pio IX (Abadías, 2017). Mesmo assim, as constituições dogmáticas *Dei Filius*³⁷, harmonizando a fé e a razão, e a *Pastor Aeternus*³⁸, ambas de 1870, fortaleceram a Igreja frente ao liberalismo e modernismo, marcando de forma contundente a Igreja do século XIX (Abadías, 2017).

A formação dos Estados Nacionais, como a unificação da Alemanha e da Itália, coincidiu com a imigração para o Brasil, principalmente se considerados os estados do sul, exacerbando a construção das raízes europeias do Brasil, e movimentos de independência na América Latina, inspirados pelos ideais das Revoluções Francesa e Americana.

³⁷ COSTITUZIONE Dogmatica *Dei Filius* del Sommo Pontefice Pio IX. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700424_dei-filius_it.html. Acesso em: 10 ago. 2024.

³⁸ COSTITUZIONE Dogmatica *Pastor Aeternus* del Sommo Pontefice Pio IX. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700718_pastor-aeternus_it.html. Acesso em: 10 ago. 2024.

Na Carta Apostólica, o Papa Francisco exorta, “com as linguagens próprias da arte, difundir mensagens de paz, liberdade, fraternidade” (Francisco, 2021, subtítulo 9), em um momento histórico que julga “particular, marcado por muitas sombras, por situações que degradam a humanidade, por falta de confiança e de perspectivas para o futuro”, afirmando que Dante pode nos alcançar “palavras e exemplos que estimulam o nosso caminho” (Francisco, 2021, subtítulo 9).

O Papa Francisco considera Dante “o poeta da misericórdia de Deus e da liberdade humana” (Francisco, 2021, subtítulo 5), destacando que a liberdade é base necessária “tanto das opções de vida como da própria fé” (Francisco, 2021, subtítulo 5). Segundo o Pontífice, essa liberdade, que é o maior dom de Deus aos homens, permite que as escolhas humanas, por menores que sejam, tenham impacto eterno. Embora a liberdade não seja um fim em si mesma, ela é condição para a busca contínua da felicidade e da visão de Deus (Francisco, 2021, subtítulo 5). O Papa também reflete como ela se manifesta na oração e na relação divina, citando a paráfrase do Pai Nosso, que Dante utiliza no Purgatório (*Purg.* XI, 1-21), como um exemplo de confiança em Deus (Francisco, 2021, subtítulo 5). Dessa forma, o Papa Francisco celebra essa liberdade iluminada pela misericórdia divina, sugerindo que ela se manifeste de diversas formas, desde que centrada em Deus e na busca da realização espiritual.

Essa celebração da liberdade e da justiça humana na obra de Dante ressoa com os desafios enfrentados pela Igreja ao longo da história, particularmente durante o período do ultramontanismo, quando a autoridade papal foi reafirmada em resposta às pressões da modernidade. A formação dos Estados Nacionais coincidiu com movimentos de independência na América Latina, moldando a relação entre religião e política. Nesse cenário, a liberdade de culto e a expressão individual da fé ganharam ainda mais relevância, especialmente quando vistas como um contrapeso à instrumentalização política da religião.

Assim, o Pontífice, ao celebrar a liberdade humana iluminada pela misericórdia divina na obra de Dante, também reconhece a complexidade das relações entre a Igreja, os Estados Nacionais e as questões políticas. Ele sugere que, apesar das estruturas políticas e das autoridades eclesiásticas, a verdadeira liberdade de culto deve permanecer centrada em Deus e aberta à busca pessoal e espiritual, permitindo que a fé se manifeste de maneiras diversas e significativas para cada indivíduo, algo que se pode observar na experiência narrada por Dante na Divina Comédia.

Entretanto, é fundamental reconhecer que o conceito de liberdade é, ao mesmo tempo, histórico, filosófico e político, assumindo diferentes significados conforme os contextos culturais e temporais, e, portanto, está sujeito a constantes transformações. Durante séculos, o

Cristianismo manteve uma distinção entre a liberdade da alma e a escravidão do corpo, com a verdadeira liberdade sendo concebida como algo alcançável somente na vida após a morte (Silva, 2014). Esta perspectiva, que ecoa a filosofia estoica³⁹, foi defendida pela Igreja Católica na América colonial, similarmente à aceitação da escravidão na Grécia clássica (Silva, 2014).

Na contemporaneidade, o conceito de liberdade inclui tanto a ausência de dominação jurídica quanto a noção de liberdade espiritual (Silva, 2014). As contradições e desigualdades sociais presentes no Brasil oitocentista, bem como aquelas que ainda persistem na atualidade, indicam que a liberdade continua a ser um tema essencial para o debate e reflexão, demonstrando sua complexidade e as diversas interpretações ao longo do tempo (Silva, 2014).

2.3 Reinterpretações da Modernidade: influências culturais e religiosas

A partir do século XIX, em meio ao movimento cultural do romantismo, emergiu o medievalismo como uma reação ao modernismo. Esse movimento resgatava elementos da Idade Média em diversas áreas, como literatura, arquitetura, historiografia, influenciando tanto a cultura como a religião. Um exemplo é a história de Pia de Tolomei, mencionada por Dante Alighieri no *Purg.* V da Divina Comédia. Diversos artistas do século XIX recontaram essa história de traição no Castelo de Maremma, na Itália, ilustrando a persistência do imaginário medieval em plena modernidade⁴⁰.

Releituras da obra de Dante, a exemplo, inspiraram várias personalidades da época, como Augusto Comte, fundador do positivismo. Segundo Wagner Sanz⁴¹ (2017), Comte lia tanto A imitação de Cristo quanto a Divina Comédia de Dante, em culto privado. Embora não haja evidências diretas de que a obra de Dante tenha inspirado a formação do templo positivista de Porto Alegre, por Miguel Lemos em 1881, sabe-se que a Divina Comédia

³⁹ Escola fundamentada nas leis da natureza, fundada por Zenão de Cítio, na Antiguidade.

⁴⁰ Exemplos dessas obras são: Pia de Tolomei e Nello dela Pietra, Cesare Maffei, Palazzo Granducale di Siena (Piazza del Duomo); Giuseppe Frasccheri (1809-1886) - Pia De Tolomei ; Pompeo Molmenti - Pia de' Tolomei Being Led to Maremma – 1853; Pia dei Tolomei condotta al castello doi Maremma Vincenzo Cabianca (1827-1902); Carlo Arienti (1801 – 1873) Pia de Tolomei; Pia de' Tolomei. 1846; Eliseo Sala (1813 – 1879) Eliseo Sala, Malinconia o Pia de' Tolomei; Enrico Pollastrini (1817-1876); Gustave Doré, Pia de Tolomei, Dante e Virgílio

⁴¹ Wagner Sanz é professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG). Ele participou de uma entrevista concedida por Michel Bourdeau, um pesquisador do Institut d'Histoire et de Philosophie des Sciences da Université Paris 1 e do Centre National de la Recherche Scientifique, e uma das maiores autoridades contemporâneas sobre a obra de Auguste Comte. Na entrevista, Bourdeau discutiu a interpretação moderna da filosofia de Comte, destacando tanto os aspectos conservadores quanto as "coisas bizarras" de sua filosofia, especialmente na segunda fase de sua trajetória, quando Comte desenvolveu a "religião da humanidade." Além disso, Bourdeau ressaltou a relevância da crítica de Comte ao liberalismo e a importância dos afetos, da ciência e da liberdade em sua obra (Sanz, 2017).

influenciou as exposições do Templo da Humanidade, construído por Miguel Lemos e Teixeira Mendes, no Rio de Janeiro (Lins, 1966). A religião da Humanidade de Comte, celebrada nesses templos, afastava-se de elementos sobrenaturais e focava no desenvolvimento da espiritualidade humana com base nas ciências clássicas, visão que, paradoxalmente, encontra ecos na obra de Dante, ainda que inserida em um contexto teológico tradicional (Lins, 1966). O templo do positivismo no Rio de Janeiro apresenta-se da seguinte forma:

Do lado direito, Moisés recorda a teocracia inicial; em seguida, Homero personifica os primórdios da poesia; depois Aristóteles – a filosofia dos antigos; Arquimedes – a sua ciência; César – a civilização militar; São Paulo – o catolicismo e, finalmente Carlos Magno – a civilização feudal. No lado esquerdo é glorificado o evoluer da Humanidade nos tempos modernos, e o primeiro a aparecer é Dante, encarnando a poesia épica; depois Gutenberg – a indústria; Sheakespeare – o drama; Descartes – a filosofia; Frederico II – a política; Bichat – a ciência e, por fim, no décimo quarto nicho, Heloísa relembra a mulher santificada pelo amor. (Lins, 1966)

Corroborando esse paralelo, Ruggiero (2023, p. 166) destacam que durante as comemorações do sexto centenário da morte de Dante, em 1921, uma conferência no Templo Positivista do Rio de Janeiro celebrou o evento com o título “Beatriz e Dante como precursores de Clotilde e Comte”, sugerindo que Dante inspirou modelos culturais que sustentaram a política republicana brasileira⁴².

Entretanto, Comte criticava a religião católica, afirmando que o catolicismo não era a religião do amor, mas do egoísmo, pois cada um pensa na sua própria salvação (Sanz, 2017). Nos Estados Unidos, a reação foi mais ortodoxa, enfatizando a inerrância bíblica, uma controvérsia que persiste no debate teológico atual. Essa reação americana, embora buscasse conciliar razão e fé sem renúncia à modernidade, acabou ensejando uma ciência verdadeira e uma falsa ciência, a última assim definida quando discordante do texto bíblico.

Movimentos protestantes e católicos se encontraram na América Latina no século XIX, principalmente no Brasil. Os protestantes aceitavam o progresso, mas rejeitavam o que

⁴² Miguel de Lemos, fundador da instituição, chamada de Templo da Humanidade, foi um dos principais incentivadores do positivismo no Brasil, juntamente com Benjamin Constant e Raimundo Teixeira Mendes. Os ideais de ordem e progresso, a preocupação com a moral, e o sentido de evolução da corrente positivista encaixavam-se muito bem nos ideais republicanos e abolicionistas brasileiros, e fundamentaram, assim, a construção da República Federativa do Brasil. A legitimação da República recém instaurada utilizou-se de diversos elementos constantes da doutrina positivista, e teve como ápice de sua influência a inscrição do lema “Ordem e Progresso” na bandeira nacional. A ideia para a constituição da bandeira foi dada por Teixeira Mendes, então presidente do Apostolado Positivista do Brasil, com colaboração de Miguel de Lemos e de Manuel Pereira Reis, catedrático de astronomia da Escola Politécnica. Representavam-se, assim, os ideais republicanos, que tinham como intuito primordial promover a ordenação e o desenvolvimento do país, buscando escapar do atraso representado pelo extinto governo imperial (Biblioteca Nacional, 2009).

negava a autoridade das escrituras, enquanto os católicos rejeitavam toda a modernidade, inclusive os protestantes, com olhos voltados ao retorno de uma Idade Média idealizada.

Esse processo de idealização, iniciado no século XIX, continuou no século XX e pode ser observado no século XXI, conforme as menções do Papa Francisco. Embora na Carta Apostólica o Papa refira Dante como “um homem do seu tempo e possua sensibilidade diferente da nossa em alguns assuntos” (Francisco, 2021, subtítulo 9), ele trata do acolhimento do testemunho de Dante, pois “seu humanismo é ainda válido e atual e pode certamente constituir um ponto de referência para aquilo que queremos construir no nosso tempo” (Francisco, 2021, subtítulo 9).

Interpretando, a Carta Apostólica do Papa Francisco, de 25 de março de 2021, destaca a Encarnação como o momento em que Deus entrou na história, enquanto a Eucaristia relembra a natureza eterna de Deus. A importância da Encarnação para Dante é sublinhada pelo Papa ao mencionar o início do ano em Florença, com a Anunciação, fato destacado na obra de Dante, mencionando São Bernardo no final da Divina Comédia, refletindo sobre o “acontecimento da Encarnação” (*Par. XXXIII, 7-9*; Francisco, 2021, introdução), ou seja, o “sim” de Maria.

Assim, em 22 de fevereiro de 1300, Bonifácio VIII, através da bula *Antiquorum habet* estabeleceu o considerado primeiro jubileu da Igreja. A Bula *Antiquorum habet*, emitida por Bonifácio VIII em 1300 para promulgar o primeiro Jubileu, utilizou a datação “*Anno Domini*”, reforçando a prática de contar os anos a partir do nascimento de Cristo, mas não alterou diretamente o início do ano litúrgico em todas as regiões. Em Florença, por exemplo, o ano tradicionalmente começava em 25 de março, relacionado à Anunciação de Maria. A transição do início do ano de 25 de março para 1º de janeiro ocorreu posteriormente, especialmente com a adoção do calendário gregoriano em 1582. Contudo, em Florença, o início do ano civil era marcado pela festa da Anunciação de Maria (25 de março), associada tanto à criação do mundo quanto à redenção realizada por Cristo na cruz, início da nova criação (Francisco, 2021, introdução). A ênfase da expressão “*Anno Domini*” por Bonifácio VIII não indica que ele foi o primeiro a utilizá-la, mas sim que seu uso no contexto do Jubileu de 1300 teve um impacto significativo em reforçar e disseminar essa prática. Enfim, a menção desse fato pelo Papa Francisco demonstra uma forma de sublinhar a importância histórica do Jubileu e o papel de Bonifácio VIII na consolidação dessas tradições.

Mas a abertura de portas santas, o primeiro “perdão” cristão estabelecido aos moldes de Bonifácio, não ocorreu em 1300. Outro jubileu ocorreu em Santa Maria de Collemaggio,

em Áquila, com a consagração da Porta Santa, em 29 de setembro 1294, pelo Papa Celestino, através da bula *Inter Sanctorum Solemnia* (Celestino V, 1294).

Celestino é conhecido como o Papa da renúncia. Segundo intérpretes e traduções estudadas, é a personagem referida no *Inf.* I, v. 59-60, de Dante. Após sua renúncia, foi exilado por Bonifácio VIII e faleceu em 1296. A Bula de Celestino previa uma indulgência plenária para os visitantes da Igreja de Santa Maria di Collemaggio em L'Aquila, onde São João Batista, representado no florim de Florença, era o santo venerado como precursor de Cristo (Lucas 1:76; Mateus 11:10). Em 1300, Bonifácio VIII proclamou o Jubileu, associando-o à veneração do Véu de Verônica, que mostra o rosto de Cristo, destacando sua humanidade; João Batista, assim, venerado como santidade, enquanto o véu demonstrava, de Cristo, a humanidade.

Percebemos que essa centralidade do rosto de Cristo é também sublinhada na Carta Apostólica do Papa Francisco, em que ele reflete sobre a importância da Encarnação e da Eucaristia na revelação da natureza divina e humana de Cristo (Francisco, 2021). Da mesma forma, Dante, na Divina Comédia, em várias passagens, incluindo sua visão beatífica no *Paraíso* (Par. XXXIII), reflete sobre a face divina como o clímax de sua jornada espiritual, em que a humanidade de Cristo é plenamente revelada e venerada. Assim, essa corporalidade de Cristo, em ambas as obras, é um símbolo profundo de sua encarnação e da redenção oferecida à humanidade.

Bonifacio VIII se vio inducido a crear este gran instrumento espiritual del jubileo cristiano quizás también porque unos años antes, en 1291 con la caída de San Juan de Acre, el gran sueño de las cruzadas llegó a su fin al menos para ese período y en cierto sentido con el Jubileo cristiano, Roma se convierte en una nueva Jerusalén, adquiere una nueva centralidad dentro del ámbito espiritual. Creo que es la coincidencia entre el fin de las cruzadas medievales, con la caída de San Juan de Acre, y el fin del Reino de Jerusalén, es un pasaje sumamente importante. (Paravicini apud Morciano, 2024)

Essa ideia de uma nova Jerusalém é ponto interessante de se comentar, muito embora a superficialidade ao tratar sobre ela nos próximos três parágrafos, aqui, responde à necessidade de se evitar digressões. Mas como corresponde a um desejo, inclusive relacionado à religiosidade, cabe comentar que ele, enquanto desejo, não teria sido só de Roma. Também foi intenção de Áquila, ligada à Sicília e depois Nápoles. Enquanto a construção de Collemaggio responde a um sonho de Celestino, que viu ali uma escada para o céu, na qual anjos subiam e desciam e no alto estava a Virgem Maria, a Igreja de São Jorge, em Lalibella, construiu suas escadas do subterrâneo ao solo. A datação daquelas 11 Igrejas lá existentes varia do século

VII ao XIII, mas as mais interessantes são as do século XII. Lalibella, o então rei etíope, buscou criar uma Nova Jerusalém em sua região para acolher os cristãos após 1187, pouco antes de Jerusalém ter sido conquistada por Saladino, personagem que Dante refere no Canto IV do Inferno (*Inf.* IV, v. 129), no Limbo, próximo à Cornélia, filha de Cipião Africano, ele cuja notoriedade é destacada pelo Papa Francisco na Carta Apostólica e logo será tratada nessa dissertação.

Os Zaguês dedicavam-se a reconstruir em terras abissínicas a glória de Jerusalém, com Iemereana-Cristos sendo o primeiro rei e sacerdote a “devotar-se com afinco à construção de igrejas talhadas na pedra” (Costa e Silva, 2021, I, p. 284-285). De acordo com Costa e Silva (2021, p. 286), as paredes de algumas dessas Igrejas:

são notáveis [...] espalham-se as imagens de santos e anjos e as cenas bíblicas, expressas num dialeto de Bizâncio, em tudo semelhante ao [...] Ocidente europeu, [...] romântico. A precisão e a nitidez do contorno das figuras, o dramatismo hierático [...] e a ingenuidade anedótica [...] aproximam-nas da pintura catalã dos séculos XII e XIII. Foi, aliás, por essa época que se começaram a pintar, de forma semelhante, as igrejas escavadas na rocha no Tigré. Algumas das pinturas em pilastras e arcos desses últimos templos – note-se de passagem – quase poderiam ser intercambiadas pelas do Panteão Real de Santo Isidoro, em Léon.

Silva (2021) refere que os santuários construídos por Lalibela, o *negus* da dinastia Zagué, demonstravam intenso fervor religioso da Etiópia naquele momento. “O volume de peregrinos [...] aumentou sobretudo depois que Saladino, em 1189, expulsou os cruzados de Jerusalém e entregou aos etíopes a igreja da Verdadeira Cruz”⁴³ (Costa e Silva, 2021, v. I, p. 286). Foi na época dos zagué que, além da pintura e escultura, também surgiu a iluminação de livros e um “forte movimento de criação literária, cujo auge marcará os séculos XIV e XV” (Costa e Silva, 2021, v. I, p. 287).

O comentário é traçado aqui, pois envolve também, além do desejo, os peregrinos, Maria, Cristo e, de certa forma, Bonifácio VIII, significativos em Dante e na Carta Apostólica do Papa Francisco.

Voltando aos Jubileus, o Papa Francisco, em maio de 2024, proclamou o ano de 2025 como Ano Santo Jubilar Ordinário, cuja Bula de proclamação é “A esperança não decepciona”. Nela, o Pontífice recorda:

⁴³ Continuando a citação: “Lá iam eles, Egito acima, em grupos de milhares de pessoas, a cantar, a rufar tambores e a acenar bandeiras. Bem menor era o número dos que regressavam: os que conseguiam escapar das doenças, das tribos inimigas, dos bandidos e dos mercadores de escravos” (Costa e Silva, 2021, v. I, p. 287).

dois importantes aniversários: a celebração em 2033 dos dois mil anos da Redenção e os 1700 anos do primeiro grande Concílio Ecumênico de Nicéia, que entre outros temas tratou também da definição da data da Páscoa. Ainda hoje, ‘posições diferentes’ impedem a celebração no mesmo dia do ‘o evento fundante da fé’, ressalta, lembrando que, no entanto, ‘por uma circunstância providencial, isso acontecerá precisamente no ano de 2025’. (A Esperança, 2024)

Francisco foi o primeiro Pontífice, 728 anos após Celestino V, em 1294, a abrir as Portas Santas de Áquila, orando pela renovação da Igreja, no ano de 2022. Na Homilia (2022), referiu o poeta descrevendo Celestino como o homem da “grande recusa”, contudo retificou dizendo que Celestino V não deveria “ser lembrado como um homem de ‘não’” – por renunciar ao papado – mas como um homem de “sim”. Afirmando que Celestino foi uma testemunha corajosa do Evangelho, destacou que “nenhuma lógica de poder o conseguiu aprisionar e gerir. Nele admiramos uma Igreja livre da lógica mundana e plena testemunha daquele nome de Deus que é Misericórdia” (Francisco, 2022, *online*).

As diferentes concepções de tempo e história refletem variadas perspectivas religiosas. Hoje, alguns grupos continuam a enfatizar a escatologia e a espera pelo retorno de Jesus, enquanto outros, dentro do catolicismo, buscam idealizar o passado medieval. Assim, há uma distinção entre a permanência dos valores medievais e a aspiração de retorno a um passado medieval idealizado.

A interação entre a modernidade, a Igreja e o legado cultural e espiritual da Idade Média demonstram como, apesar dos avanços modernos, o medievalismo e o pensamento cristão continuam a influenciar profundamente a sociedade, especialmente no contexto dos movimentos românticos e medievalistas dos séculos XIX e XX. A figura de Dante Alighieri e sua obra, *A Divina Comédia*, exemplificam a persistência de valores e imaginários medievais na cultura e na religião contemporâneas. Esses elementos foram não apenas preservados, mas também reinterpretados e incorporados em diversos movimentos culturais, filosóficos e políticos ao longo do tempo.

No contexto da Igreja, o estudo destaca a continuidade e a adaptação das tradições e símbolos medievais, evidenciada pela permanência de práticas como a celebração do Jubileu, e rupturas, pela maneira como figuras históricas, como Bonifácio VIII e Celestino V, são reinterpretadas para se adequar aos valores contemporâneos.

A narrativa também aborda a influência do positivismo de Augusto Comte e como a obra de Dante impactou, direta ou indiretamente, tanto a cultura laica quanto a religiosa no Brasil e em outras partes do mundo. Dessa forma, fica evidente que o legado medieval, especialmente através de Dante, continua a moldar e a inspirar a cultura e o pensamento.

A interpretação aqui proposta ilustra como a modernidade, ao buscar novos caminhos, também se voltou ao passado, resgatando e reinterpretando elementos medievais. A Igreja, por sua vez, continuou a utilizar esses elementos, seja para reafirmar sua autoridade ou para adaptar suas mensagens aos desafios contemporâneos, como faz o Papa Francisco ao dialogar com o legado de Dante para abordar questões atuais de espiritualidade e moralidade.

As palavras e ações do Papa Francisco, conforme analisadas no texto, revelam uma liderança que honra a tradição da Igreja Católica enquanto se adapta às necessidades e desafios contemporâneos. O Pontífice usou o legado cultural e teológico do poeta para iluminar aspectos fundamentais da fé cristã, como a Encarnação, a Eucaristia e o Amor.

Além disso, o Papa demonstra uma forte inclinação para a inclusão, compaixão e justiça social em seus discursos, inclusive quando seus comentários aventam migrações, peregrinações. Sua abordagem equilibra a crítica ao passado com uma visão esperançosa e humanista para o futuro, buscando sempre conciliar tradição e modernidade em sua liderança espiritual.

2.4 Exílio, Humanismo e a Aceitação do Outro: reflexões do Papa Francisco sobre Dante Alighieri

Na Carta Apostólica, o Papa Francisco destaca Dante como profeta da esperança, enfatizando sua importância como paradigma da condição humana (Francisco, 2021, subtítulo 3). O Pontífice ressalta a necessidade de contextualizar historicamente a vida de Dante, evidenciando a dimensão humana. Embora a esposa e os quatro filhos do poeta não sejam mencionados na Divina Comédia, o Papa cita essas figuras que, por interpretação, sublinham a humanidade de Dante, que enfrentou as agruras do exílio. Francisco também cita outras figuras históricas que desempenharam papéis fundamentais na vida durante seu exílio, como os Scaligeri de Verona, especialmente Cangrande della Scala (*Par.* XVII, 70-93), a quem o poeta dedicou o terceiro livro da Divina Comédia, “Paraíso”, através da Epístola XIII. Cangrande foi anfitrião de Dante durante o exílio, um período profetizado nas linhas da Divina Comédia por Cacciaguida, ascendente de Dante que, na narrativa, encontra no Paraíso (*Par.* XV-XVII).

Além de Cangrande, o Papa Francisco faz referência aos Malaspina da Lunigiana, mencionados no *Purg.* VIII através de Corrado Malaspina, que na Divina Comédia profetiza o exílio de Dante junto àquela família, sete anos após o encontro no além.

O Pontífice destaca a importância das Epístolas escritas por Dante, como as de número III, V, VI e VII, em que o poeta se define como “*florentinus et exul inmeritus*” (florentino em imerecido exílio). Na carta XIII, dirigida a Cangrande della Scala, Dante se refere a si mesmo como “*florentinus natione non moribus*” (florentino de nascimento, não de costumes), expressando certa alienação cultural.

Outro anfitrião de Dante, mencionado pelo Papa Francisco, é Guido Novello da Polenta, o último a acolher o poeta em Ravenna, onde Dante faleceu em 1321, ao retornar de uma missão diplomática em Veneza. Embora Guido não apareça diretamente na Divina Comédia, sua família e Ravenna são mencionados no *Inf.* XXVII, v. 40-48. No mesmo Canto outra personagem, Guido de Montefeltro, gibelino, relata que “à aproximação da velhice tornou-se um frade franciscano com o fito de salvar a sua alma” (Alighieri, 2019, notas do tradutor, p. 181), marcando as complexidades das alianças políticas e religiosas da sua época.

Essas menções sublinham a importância do exílio na vida de Dante e a complexa relação que ele manteve com a política de sua época. Mesmo em lados opostos, sendo os Scaligeri gibelinos e os Malaspina, guelfos, ambos ofereceram refúgio ao poeta. Francisco cita versos que refletem a amargura dessa condição: “Deixarás toda a cousa que é diletta [...] / Tu provarás assim sabor a sal / do alheio pão e como é duro mal / se desça escada alheia ou já se escale” (*Par.* XVII, 55-60; Francisco, 2021, subtítulo 1).

Observamos que a análise de Francisco vai além da simples menção aos exílios físicos. Há conexões mais amplas entre a vida de Dante e a “cultura multimidiática” contemporânea (Francisco, 2021, subtítulo 9). O Papa Francisco enfatiza a necessidade de uma compreensão mais profunda e equilibrada dos eventos históricos, destacando que a fragmentação da informação e a polarização social evidentes no passado do poeta encontram similaridade nas informações refletidas nas mídias sociais atuais. Durante a época de Dante, cronistas como, por exemplo, Saba Malaspina, muitas vezes eram ambivalentes em seus relatos, e provavelmente influenciavam percepções de legitimidade através de suas crônicas. Saba, por exemplo, elogiou figuras importantes como Gian Gaetano Orsini (Papa Nicolau III) que, ao contrário, Dante condenou ao *Inf.* XIX, pela venda de indulgências e posições eclesiásticas. Para compreender melhor a menção aos Malaspina, retomemos brevemente o contexto político de disputa entre guelfos e gibelinos na Itália, no final do século XIII.

Para exemplificar, citamos um evento significativo relacionado ao destino da Sicília que, em 1283, reuniu Carlos I de Anjou e Pedro III, o Grande, de Aragão. Ambos se

encontrariam em Bordeaux⁴⁴, então domínio de Eduardo I da Inglaterra (Colomer Pérez, 2021), pois, “em dezembro de 1282, Carlos de Anjou e Pedro de Aragão desafiaram-se para um duelo. Colocaram o destino da Sicília nas mãos de Deus [...] O Papa os ameaçou espiritualmente” (*Ministerio de Cultura – Gobierno de España*, 2024).

Sobre a situação, referimos que o Papa Martinho IV proibiu o duelo sob pena de excomunhão, embora Pedro III já estivesse excomungado. Também, o duelo, se realizado, contradiria a decisão papal, que já favorecia Carlos I de Anjou, além de contrariar a nobreza siciliana que, através de acordos, já havia decidido por Pedro, o Grande, para reinar na Sicília. Nesse sentido é que se compreende que o evento ocorrendo e proporcionando a vitória de um deles, deixaria a decisão nas mãos de Deus. O evento chamou a atenção dos cronistas, num debate em que cada lado defendia sua ideologia e comentava sobre qual dos reis havia honrado ou traído naquela situação (Colomer Pérez, 2021).

De forma concisa, Carlos I de Anjou “teria armado” uma cilada, e Pedro III ao “descobrir”, teria aparecido sob disfarce, atestando sua presença através da assinatura de um documento público. Supostamente, o contexto todo teria sido uma armação entre a Inglaterra e Aragão (Munaner, 2011, p. 162 *apud* Colomer Pérez, 2021, p. 72) contra Carlos I de Anjou.

Essa polêmica envolvendo a disputa entre Carlos I de Anjou e Pedro III de Aragão exemplificava a difusão de opiniões, corretas ou não, o que para nós é de fácil compreensão, pois presentes nas discussões políticas e sociais atuais, em meio à enxurrada de informações a que estamos expostos, principalmente pelas mídias sociais, geralmente adeptas a uma ou outra corrente, nos mais variados campos do conhecimento, criando bolhas de informação que, não raro, geram comportamentos maniqueístas, dificultadores do diálogo. Guifré Colomer Pérez (2021) argumenta que, nessas crônicas, alegações eram usadas para difamar ou defender reis, e como o duelo não havia acontecido, o centro do debate recaiu sobre a honra dos envolvidos. Do fato acima tratado, uma das primeiras crônicas contemporâneas aos feitos é justamente de Saba Malaspina, autor que se colocou em contradição, pois criticava a emboscada, mas julgava o rei por ter fugido, salientando que o adversário da Igreja era Pedro, a favor do rei Carlos, como seu defensor (Colomer Pérez, 2021).

⁴⁴ Bordeaux (Bordéus) do século XII ao XV foi inglesa, por causa do casamento de Eduardo I Plantageneta (ou IV, Pernas Longas ou Martelo dos Escoceses) e Eleanor de Aquitânia (ou de Castela). Depois do seu sucessor, Eduardo II, foi durante o reinado de Eduardo III que iniciou a Guerra dos Cem Anos, forte influência ao surgimento das nações europeias. Seu início remonta a Ricardo Coração de Leão, cujo pai, Henrique II, inglês, conquistara a Escócia e a Irlanda, herdando províncias de Anjou e da Normandia, além das terras pertencentes a Leonor da Aquitânia, que fora casada com o Rei Luís VII da França. Ricardo Coração de Leão se tornou rei da Inglaterra em 1189.

Segundo Colomer Pérez (2021), as crônicas sobre o duelo de Bordeaux foram intencionalmente propagandísticas, elogiando ou difamando os reis conforme a ideologia dos autores, ignorando fatos estratégicos e políticos importantes. O duelo foi questionado quanto à sua aceitação na política siciliana, pois contrariava a escolha dos nobres com a eleição de Pedro como soberano. Também se considera a possibilidade de que Pedro pudesse ter tentado recuperar alianças com o rei inglês ou até mesmo planejar uma armadilha contra Carlos. Essas hipóteses, embora lógicas, foram omitidas pelos cronistas, que preferiram focar na narrativa do duelo como uma questão de honra e heroísmo, impactando mais o público do que pela explicação militar (Colomer Pérez, 2021).

Já Guido de Montefeltro, na velhice, veio a se tornar um frade franciscano. Entretanto, vai parar no Inferno na Divina Comédia. Talvez por ter se preocupado com a própria salvação, ou, refletindo a complexidade das alianças políticas e religiosas da época de Dante, se considerarmos seu envolvimento com Bonifácio VIII, a família Colonna e a questão da renúncia do Papa Celestino (*Inf.* III). Cabe referir que os Colonna, família poderosa e influente de Roma, apesar de não mencionada diretamente na Divina Comédia, era rival de Bonifácio VIII. A rivalidade entre Bonifácio VIII e os Colonna foi intensa, culminando na destruição da fortaleza da família em Palestrina. Esse contexto histórico é parte do subtexto político que permeia a obra de Dante, embora a família Colonna em si não seja nomeada explicitamente, mas mencionada indiretamente na Divina Comédia, no *Inf.* XIX, justamente onde Dante coloca o Papa Bonifácio VIII, mesmo antes de sua morte, o que revela a ligação. Embora os Colonna não sejam mencionados nominalmente nesse canto, o conflito entre Bonifácio VIII e os Colonna é um pano de fundo relevante para a crítica de Dante ao Papa, sendo o evento da destruição de Palestrina indiretamente mencionado também no *Inf.* XXVII.

Os Colonna contrariados, desconfiados do envolvimento de Bonifácio VIII na renúncia de Celestino, foram excomungados e resistiram refugiados na fortaleza Palestrina. Solicitado por Bonifácio VIII, Guido aconselhou o Pontífice a retirar a excomunhão sobre os Colonna em troca de rendição. Porém, após a rendição acontecer, além de presos, os Colonna tiveram seu palácio destruído, o que resultou para Dante, conforme a Divina Comédia, na condenação de Guido ao Inferno. O Papa, de acordo com Guido, pediu conselhos sobre como tomar Palestrina e derrotar os Colonna, que estavam entrincheirados na cidade. Através da fraude, Bonifácio conseguiu enganar os Colonna e destruir Palestrina, quebrando sua promessa de misericórdia. Assim, essa destruição exemplifica a crítica severa de Dante à corrupção e ao abuso de poder na Igreja, especialmente à manipulação da autoridade espiritual para alcançar objetivos políticos, ou mesmo espirituais. Portanto, enquanto o ataque

à Palestrina não é mencionado literalmente, a destruição da Palestrina e o contexto envolvendo os Colonna e Bonifácio VIII são refletidos na crítica mordaz de Dante a esses eventos e às figuras envolvidas.

Os fatos narrados acima envolvem questões de nobreza, honra e Igreja, também presentes na obra do poeta. No Convívio, no Tratado IV, Capítulos XIII a XVI, Dante argumentou que a verdadeira nobreza não é hereditária, mas uma predisposição para virtudes como piedade e bravura, desvinculando-a do *status* familiar (Alighieri, 2021, IV, XIII-XVI). No entanto, na Divina Comédia, ele reflete sobre essa complexidade ao provar sua própria nobreza através de Cacciaguida (*Par.* XV-XVII), ainda que estivesse desprovido de seus bens devido ao exílio.

Nesse ponto, o Papa Francisco chama Dante de “peregrino pensativo”, caído na condição de “penosa pobreza” (Alighieri, 2021, I, III, 5), sublinhando a luta do poeta contra a adversidade e sua busca por compreensão e justiça em um contexto marcado pelo exílio e conflito. A pauperidade mencionada leva à oitava parte da Carta Apostólica, em que o Pontífice escreve sobre São Francisco, o esposo da senhora Pobreza, ressaltando a profunda sintonia entre Dante e o franciscano, em que ambos, apesar de suas diferentes missões, são inspirados pela fé (Francisco, 2021, subtítulo 8).

Na Divina Comédia, Dante coloca São Francisco de Assis em um pedestal de virtude cristã através do elogio realizado por São Tomás de Aquino no *Par.* XI. O franciscano é louvado por sua humildade, dedicação à pobreza, e seu serviço desinteressado aos outros, representando o ideal de renovação espiritual e moral. São Francisco serve como um contraponto às críticas de Dante à corrupção eclesiástica, destacando a capacidade de uma fé genuína e sincera reformar e purificar, de forma que a narrativa de Dante não apenas honra São Francisco, mas também utiliza sua vida como uma crítica velada às falhas que ele vê na Igreja de sua própria época.

Jorge Mário Bergoglio, o primeiro Papa americano, é um jesuíta que escolheu o nome de Francisco, justamente afirmando que “o meu povo é pobre e eu sou um deles”, conforme informa a biografia do Pontífice disponibilizada pelo Vaticano, que relata sua escolha de morar em um apartamento e preparar seu jantar sozinho (*Discatério per la Comunicazione*, 2024). Assim, 792 anos depois de São Francisco, pode-se comentar que “[...] a semente [...] ainda é frutífera. Há [...] anos subia ao trono papal um homem chamado ‘do fim do mundo’ e escolhia justamente aquele nome. A história entre Francisco e os Papas ainda não acabou” (Tarallo, 2020, *online*).

Já São Francisco, um rico mercador têxtil que abandona a vida abastada para viver em simplicidade e fraternidade, tem uma história que bem poderia ser também a de Pedro Valdo, ambos precursores de movimentos pauperistas e místicos que valorizavam a simplicidade, especialmente do clero, perturbando a hierarquia eclesial. Porém, nos cabe aqui tratar sobre São Francisco de Assis, filho de Pietro Bernardone, que se tornou símbolo do cristianismo mundial, através da aprovação do Papa Inocêncio III, em 1209, casando-se simbolicamente com a Senhora Pobreza, exemplificando a virtude da pobreza voluntária e a busca pela santidade através do serviço ao próximo (Francisco, 2021, subtítulo 8). Quanto ao movimento anterior fundado por Valdo de Lyon, que era similar ao de Francisco em muitos aspectos, não contou com a aprovação do Papa Alexandre III. Em 1184, Valdo e seus seguidores foram excomungados e perseguidos. Muitos acabaram mortos e os sobreviventes se refugiaram no sul da França e em algumas regiões do norte da Itália, ainda que perseguidos por toda a Idade Média, e os sobreviventes, tempos adiante, aderiram à Reforma Luterana (Paganelli, 2022).

Conforme a Carta Apostólica, São Francisco pregava ao povo e vivia entre as pessoas, enquanto Dante usou sua obra, a Divina Comédia, para comunicar mensagens espirituais para uma ampla audiência (Francisco, 2021, subtítulo 8). Dante é descrito como um poeta que, assim como o Santo, escolheu aproximar-se do povo usando uma linguagem comum, o que foi revolucionário para a época (Francisco, 2021, subtítulo 8). Para o Papa, ambos, Dante e São Francisco compartilham uma visão valorizando a simplicidade e a pobreza, temática recorrente na obra do poeta (Francisco, 2021, subtítulo 8).

O Papa menciona que São Francisco e Dante compartilharam um amor pela beleza do mundo das criaturas e reconheceram a criação como um reflexo do Criador (Francisco, 2021, subtítulo 8). A paráfrase de Dante, do Pai Nosso, louvando a Deus por toda a criatura, e ao Cântico das Criaturas de São Francisco, sugere a influência franciscana (Francisco, 2021, subtítulo 8) na Divina Comédia. Ao enaltecer a sabedoria do Santo, o Papa Francisco a contrasta com a busca terrena por riquezas (Francisco, 2021, subtítulo 8), simbolizando sua união com Cristo crucificado (Francisco, 2021, subtítulo 8), como uma mensagem, também, para o tempo presente.

Mas há um detalhe importante aqui. A renúncia às posses foi literal e explícita por São Francisco, enquanto, no caso do poeta, a situação divergiu significativamente. Os versos do seu *Inf.* I relatam sobre as feras obstruindo seu caminho, em que ele refere a pantera, o leão e a:

[...] loba, de cobiça ansiosa, em sua torpe magreza, carregada, que a muita gente a vida fez penosa. Essa tornou-me a alma tão pesada, pelo pavor manente de sua vista, que perdi a esperança de assomada. Qual pessoa que seus bens leda conquista – e o tempo de perder vem alcançá-la – que em todo seu pensar só se contrista, tal fez-me a fera que não há aplacá-la; e, pouco a pouco pra trás impelido, eu regredia pra lá onde o Sol cala. (*Inf.* I, v. 49-60)

A citação é alegoria de uma renúncia forçada. A loba, “representação, segundo alguns, da avareza; segundo outros, da Cúria romana, então aliada à Casa da França” (Alighieri, 2022, p. 80), não apenas impede seu progresso espiritual, mas também empurra o poeta de volta para a escuridão e o desespero. Enquanto São Francisco escolheu abandonar seus bens materiais em busca de uma vida de simplicidade e devoção, Dante enfrenta a dificuldade de superar a tentação e a corrupção que a avareza representa. Essa diferença reflete os distintos caminhos de renúncia: um espiritual e consciente no caso de São Francisco, e outro, imposto e cheio de incertezas no caso de Dante. Na jornada de Dante, a loba é um obstáculo que ele teve que enfrentar para alcançar a redenção e a iluminação, uma luta que é tanto interna quanto externa.

Num novo prisma, Cyro de Barros Rezende Filho (2009) escreve que, durante os séculos XII e XIII, a pobreza na Europa passou por transformações profundas devido ao renascimento comercial e ao crescimento urbano, e a vida comunal tradicional desestruturou-se, com o surgimento de uma nova classe de pobres urbanos. A pobreza, anteriormente vista com função essencial na prática da caridade cristã, a partir do século XIV, começou a ser vista com repulsa e como algo que deveria ser escondido, e os pobres começaram a enfrentar uma perda dupla de proteção, tanto familiar quanto senhorial. A vida na cidade embora oferecesse liberdade, era desafiadora, como a necessidade de pagar todas as obrigações em dinheiro, aumentando a vulnerabilidade dos menos favorecidos. As dificuldades enfrentadas pelos pobres tornaram-se mais visíveis e desencadearam movimentos sociais e revoltas como, à exemplificar, as jacqueries⁴⁵ na França e outros levantes urbanos em várias cidades europeias. Os séculos XII e XIII, corresponderam a um período de transição crítica na concepção e no tratamento da pobreza na Europa, que passou a ser cada vez mais estigmatizada e marginalizada, culminando em revoltas generalizadas no início do século XIV devido à crescente desigualdade e injustiça social (Rezende Filho, 2009).

A análise dos eventos históricos e suas representações por Dante e pelo Papa Francisco iluminam uma história que abarca política, nobreza, poder e espiritualidade. O Papa destaca a resiliência de Dante em face das adversidades e sua habilidade em transcender sua própria

⁴⁵ A revolta dos Jacques aconteceu em meados do século XIV, contra a elevação dos impostos cobrados pelos senhores feudais sobre os camponeses.

realidade dolorosa, inspirando o enfrentamento de injustiças com esperança e determinação. Nesse ponto, na Carta Apostólica, o Papa Francisco sublinha a importância de um novo humanismo inspirado no poeta.

O Papa destaca como o exílio moldou a obra de Dante, uma metáfora de peregrinação espiritual (Francisco, 2021, subtítulo 2), uma reflexão profunda sobre a condição humana e a busca por justiça, pertencimento e felicidade. Tornou-se um paradigma universal, pois a habilidade de Dante em transcender sua própria realidade dolorosa, inspira o enfrentamento de injustiças e adversidades com esperança e determinação, sem abandonar a verdade e o bem supremo (Francisco, 2021, subtítulo 2), colocando sua obra, tão pessoal, em benefício da humanidade.

Ainda, ao tratar sobre exílio, cabe a ressalva que o interpretamos costumeiramente como um deslocamento geográfico. Mas esse degredo, como percebe-se pelas linhas acima traçadas, pode envolver outros contextos sociais, como a perda de espaço ou papel na sociedade. “Exílios” ocorrem quando somos alienados de nosso ambiente social ou cultural (Francisco, 2021).

Para o Papa, Dante transforma seu exílio em uma jornada de autoconhecimento e expressão criativa (Francisco, 2021, subtítulo 2), metáfora relevante no contexto moderno, em que migrações são forçadas por desastres, conflitos, perseguições, questões econômicas, educacionais ou mesmo religiosas, podendo causar o desenraizamento cultural e a alienação dentro de uma sociedade globalizada. Essa dinâmica de deslocamento e busca por pertencimento e identidade ressoa fortemente nas coletividades de imigrantes, como destacado por Fulvio Conti (2021), que menciona a “Dantemania” entre os imigrantes expatriados. Ruggiero (2023, p. 164-165), a respeito disso, escreve:

Como se pode imaginar, a figura do ‘pai da Língua Italiana’, morto no exílio, entrou oficialmente no panteão simbólico da nação entre os filhos da pátria que, residentes no exterior, continuavam a defender o direito à manutenção de uma cultura e um idioma originários. É oportuno lembrar como o poeta Giovanni Pascoli, em 1911, no seu ‘Hino dos emigrantes italianos para Dante’, enxergava, no autor o ‘eterno timoneiro’, o guia espiritual de uma Itália errante, que afirmava sua grandeza no mundo.

Essa busca pela identidade e pertencimento é um tema recorrente que continua a se manifestar em diferentes contextos históricos e culturais. A exemplo, contemporaneamente, Paulo Fernando Carneiro de Andrade (2019, *online*), do Centro de Estudos e Pesquisas BRICS, refere uma “crise da cultura moderna iluminista”. Com o rompimento de uma promessa de progresso desde o Renascimento, considerado principalmente o período entre

guerras e as dinâmicas liberalizantes e globalizadas dos séculos XX e XXI, essa crise, na opinião do autor, teria gerado sujeitos ressentidos e intolerantes. Ligado à religião, comenta que a ascensão das narrativas neopentecostais no Brasil, com suas pequenas igrejas autônomas, discurso carismático e teologia da prosperidade, ganhou influência através da mídia e das redes sociais. Ainda segundo Andrade (2019), esses novos sujeitos, desconfiados da ciência positivista, muitas vezes, não se comprometem com a verdade, facilitando a disseminação de notícias falsas no cenário político brasileiro recente. Como refere o Papa, tudo está interligado (Mol Guimarães *et al.*, 2022).

Neste estudo, a relação ambivalente de Dante com a Igreja é evidenciada por suas críticas ao papado, colocando figuras papais em situações condenáveis no Inferno. Isso demonstra sua visão crítica da corrupção e do poder excessivo da Igreja, alinhando-se à postura que favorecia a separação dos poderes temporal e espiritual. Por outro lado, e atualizando, essa abordagem contrasta com a influência dos neopentecostais, que frequentemente combinam projetos de poder religioso e político, especialmente nas periferias, e em nosso estado democrático. As eleições deixam de ser um embate entre cidadãos e se transformam num confronto entre diversas instituições, em que igrejas se posicionam como uma delas, competindo pelo poder (Zacaria; Ramos, 2017).

A escolha e menção de personagens como Cangrande, Guido, Malaspina e Cacciaguida, na segunda parte da Carta Apostólica, pelo Papa Francisco, não apenas ilumina a obra de Dante por uma trilha histórica diferente, como também conecta sua experiência com questões contemporâneas, como migração, exílio, alienação cultural e pertencimento. Francisco enfatiza que os desafios enfrentados por Dante – seu desejo inabalável de justiça, pertencimento e felicidade, mesmo em face de adversidades extremas – continuam a ressoar com as lutas atuais da humanidade.

O Pontífice encerra a segunda parte da sua Carta, escrevendo que Dante se recusa a ceder à injustiça, à hipocrisia, à prepotência do poder e ao egoísmo que transforma nosso mundo “na jeira que nos torna tão cruéis (*Par.* XXII, v. 151)” (Francisco, 2021, subtítulo 2), defendendo um novo humanismo. Podemos compreender, assim, que há importância no autoconhecimento e na responsabilidade contínua dos seres humanos racionais em buscá-lo. Essa obrigação de entender a si mesmo não é algo opcional, mas uma necessidade constante e vigorosa. Ao aceitarmos essa responsabilidade, a figura do humanista transcende o papel de mero transmissor do conhecimento do passado. E nesse contexto, o humanista se torna estudioso não apenas das sociedades e suas estruturas, mas do próprio ser humano em sua essência. Isso implica dizer que a matéria de estudo do humanista é extremamente complexa e

profunda, envolvendo a compreensão integral do ser humano. Por isso, esse novo humanismo proposto pelo Papa Francisco, inspirado na vida e obra de Dante, se torna essencial para enfrentar os desafios contemporâneos. Ele nos convoca a uma renovação da espiritualidade e da ética, em que o autoconhecimento e a responsabilidade social são fundamentais para a construção de um mundo mais justo e humano.

Por outro lado, através dos detalhes minuciosos, observamos que Dante criou mundos imaginários que são ao mesmo tempo literais e simbólicos, em um quadro rico e multifacetado da sociedade medieval, contando nas entrelinhas uma história, ainda que, como destaca Carpeaux (2012, p. 228 *apud* Trevisan, 2021, p. 27), não tenha enredo linear.

2.5 A missão profética de Dante e a crítica ao poder na perspectiva do Papa Francisco

Na Carta Apostólica, o Papa atribui a Dante como missão falar a verdade de maneira direta, mesmo quando incômoda, com o objetivo de provocar reflexão e possibilitar a redenção das consciências culpadas (Francisco, 2021, subtítulo 3). Através de sua obra, Dante visa promover uma renovação espiritual e social, alinhando as vontades humanas com um propósito maior e divino. O poeta critica as injustiças e abusos de poder tanto na sociedade quanto na Igreja, defendendo a necessidade de harmonia e concórdia para alcançar a verdadeira paz e ordem no mundo.

O papa Francisco destaca a figura de Beatriz, musa de Dante, como uma incentivadora crucial de sua jornada espiritual e da busca por justiça e ordem na sociedade (Francisco, 2021, subtítulo 3). Além disso, menciona figuras como São Pedro, São Pedro Damiano e São Bento presentes na Divina Comédia, que simbolizam essa necessidade de renovação na sociedade e na Igreja.

Dante também critica aqueles que “atraíam a adesão a Cristo e transformam a Igreja num instrumento em prol dos próprios interesses [...] idolatrando o poder e a riqueza” (Francisco, 2021, subtítulo 3).

O Papa Francisco cita Cipião ao referir os versos “Mas a alta providência, que a Cipião / foi a romana glória nas mãos pondo, / cedo virá, em minha conceção” (*Paraíso* XXVII, 61-63). No *Da Monarquia* (2005). Dante discute a legitimidade da conquista romana, utilizando a guerra entre Cipião, o general romano, e Aníbal, o comandante cartaginês, como exemplo da providência divina guiando Roma à sua posição de poder e justificando a autoridade imperial (Alighieri, 2005, II, XI). O poeta sustenta que “o que é conquistado por

duelo, é conquistado legitimamente” (Alighieri, 2005, II, X), e argumenta que a vitória em um duelo ou guerra é uma manifestação da justiça divina, legitimando o vencedor.

Dante defende que a vitória dos romanos em seus conflitos é prova de que tinham o apoio de Deus, e que o duelo serve como um meio final e decisivo de resolução de disputas, pois, em sua visão, Deus não permitiria que a injustiça triunfasse. Essa vitória, portanto, valida a autoridade imperial romana como parte da vontade divina.

A analogia entre duelo e guerra reforça a tese de Dante de que o poder imperial romano não foi apenas resultado de força, mas sancionado pela vontade divina. Essa menção ao duelo entre Cipião e Aníbal sugere um paralelo ao confronto entre Pedro III de Aragão e Carlos de Anjou da França apoiado pela Santa Sé, destacando como os conflitos de poder se repetem na história. A vitória romana nas Guerras Púnicas transformou Roma na maior potência do Mediterrâneo. A disputa entre Pedro III e Carlos de Anjou acontecia pelo mesmo fim, mas a intercessão da Igreja, na figura de Bonifácio VIII usurpava a justiça divina direta, demonstrando um poder temporal do vigário de Cristo na terra, porém como Vigário de Cristo na Terra.

Melhor explicando, a disputa entre Pedro III de Aragão e Carlos de Anjou, mediada por Martinho IV, tem uma relação simbólica com a famosa rivalidade entre Cipião, o Africano, e Aníbal, ambos protagonistas das Guerras Púnicas entre Roma e Cartago. Ambas as disputas envolvem grandes poderes em conflito direto, com questões de honra, poder e domínio territorial em jogo.

No caso de Cipião e Aníbal, a disputa culminou na Batalha de Zama em 202 a.C., quando Cipião derrotou Aníbal, encerrando a Segunda Guerra Púnica e estabelecendo Roma como a potência dominante no Mediterrâneo. Essa batalha é frequentemente vista como um confronto decisivo entre duas grandes figuras militares que representavam nações rivais. Da mesma forma, o duelo proposto entre Pedro III e Carlos de Anjou simbolizava uma disputa direta entre dois monarcas que personificavam a luta por poder e influência na Europa, particularmente no contexto das reivindicações sobre a Sicília.

Cipião é mencionado por Dante em várias partes da Divina Comédia e, como membro da família Cornélia, é relacionado a figuras históricas importantes como Cornélia Africana, mãe dos irmãos Graco, ela que está no *Inferno* IV ao lado de “Brutus que expulsou Tarquínio” (*Inf.* IV, v. 127-129), o último rei de Roma antes da fundação da República.

Dante afirma que “toda concórdia depende da harmonia que está nas vontades; o gênero humano perfeitamente ordenado é uma harmonia” (Alighieri, 2005, I, XV, n.p.). O Papa, por sua vez, menciona a “contemplação do desígnio do amor que é o próprio coração e

a fonte inspiradora da obra mais célebre do Poeta, a Divina Comédia” (Francisco, 2021, introdução). Ambas as visões, de Dante e do Papa, refletem a ideia de que a verdadeira ordem e paz no mundo dependem de uma harmonia mais profunda e espiritual, que alinha as vontades humanas com um propósito maior e divino.

A Divina Comédia, portanto, trata de questões que vão muito além da história de Florença. É uma narrativa que se conecta à conquista do Mediterrâneo e aos conflitos de poder dessa região, como o duelo entre Carlos de Anjou e Pedro III. Carlos de Anjou conquistou a Sicília em 1266 após matar Manfredo, pai de Constança, casada com Pedro III. Manfredo, personagem citado pelo Papa, na Carta Apostólica está relacionado à parábola do filho pródigo (Francisco, 2021, subtítulo 5). Está colocado no Purgatório por Dante, apesar de sua excomunhão, tendo se arrependido na hora da morte, contando com a misericórdia divina. Em vida, Manfredo lutou para manter o controle da Sicília contra Carlos de Anjou, apoiado pelo Papa Clemente IV.

O que é senso comum é que, dentro do contexto medieval, a supremacia da Igreja sobre a sociedade era dominante, restringindo o pensamento crítico e a exploração científica. No século XXI, esse cenário se inverteu, e o senso comum é o de que a razão e a ciência prevalecem, muito embora o negacionismo continue a promover teorias conspiratórias, especialmente nas plataformas digitais. E essas podem ser consideradas parte da cultura multimidiática que influencia a percepção pública, a formação de identidades e as dinâmicas sociais, sendo, portanto, uma parte integrante e essencial da cultura no contexto atual.

Um outro aspecto a considerar é, se no tempo de Dante, o poder da Igreja fosse tão incisivo no foro íntimo e no comportamento civil, não haveria ensejo para a Inquisição, que – aqui se ressalva – sequer parece cristã ainda que pelo cristianismo instituída. A Inquisição iniciada no século XII foi uma resposta a crises no sistema acusatório e à ascensão de novas classes e movimentos religiosos dissidentes.

Conforme Henrique Saibro (2015), a Inquisição começou no século XII como resposta à crise no sistema acusatório do Império Romano, resultando no surgimento de uma polícia oficial centralizada e no aumento dos poderes dos juízes, restringindo direitos de defesa. O fortalecimento das cidades e a ascensão de uma nova classe mercantil desafiaram a estrutura feudal existente, enquanto movimentos religiosos dissidentes, como os cátaros e valdenses, ganhavam seguidores. Esses movimentos, vistos como ameaças à autoridade eclesiástica, levaram a uma resposta mais organizada e rigorosa da Igreja.

No século XII, a relação entre a Igreja Católica e Frederico I Barbarossa foi extremamente tensa. O Papa foi reconhecido somente em 1177, ainda que a pressão dos

Hohenstaufen continuasse. O Papa Alexandre III emitiu a bula *Ad Abolendam*, de 1184, para erradicar as heresias, estabelecendo procedimentos judiciais, listando explicitamente grupos heréticos, conforme consta, “Cátaros, Patarinos, aqueles que são designados pelo falso nome de Humilhados ou Pobres de Lyon, Passaginos, Josefinos e Arnaldistas” (*Ad Abolendam*, 1184), indicando que bispos percorressem as paróquias identificando, corrigindo e punindo hereges.

A bula *Vergentis in Senium*, de 1199, mais rigorosa, instituiu o “crime de lesa-majestade”, aplicando penas severas aos considerados hereges, como a excomunhão e perda de bens, estendendo tais penas aos apoiadores e descendentes (Rust, 2012, p. 140).

Acredita-se que a Inquisição tenha tido o seu início com os Concílios de Verona (1184) e Latrão (1215) e ganho subsistência com as Bulas Papais de Gregório IX (1232) – momento em que o tribunal inquisitorial obteve base jurídica plena com a Constituição *Excomuniamus* – e Inocêncio IV – 1252 (Carvalho, 2010, p. 69). Goulart (2002, p. 26) afirma que, ainda no século XII, em 1199, Inocêncio III na esteira da Bula *Vergentis in senium*, preparou o campo da repressão canônica, dando início à investigação de ofício, para os casos de notoriedade, fama e clamor público, mas, com o tempo, mesmo sem esses requisitos, o sistema inquisitivo passou a ser aplicado a todos os crimes. (Saibro, 2015, *online*)

Foi no Sínodo ocorrido em Verona, terra dos Scaligeri, em 1184, que se consolidaram esses procedimentos públicos de repressão à heresia e dissidência cristã, formando base jurídica e institucional da repressão àqueles que pensassem de modo diverso do dogma católico. Esses documentos fundadores das regras para os procedimentos públicos de repressão à heresia e à dissidência cristã, estabeleceram uma base jurídica institucional que influenciou profundamente a maneira como a Igreja lidou com a heresia, não apenas durante o final da Idade Média, mas também nos séculos que se seguiram (Rust, 2012).

No tempo do poeta, as cidades buscavam autonomia e a ideia de cidades em diálogo continua relevante. Os jogos de poder contemporâneos refletem a importância das palavras do Papa ao buscar um novo humanismo, no qual “Tudo está interligado” (Souza, 2022, p. 41). A ideia de mediar negociações, “em prol da paz e do desenvolvimento, com base em princípios de justiça, dignidade humana e no bem-estar de todos”, como destaca o Centro Regional de Informação das Nações Unidas (UNRIC, 2024), consta como interesse no *site* da Organização das Nações Unidas, enquanto complexos jogos entre “nós e eles” encontram lugar desde Heródoto e Tucídides (Hartog, 1999).

Dante pode ser visto como um visionário, cujo projeto na Divina Comédia pode ser comparado ao projeto da Torre de Babel de Nemrod (Dias, 2005), na tentativa de “erguer uma torre, construir uma cidade, se fazer um nome numa língua universal que seja também um

idioma, e reunir uma filiação” (Derrida, 2002, p. 17 *apud* Dias, 2005, p. 17). Isso se alinha ao papel de Dante como “profeta da esperança”, como a ele se referiu o Papa Francisco (Francisco, 2021).

Dante critica a interferência da Igreja nos assuntos seculares, como a proibição do duelo de Bordeaux (1283) entre Pedro III e Carlos de Anjou, como o caso com os Colonna. Esse tema recorrente na Divina Comédia reflete as preocupações de Dante com os desejos humanos e os conflitos de poder. A menção a Cipião e a Bonifácio VIII na Carta Apostólica pelo Papa Francisco ressalta o contraste entre a providência divina, que guia Cipião, e a crítica severa que Dante faz a Bonifácio VIII, representante de Pedro na terra (Francisco, 2021, subtítulo 3).

A expressão envolvendo descer e subir escadas, mencionada pelo Papa na segunda parte da Carta Apostólica através da citação sobre o exílio, nos conecta novamente à Cangrande della Scala. “Scala” significa escada em português, italiano, francês, espanhol e inglês e essa conexão é relevante, pois Dante dedicou à Cangrande o terceiro livro, o Paraíso, reforçando o simbolismo das escadas em sua jornada espiritual e poética na Divina Comédia. No Purgatório, Dante e Virgílio encontram uma escada com três degraus com cores diferentes (branco, preto e vermelho), simbolizando diferentes aspectos do arrependimento: confissão, contrição e purificação (*Purg.* IX, v. 94-102), e daquele ponto em diante não poderiam olhar para trás (*Purg.* IX, v. 131-3). No Paraíso, Dante encontra outra escada, agora de ouro, altíssima, meio de ascensão ao Empíreo, onde está, inclusive, Pedro Damiano (*Par.* XXI, 25-33), que também é citado pelo Papa Francisco na terceira parte da Carta Apostólica, e que na Divina Comédia discute o contraste entre a simplicidade da vida religiosa, que ele praticava, e a luxúria e corrupção que ele observa nos membros da Igreja do tempo do poeta.

A missão de Dante envolve crítica social, e ele assim faz por meio da arte e religiosidade, refletindo a complexidade das interações humanas e a importância da renovação espiritual, social e política. Por exemplo, em 1298, Alberto de Habsburgo foi confrontado por Bonifácio VIII com a expressão: “Aqui, eu sou o César, eu o Imperador” (Alighieri, 2022, p. 42). Alberto é referido no *Purg.* VI, v. 97-107; *Par.* XIX, 115-117; *Conv.* IV III, 6. As palavras proferidas por Bonifácio VIII ilustram um período de intensa disputa política e Dante se opunha à teocracia, defendendo uma Monarquia Universal ante as soberanias absolutas, como expressa no Capítulo III, intitulado “Do fim último da sociedade”, no “*Da Monarchia*” (2005):

[...] se a natureza produziu o polegar para um fim, produziu a mão inteira para outro, depois, diferente dos dois fins precedentes, vem o fim para o qual o braço foi produzido; enfim, distinto de todos esses fins, é o do homem todo. Assim, outro é o fim para o qual foi ordenado um indivíduo, outro o fim da comunidade doméstica, outro o da aldeia, outro o da cidade, outro o do reino; enfim, sobre todos esses fins, o fim supremo, para o qual Deus eterno, agindo por sua arte – a arte divina é a natureza – colocou na existência a totalidade do gênero humano. (Alighieri, 2005, I, III)

Nos versos “Mas a alta providência, que a Cipião / foi a romana glória nas mãos pondo, / cedo virá, em minha conceção (*Par.* XXVII, 61-63)” (Francisco, 2021, subtítulo 3), o Papa Francisco sugere que Dante valoriza o esforço sem incorrer em pelagianismo⁴⁶ e ambos (Dante e Francisco) valorizam a adesão a Cristo, que não é garantida por simples aparências.

2.6 O anseio humano em Dante, segundo a Carta Apostólica

Na Carta Apostólica, o Papa Francisco apresenta Dante como um poeta que compreende profundamente o coração humano e o anseio inato de alcançar a verdade divina e o destino espiritual (Francisco, 2021). Citando o Convívio, o Papa destaca que “o desejo supremo de todas as coisas, conferido de início pela natureza, é retornar ao seu princípio. E como Deus é o princípio das nossas almas, [...] a alma deseja intensamente retornar a Ele” (Alighieri, 2021, IV, XII, 14-15; Francisco, 2021), comparando esse desejo ao de um peregrino procurando hospedaria (Francisco, 2021).

O Papa Francisco evoca também Santo Agostinho para explorar os “porquês da existência” (Francisco, 2021, subtítulo 4), as questões existenciais que Dante aborda em sua obra. Virgílio, na Divina Comédia, é retratado como um símbolo de perseverança, guiando Dante em sua jornada de exílio. Na obra, Dante explora três níveis de desejo: no Inferno, os desejos básicos; no Purgatório, o desejo da purificação; e no Paraíso, o desejo da união com o divino através de Beatriz. Para o Papa, Dante é um verdadeiro “cantor do desejo humano” (Francisco, 2021, subtítulo 4).

O termo desejo (*desiderium*, em latim), conforme Mário Eduardo Viaro (2017) associa-se tanto às aspirações divinas quanto ao fenômeno das estrelas cadentes. Na Divina Comédia, as estrelas simbolizam a aspiração divina: Dante e Virgílio emergem do Inferno e as contemplam (*Inf.* XXXIV, v. 133-139); no final do Purgatório, Dante está preparado para ascender após passar pelos rios Lete e Eunoé (rios do esquecimento e da boa lembrança),

⁴⁶ Doutrina que minimiza a graça divina e entende o homem totalmente responsável por sua própria salvação.

localizados no Purgatório. Ele segue para o Paraíso com Estácio⁴⁷, simbolizando a redenção e a possibilidade de salvação para todos, cristãos e pagãos, um desejo universal. (*Purg.* XXXIII, v. 136- 145).

Virgílio, guia de Dante, menciona sua origem lombarda. Revela sua origem pouco antes de aconselhar Dante a seguir outra viagem para escapar da loba que barra os viandantes, os peregrinos de avançar (*Inf.* I, v. 91-95). E, coincidentemente, o último rei lombardo foi Desidério da Ístria, o duque da Toscana que perdeu sua coroa para Carlos Magno em 774.

Historicamente, durante o papado de Adriano I (772-795), a Igreja reafirmou seu poder com a ajuda de Carlos Magno, garantindo a segurança dos Estados Pontifícios e mitigando as ameaças lombardas, em uma manobra política de grande impacto (Carletti, 2010).

No Paraíso (*Par.* XXXIII, v. 133-145), Dante usa a metáfora da quadratura do círculo para ilustrar a dificuldade de compreender a visão de Deus. Ele também faz referências a filósofos antigos, da natureza, destacando a interconexão entre a busca pelo conhecimento e a espiritualidade. Tais filósofos habitam a Divina Comédia no Limbo, atrás dos “altos muros em sétupla clausura” (*Inf.* IV, v. 136-138). Isso nos faz lembrar o dito popular “guardado a sete chaves”, sugerindo cuidado, mistério, e que pode ter origem nas arcas de madeira portuguesas do século XIII, que protegiam documentos e riquezas, ou nas chaves de São Pedro, associadas ao reino dos céus, conforme o evangelho de Mateus (Zugno, 2021). Inicialmente, o poder das chaves era coletivo entre os bispos, mas no século XII, Inocêncio III reivindicou a exclusividade para o Bispo de Roma, gerando disputas internas na Igreja (Zugno, 2021).

Mencionado na quarta parte da Carta Apostólica, a crítica de Santo Agostinho à hipocrisia dos líderes poderosos e a denúncia de Dante contra a simonia refletem uma preocupação comum com a integridade moral e pureza espiritual. O Papa Francisco destaca essa relevância histórica e espiritual, oferecendo uma perspectiva sobre a interseção entre história, literatura e ética.

Dante condena a simonia, a prática de comercializar bens espirituais, como indulgências e sacramentos. O termo simonia deriva de Simão (*Inf.* XIX, v. 1-3), o Mago que tentou comprar o poder do apóstolo Pedro, o que nos leva ao *Inf.* XX, onde Dante encontra Manto, “a maga que deu nome à Mântua, berço de Virgílio” (*Inf.* XX, v. 92-3). Mântua, hoje comuna na região da Lombardia, foi uma antiga vila etrusca. No mesmo Canto XX do

⁴⁷ Poeta da antiga Roma, século I a.C.

Inferno, Virgílio discorre longamente sobre sua fundadora e Dante pronuncia: “Meu Mestre, esse teu discurso eu sinto tão certo, e tanto a minha fé lhe assente, que outro seria pra mim carvão extinto” (*Inf.* XX, v. 100-103). E mais uma vez, o indício encaminha nova pergunta, cuja resposta esclarece que, em 894, Mântua foi incendiada, destruindo registros eclesiásticos.

Os documentos e as cartas que diferentes reis e algumas linhagens locais haviam mandado redigir como memória das doações concedidas ao clero estavam perdidos [...]. Para impedir que os bens fossem tomados ou invadidos, o rei Berengário I (850? -924) emitiu novo documento, confirmando as posses vinculadas ao bispado de Mântua. (*I diplomati di Berengario I apud Rust*, 2016, p. 61-84)

Assim, reescreveu a história daquele local. Dante utiliza eventos históricos e figuras mitológicas para comentar sobre confiança, verdade e manipulação política, refletindo preocupações de seu tempo. O Papa Francisco, lembrando as palavras de Paulo VI, afirma que o poema de Dante é “além de fonte de riqueza espiritual ao alcance de todos” (Francisco, 2021, subtítulo 1), também uma fonte de “memórias da história” (Francisco, 2021, subtítulo 1), incentivando a busca por respostas.

Como referido, o Papa também reflete sobre a insaciabilidade do desejo, citando Dante no Convívio. Na mesma obra, Dante observa que, no início, nosso conhecimento é imperfeito, fazendo com que pequenos bens pareçam grandes. Ele ilustra essa ideia com exemplos de desejos que evoluem com a idade: crianças desejam “uma maçã; depois [...] um passarinho, [...] uma bela roupa, [...] um cavalo, [...] uma mulher, [...] pequenas riquezas; depois, grandes, depois mais” (Alighieri, 2021, IV, XII, 14-16), materializando o desejo.

Santo Agostinho, em “A Cidade de Deus”, critica a confiança nos deuses pagãos, reforçando que a verdadeira paz vem de Deus, uma visão que ressoa com o Papa Francisco, que enfatiza a oração sincera vinda do coração. Agostinho destaca a futilidade de confiar em deuses que não controlam a história, no sentido de que as portas do templo de Jano permaneciam abertas em tempo de guerra:

Se, de fato, Roma era então inquietada por guerras, mas às armas não opunha armas, que meios utilizou para que os seus inimigos, sem terem sido vencidos em combate nem aterrados em ofensiva. guerreira, se mantivessem calmos? Roma devia ter usado sempre destes processos e reinaria sempre na paz, mantendo fechadas as portas de Jano. Se isso não esteve ao seu alcance, é porque Roma não conservou a paz enquanto os deuses o quiseram, mas sim enquanto os vizinhos preferiram não a provocar com nenhum ataque. A não ser que, por acaso, tais deuses tenham ousado vender ao homem o que depende do querer ou do não querer de outro homem! (Agostinho, 2022, III, X, p. 67)

Santo Agostinho, em “A Cidade de Deus”, menciona inclusive Cipião como parte de sua análise crítica da moralidade e da justiça na República Romana. Ele se refere especificamente a Cipião Africano, o general romano que derrotou Aníbal na Segunda Guerra Púnica, e a Cipião Emiliano, seu neto adotivo, que destruiu Cartago em 146 a.C. Agostinho utiliza essas figuras históricas para ilustrar a decadência moral e política de Roma, contrastando a justiça ideal com a corrupção que tomou conta da República Romana (Agostinho, 2022).

Cipião é especialmente destacado em discussões sobre a definição de República e a importância da justiça como fundamento do Estado. Em diálogos atribuídos a ele, Cipião defende que uma verdadeira República é uma “associação de pessoas baseada na aceitação do direito e na comunhão de interesses”, e que sem justiça, o Estado se torna uma tirania ou facção. Essa defesa da justiça é central para a argumentação de Agostinho, que utiliza Cipião para exemplificar como Roma, apesar de sua grandeza, falhou em ser um verdadeiro Estado devido à sua corrupção moral (Agostinho, 2022).

Agostinho também contrasta Roma com a “Cidade de Deus”, sugerindo que a verdadeira justiça e a verdadeira paz só existem no reino celestial, governado por Cristo. Enquanto Cipião representa uma tentativa de preservar a justiça em Roma, Agostinho argumenta que essa justiça nunca foi plenamente realizada, e que a verdadeira justiça só pode ser encontrada na Cidade de Deus. A referência a Cipião serve, portanto, para destacar a falibilidade dos Estados terrenos e a superioridade da justiça divina (Agostinho, 2022), entendimento esse que redonda na crítica de Dante ao poder temporal pretendido pelo Papado.

A citação de Agostinho pode ser complementada pela reflexão do Papa Francisco de que “todos devemos fazer política pelo bem comum” (Capelli, 2023, *online*), ao passo que em Dante observamos que é o homem no tempo que transforma a história respondendo seu desejo, não o tempo em si. Esta colocação ecoa, por exemplo, na visão de Karl Marx (2011, p. 25) que afirma que “os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhe foram transmitidas assim como se encontram”. À primeira vista, as duas visões podem parecer contraditórias. Enquanto a interpretação de Dante pode ser vista como conferindo maior liberdade ao indivíduo para moldar a história, Marx coloca ênfase nas limitações impostas pelas circunstâncias históricas e estruturais. No entanto, uma análise mais profunda revela que essas perspectivas podem não ser necessariamente incompatíveis, mas complementares, dependendo do contexto. Na visão de Dante, a ênfase no “homem no tempo” transformando a história está ligada à ideia de responsabilidade moral e ao papel da

virtude e do livre-arbítrio no contexto teológico e filosófico medieval. Para Dante, o homem tem a capacidade de agir e moldar seu destino, especialmente no contexto de sua salvação espiritual e na construção de uma sociedade justa. Já para Marx, embora reconheça a capacidade humana de ação, ele destaca que essa capacidade é condicionada pelas estruturas materiais da sociedade. A história, segundo Marx, é o resultado de uma dialética entre a ação humana e as condições materiais que moldam essa ação.

Assim, embora a visão de Dante possa parecer mais próxima de uma perspectiva que enfatiza a agência humana, ela não é necessariamente incompatível com a visão marxista, que simplesmente acrescenta uma camada de complexidade ao considerar as limitações impostas pelas estruturas sociais e econômicas. As duas abordagens podem ser vistas como abordagens diferentes para entender a mesma realidade: a relação entre ação humana e as condições históricas em que essas ações ocorrem. A suposta contradição, portanto, pode ser mais uma questão de perspectiva e foco do que uma verdadeira oposição. Ambas as visões reconhecem a importância da ação humana, mas abordam de maneira diferente as forças que moldam e limitam essa ação. A visão de Dante não é propriamente liberal no sentido moderno, mas sim ligada a uma visão cristã do mundo, onde a história é tanto obra humana quanto parte de um desígnio divino.

Em sua análise, o Papa Francisco revela como Dante Alighieri não apenas captou a essência do desejo humano e da busca pelo divino, mas também integrou essa compreensão em uma narrativa rica e complexa que transcende seu tempo. Na sua poesia, através de símbolos como Virgílio e as estrelas, Dante explora os diferentes níveis do desejo, culminando na união com o divino. Sua crítica à corrupção e ao uso indevido da fé, como exemplificado na condenação da simonia, mostra um profundo compromisso com a integridade moral. Ao conectar as reflexões de Dante com as de Santo Agostinho, o Papa Francisco reforça a relevância contínua dessas questões, lembrando-nos de que é o homem, em seu tempo, que molda a história e busca a verdade, guiado por um desejo que, em última análise, aponta para o princípio divino. Dessa forma, a obra de Dante permanece uma fonte inestimável de riqueza espiritual e de reflexão histórica, oferecendo respostas para questões que continuam a ressoar na humanidade.

2.7 A Misericórdia Divina e a Liberdade Humana: uma análise das dinâmicas sociais e políticas na Quinta Parte da Carta Apostólica

Na quinta parte da Carta apostólica, o Papa Francisco descreve Dante como “poeta da misericórdia de Deus e da liberdade humana” (Francisco, 2021, subtítulo 5). Este reconhecimento reflete não apenas a dimensão espiritual da obra de Dante, como também a maneira que seus escritos ecoam as complexas dinâmicas sociais e políticas do tempo do poeta. Durante a vida de Dante, a península italiana estava marcada por intensos conflitos entre as facções de guelfos e gibelinos representando, respectivamente, o apoio ao Papado ou ao Sacro-Império Romano-Germânico.

Dante, vivendo nessa instabilidade política, utilizou personagens para ilustrar que ninguém está excluído da possibilidade de redenção e felicidade, independentemente das alianças. Através de figuras como Manfredo e Buonconte de Montefeltro, que estavam profundamente envolvidos nessas disputas políticas, Dante explora como as escolhas e ações humanas determinam o destino eterno das almas. O Papa Francisco destaca que, mesmo no turbilhão de violência e traição que caracterizava o cenário, a misericórdia divina permaneceu acessível a todos, oferecendo uma via para a ascensão espiritual e a visão beatífica, um estado de êxtase.

A inclusão de Trajano (*Par. XX*, v. 112-7), Buonconte de Montefeltro (*Purg.*, V, v. 88-129) e o Rei Manfredo (*Purg. III*) no Purgatório não é acidental. Esses personagens foram escolhidos não apenas por suas vidas e mortes significativas, mas porque personificam as tensões sociais e políticas de seu tempo.

Trajano, um imperador romano anterior ao Cristianismo, é um exemplo de como Dante desafia as concepções medievais sobre salvação, mostrando que a justiça e a virtude podem transcender as barreiras religiosas e políticas. Colocá-lo no Paraíso reflete a crença de Dante na universalidade da misericórdia divina, mesmo para aqueles que, como Trajano, viveram fora da ortodoxia cristã. Sua ascensão é justificada por um milagre operado através das orações de São Gregório Magno, um dos Doutores da Igreja, e membro da família Anícia (Bento XVI, 2008), tendo sido o primeiro imperador romano nascido fora da península itálica. Trajano, embora pagão e anterior à oficialização do Cristianismo, é notável por seu diálogo com Plínio, o Jovem.

Plínio buscou orientação sobre como lidar com os cristãos, e Trajano aconselhou uma abordagem moderada, conhecida como “Carta 97 de Trajano a Plínio” (Stadler, 2018). Essa orientação contribuiu para a sobrevivência e disseminação inicial do Cristianismo, demonstrando uma tolerância prática do Estado Romano para manter ordem pública. Trajano, que conquistou a maior expansão territorial para Roma, nasceu em Itálica, cidade hoje chamada Santiponce, localizada na atual Espanha, fundada por Cipião Africano para seus soldados, após a derrota do exército cartaginês na II Guerra Púnica. Quanto à família Anícia, Dante está associado à história da Roma antiga, por Cacciaguida e a família Frangipani, conforme Boccaccio (2021, p. 37), uma família que muitos historiadores, como refere Ivan Mirnik (2000), tentaram ligar à Gens Anícia⁴⁸.

Buonconte de Montefeltro (*Purg.* V, 88-129), um gibelino, filho de Guido de Montefeltro (Ferroni, 2020), que na velhice se tornou um frade franciscano e aconselhou Bonifácio VIII quanto aos Colonna, morreu na Batalha de Campaldino. Esta foi a única experiência de batalha de Dante, conforme nos aponta Barbero (2020). Sua morte violenta e o desaparecimento de seu corpo simbolizam a instabilidade e a desordem que marcavam a Itália medieval. Seu corpo nunca foi encontrado (Ferroni, 2020) devido a uma “famosa disputa entre o anjo do Céu e o do Inferno pela posse de sua alma” (Alighieri, 2009, p. 37). O anjo do Inferno, ao perder sua alma, arrasta o corpo de Buonconte até o fundo do Rio Arno, desmanchando a cruz que ele fez sobre seu peito ao invocar Maria (*Purg.* V, v. 100-129).

Já Manfred, filho de Frederico II Hohenstaufen, e pai de Constança da Sicília, casada com Pedro III, desafiou a autoridade papal, representando a complexidade das alianças políticas de seu tempo. Manfred se arrepende sinceramente no momento de sua morte, buscando a misericórdia de Deus. Sua morte, que desencadeou uma série de eventos políticos, incluindo as Vésperas Sicilianas e a ascensão de Pedro III de Aragão, revela como as questões políticas e espirituais estavam profundamente entrelaçadas na vida de Dante e na Divina Comédia e esse “complexo jogo dos tronos atirou a Coroa de Aragão para o abismo de uma guerra continental” (*Ministerio de Cultura, Gobierno de España, 2024*).

⁴⁸ Os Frangipane seriam uma linhagem muito antiga de Roma, chamada Pierlon no século VII. A primeira menção documental data de 1014, em que se fala de “*Leo qui vocatur Fragapane*” (Mirnik, 2000), na abadia de Farfa, monastério beneditino próximo à Roma. Boccaccio na biografia que faz de Dante, também relaciona Cacciaguida, ascendente do poeta, com a família Frangipani. Presente em Roma desde 1014 até 1654, eram nobres e poderosos, ditando leis na cidade mesmo antes do poder secular cair nas mãos papais. Também estavam presentes na Croácia desde 1118, dinastia que encerrou com a morte de Fran Krsto em 1671. No Friúli, a família também é mencionada através de Frederico de Caporiacco a partir de 1112 (Mirnik, 2000).

Pedro III é mencionado por Dante no *Purg.* VII⁴⁹, onde outro personagem, Sordello introduz o tom político, criticando-o, bem como criticando Felipe III (Alighieri, 2019). São relacionadas diferentes famílias reais como os Habsburgo, os reis da França, da Boêmia, de Navarra, de Aragão. Os versos refletem a transferência do Papado para Avignon e as Vésperas Sicilianas, bem como a ascensão de novos períodos de domínio, destacando-se angevinos, aragoneses e espanhóis: angevinos, com Carlos I que reinou Nápoles e Sicília; aragoneses como Pedro III de Aragão e seu filho Afonso III, dinastia que se expandiu na península ibérica e conquistou territórios no sul da Itália; e espanhóis, como Fernando II da Espanha e a influência sobre o Reino de Nápoles. Menciona uma vingança envolvendo João I, filho de Guilherme VII de Monferrato e Beatriz de Castela. Também menciona Henrique III de Winchester, que reinou na Inglaterra do século XIII (de 1216 a 1272), primeiro filho de João Sem-Terra, que sucedeu seu pai como rei, num reinado marcado por vários conflitos internos, incluindo disputas com nobres ingleses e, mais tarde, com o príncipe Eduardo, seu próprio filho. Eduardo I, conhecido como “Pernas Longas”, sendo rei da Inglaterra de 1272 a 1307, é frequentemente lembrado por suas conquistas territoriais no País de Gales e na Escócia, além de ser reconhecido por suas reformas administrativas e legais na Inglaterra. Ao observar esses detalhes, percebe-se uma tentativa de traçar a linhagem e as relações que influenciaram a história política e social de larga abrangência europeia. Essas conexões se desdobram através de casamentos, alianças políticas, guerras e conflitos, como as Vésperas Sicilianas e a transferência do Papado para Avignon. A expulsão do domínio angevino, através das Vésperas Sicilianas, foi um levante popular liderado por Pedro III de Aragão, ponto crucial na história da Sicília, com impacto no domínio político entre os angevinos e os aragoneses na península itálica. O Papado foi transferido de Roma para Avignon, na França,

⁴⁹ No Canto VII do Purgatório, Sordello convida Dante e Virgílio a passarem a noite com ele e a companhia de mandatários que se arrependeram tarde demais do apego que tinham pelos bens terrenos. Nos versos analisados, Dante faz alusão a várias figuras históricas que são fundamentais para entender as intrincadas relações de poder da Europa medieval, incluindo lideranças tanto da Europa central quanto da Península Ibérica. Ele menciona imperadores, reis e nobres cujas ações e rivalidades moldaram o cenário político de seu tempo. Dante refere-se a figuras como Rodolfo I de Habsburgo e Ottokar II da Boêmia, destacando as disputas de poder dentro do Sacro Império Romano-Germânico. Ao mesmo tempo, ele menciona monarcas franceses e ingleses, como Felipe III da França e Henrique III da Inglaterra, ilustrando as complexas alianças matrimoniais e conflitos que definiram as relações entre essas potências. Na Península Ibérica, Dante faz referência a Pedro III de Aragão, que teve um papel crucial nas Vésperas Sicilianas, um evento que alterou o controle sobre o Reino de Nápoles e Sicília. A menção a Afonso III de Aragão, filho de Pedro III, e a Constança de Hohenstaufen, mãe de Isabel de Aragão, também sublinha as conexões dinásticas que influenciaram os reinos ibéricos e seu impacto na política europeia. Além disso, a presença de Carlos I de Anjou nas menções de Dante reflete as tensões entre a França e Aragão sobre o controle do sul da Itália, mostrando como os conflitos na Península Ibérica estavam interligados com as disputas pelo poder em toda a Europa.

sob o controle e influência dos reis franceses. Esse acontecimento foi uma resposta aos conflitos políticos entre o papado e o poder do Sacro Império Romano-Germânico, fato bem documentado na história eclesiástica e política do período. A combinação, portanto, parece sugerir que o texto trataria da complexidade das relações entre diferentes famílias reais e a forma como suas dinastias se entrelaçaram ao longo do tempo, muitas vezes resultando em conflitos, alianças estratégicas e mudanças significativas nos destinos políticos dessas regiões.

É um desenrolar histórico que nos leva, inclusive, até Isabel de Aragão, uma jovem menina, nascida numa data indefinida, porém entre 1269 e 1271, filha de Pedro III de Aragão e Constança da Sicília, por sua vez neta de Frederico Hohenstaufen e filha de Manfredo.

Descrita como de beleza auroral, combinada com uma precoce religiosidade, foi, adiante, quem fundou as festas do Espírito Santo, tendo casado por procuração em 1282, com o Rei português Don Dinis, conhecido pelos epítetos de “o Lavrador” ou “Rei Trovador”, diga-se, o primeiro a mostrar uma visão estratégica “atlântica” (Rodrigues; Devezas, 2011, p. 69).

Isabel, filha de Pedro III e criada pelo avô Jaime de Aragão, foi uma peregrina, pacificadora dos conflitos de seu marido, Don Dinis, e o futuro rei Afonso IV. De educação voltada à piedade e mesura, foi uma devota religiosa de excepcional virtude, conhecida por sua extrema caridade e humildade e pelo milagre das rosas (Vida, 1921).

A crônica da “Vida e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal”, do século XIV, refere que a criança ao nascer estava recoberta por um véu (Vida, 1921, p. 19), uma túnica placentária, simbolicamente demonstrando a sua predestinação (Vida, 1921, p. 20). Peregrina, em Santiago de Compostela, fez imensas e valiosas doações, desprendia-se dos bens materiais, humilde, caridosa, paciente e, já viúva, vestiu o hábito das Clarissas (Vida, 1921, p. 51), uma vez que seguia a espiritualidade dos franciscanos, valorizando a vida espiritual. Isabel bem poderia ser Beatriz, o amor adolescente e platônico de Dante, pois,

aos peregrinos ou romeiros à busca de ascese espiritual, descritos por Dante, ou por Afonso X com força de lei, ou ainda nas crônicas como a da Rainha Santa, vimos que na Idade Média (mas não só) se juntavam também aqueles para os quais a demanda se circunscrevia nos domínios da matéria e da sensualidade. E o amor, impulsionando homens e mulheres nessa demanda, firmava-se em algumas cantigas de romaria dos trovadores galaico-portugueses como elemento mesmo de (re)condução a uma mística de sensualidade. De tal modo que, apesar da radical oposição entre a carne e o espírito imposto pela Igreja, se apresentasses tênues as fronteiras entre o sagrado e o profano. (Maleval, 2000, p. 6587)

Isso nos traz à lembrança o “Vida Nova” escrito por Dante, e as ponderações de Trevisan (2021) sobre os sonhos lá relatados do poeta, seus poemas, o trovadorismo.

Na Beatriz de Dante – concedemos – existe uma dimensão simbólica. Essa dimensão simbólica é a da menina vislumbrada na sua beleza auroral, que Dante idealizou e transfigurou, convertendo-a numa ‘Doutora da Igreja, doutora de Dogmática e Moral, de Ciência e de Mística, uma Doutora afetuosamente reconduzível sempre à figura da mulher amada na juventude, capaz de abarcar toda a vida’. (Petrocchi, 1990, p. 214 *apud* Trevisan, 2021, p. 115)

Entretanto, assim como com relação à Beatriz Portinari, nada há contundente para se provar essa interpretação, que surge aqui através do estudo pormenorizado, mas que necessitaria de uma pesquisa mais abrangente, através de uma investigação mais detalhada. Dante coloca dúvida, pois no Vida Nova menciona que o amigo chamava sua dama de Primavera embora fosse Giovanna, por sua beleza (Alighieri, 2005, XXIV). Intenção aproximada seria chamar Isabel de Beatriz, afinal o nome deriva de Viatrix⁵⁰, cujo significado é peregrina. Além, também no Vida Nova, Dante, atribui à Beatriz o número nove, segundo ele, da perfeição humana (Alighieri, 2005, XXIX). Dante teria composto uma epístola que lá não transcreve, referindo que “compondo-a, maravilhosamente aconteceu, ou seja, que em nenhum outro número aceitou estar o nome da minha amada que não fosse o nono, entre os nomes dessas mulheres” (Alighieri, 2005, VI).

Seguindo o estudo e retornando à personagem de São Bernardo, na Torre do Tombo há uma Carta de Doação feita pelo Rei Don Afonso Henriques e Rainha D. Mafalda a Don Bernardo, Abade de Claraval, de uma Herdade entre Leiria e Óbidos, documento datado de 1153, que, conforme o Mosteiro de Alcobaça (Marques, 2012, p. 17), se constituía em uma área de 400 Km², para estabelecer um monastério, a última fundação em vida de São Bernardo de Claraval. Caso o local fosse abandonado sem consentimento régio, as terras retornariam à Coroa. As terras passaram em 1833, pouco antes da extinção da Ordem, ao Estado Português (Portugal, 1153). E há uma lenda que liga Don Dinis e a Rainha Isabel ao surgimento do Pinhal de Leiria ou Pinhal do Rei, lá localizado. Dinis é frequentemente referido como “o plantador de naves a haver”, e Isabel personagem em uma lenda que envolve o plantio do Pinhal do Rei, em Leiria, muito embora outras versões apontem o pai daquele Rei, D. Afonso III, como responsável pela sua plantação, ou mesmo o seu avô, D. Sancho II. Ainda que a dúvida exista sobre as primeiras brotações, de 1279 a 1325 a extensão do pinhal cresceu, dando origem às caravelas, até atingir a dimensão que tem hoje. É uma

⁵⁰ O Martirológio Romano de 2004 tem um verbete revisado como: “Roma, no terceiro marco da Via Portuense, na catacumba de Generosa, SS Simplicio, Faustinus, Viatrix e Rufo, mártires”. Portanto, acredita-se que Beatrix seja uma corrupção manuscrita do nome Viatrix. Disponível em: <https://stpetersbasilica.info/Exterior/Colonna des/Saints/St%20Beatrice-118/StBeatrice.htm>. Acesso em: 30 ago. 2024.

pesquisa interessante para aprofundamento em outro momento, mas cujas informações preliminares são relatadas aqui no intuito de demonstrar que esses personagens acabam conduzindo a pesquisa a uma história coesa de caráter mais abrangente e integrado.

Enfim, a análise do Papa Francisco sobre Dante não apenas reconhece a profundidade espiritual da Divina Comédia, mas também sua relevância contínua para as questões sociais e políticas. Dante utilizou a literatura para criticar a corrupção e a injustiça de seu tempo, enquanto também oferecia uma visão de esperança e redenção. Ao relacionar esses temas com as condições contemporâneas, o Papa Francisco destaca a capacidade transformadora da palavra e da arte, sugerindo que, em tempos de crise, essas são ferramentas essenciais para promover a esperança e o diálogo, e que a missão do poeta é vista como uma construção de um novo mundo.

Os três personagens elencados na quinta parte da Carta Apostólica pelo Papa podem ser relacionados por suas perdas e danos, embora tais perdas se manifestem de forma diferente em cada caso: para Manfredo, a perda de poder e *status* político, uma vez que perdeu o reino da Sicília e a vida em batalha violenta, levando à queda da influência gibelina na região; Buonconte de Montefeltro também experimenta a perda, embora simbólica, uma vez que seu corpo foi arrastado pelo rio na Batalha de Campaldino, privando-o de dignidade e honra pela falta de enterro e lembrança, o que reflete em perda para sua família gibelina; e caso similar, o de Pia de Tolomei, a qual, assassinada pelo marido, perde a dignidade e a memória.

Apesar disso, há superação dessas perdas pela salvação espiritual e, para todos, Dante explora como a misericórdia divina oferece a possibilidade de redenção, pois a justiça divina não é punitiva. Trajano, já no Paraíso, é exemplo de que a virtude e a justiça transcendem as limitações terrenas.

Em sua análise, o Papa Francisco enxerga em Dante um poeta que transcende os limites de seu tempo ao explorar temas universais de misericórdia e liberdade humana. Através dos personagens aqui citados, Dante ilustra como as perdas materiais, políticas e pessoais, por mais devastadoras que sejam, são insignificantes frente à possibilidade de redenção espiritual. Essas figuras, que sofreram mortes violentas e foram privadas de poder, dignidade e honra, encontram em suas histórias uma via para a salvação.

Em suma, a Divina Comédia transcende as fronteiras de Florença e da Itália medieval para se tornar uma narrativa global e atemporal, refletindo as condições humanas universais de exílio, busca espiritual, corrupção e justiça. Através da análise de figuras históricas como Trajano, Buonconte e Manfredo, Dante não apenas narra a história de uma época, mas também oferece uma visão profunda sobre a condição humana e a possibilidade de redenção.

A análise das partes 2 a 8 da Carta Apostólica do Papa Francisco, “*Candor Lucis Aeternae*”, combinada com as descobertas feitas através da pesquisa, revela que a Divina Comédia de Dante Alighieri transcende as fronteiras de Florença, incorporando uma narrativa global, refletindo o mundo conhecido através do mapa *Terrarum Orbis*, de Santo Isidoro de Sevilha (570-636), e que dividia o mundo em três partes: Ásia, África e Europa.

A vasta gama de personagens históricos e mitológicos, as conexões políticas e culturais e as referências geográficas demonstram que Dante estava ciente e envolvido com as dinâmicas globais de sua época. Os temas universais de exílio, busca espiritual, corrupção e justiça refletem preocupações que vão além de qualquer cidade ou região específica, tornando a obra relevante para uma audiência global. Portanto, a Divina Comédia não é apenas uma obra sobre Florença ou a Itália medieval, mas uma reflexão profunda sobre a condição humana, envolvendo uma perspectiva global e uma compreensão do mundo como um todo e uma busca universal por sentido, justiça e redenção.

O Papa Francisco destaca a relevância contínua de Dante para a modernidade, apontando que suas reflexões sobre exílio, desejo humano e justiça ainda ressoam com os desafios contemporâneos. O Papa sublinha a importância de um novo humanismo, inspirado pela obra de Dante, que promove valores como paz, liberdade e fraternidade e, com suas complexas interconexões e representações históricas, ilustra não apenas a realidade medieval, mas também as dinâmicas universais da condição humana.

3 A NONA PARTE DA *CANDOR LUCIS AETERNAE* - ACOLHER O TESTEMUNHO DE DANTE ALIGHIERI

Na última parte da Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae*, o Papa Francisco convida a interpretar a obra de Dante Alighieri, não apenas como narração, mas como um itinerário “de vida e de fé de forma consciente [...] vivendo [...] o dom e o compromisso da liberdade” (Francisco, 2021, subtítulo 9). O Papa afirma que a obra de Dante reflete a sensibilidade de seu tempo, difundindo mensagens de “paz, liberdade, fraternidade” (Francisco, 2021, subtítulo 9), valores que permanecem relevantes na contemporaneidade.

A tríade mencionada pelo Papa Francisco – paz, liberdade e fraternidade – tanto se aproxima quanto se distancia do lema da Revolução Francesa – liberdade, igualdade, fraternidade –, que emergiu dos ideais iluministas. Dante, como uma ponte entre a Idade Média e o Renascimento, uniu conhecimento clássico e cristão, valorizando a dignidade e a capacidade humana, valores centrais no Renascimento.

Enquanto a tríade liberdade, igualdade e fraternidade enfatiza a justiça social, a autonomia individual e a solidariedade, a tríade proposta por Francisco coloca a paz como base fundamental para a justiça e liberdade. A paz, essencial para a estabilidade e o bem-estar coletivo, cria um ambiente no qual justiça e liberdade podem prosperar. A fraternidade sustenta a coesão social e incentiva o apoio mútuo, enquanto a liberdade é exercida de maneira responsável e equilibrada, com responsabilidade social.

A diferença fundamental entre as tríades reside no enfoque e na sequência de prioridades. Enquanto a primeira destaca a autonomia individual e a justiça social, a segunda coloca a paz como base fundamental, enfatizando a interdependência de valores em um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

O Papa destaca a obra de Dante como testemunho da necessidade da graça divina para a salvação, contrapondo-se à ideia do “neopelagianismo autorreferencial e prometeuco de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio passado” (Francisco, 2013, *online*).

O termo prometeuco, associado ao personagem mítico Prometeu⁵¹, engloba significados relacionados à busca pelo conhecimento, rebeldia, progresso, e as consequências dessas buscas. Prometeu simboliza a busca por conhecimento e progresso, mas também alerta para possíveis consequências negativas. Prometeu é metáfora para o conflito entre progresso e ética, destacando a tensão entre inovação, responsabilidade e o desafio à autoridade, e como esses elementos podem alterar o equilíbrio de poder e trazer repercussões sociais e éticas.

No *Inf.* XXVI, a figura de Ulisses, que desafiou a autoridade divina em busca de conhecimento, ecoa esse espírito prometeico. Ulisses narra a Dante sua última viagem, na qual navegou além dos limites do mundo conhecido, desafiando a proibição divina e resultando em sua condenação. Essa história reflete a contínua tensão entre o progresso humano e as consequências éticas e espirituais que podem ser originadas por tais buscas.

O Papa Francisco critica a segurança doutrinal ou disciplinar que resulta em um elitismo narcisista e autoritário, que consome energias controlando os outros em vez de evangelizar e facilitar o acesso à graça. Essas formas desvirtuadas do cristianismo, segundo o Papa, não podem gerar um verdadeiro dinamismo evangelizador (Francisco, 2013, *online*). O Pontífice apela para uma fé que transcenda a rigorosa observância de regras e rituais, destacando a necessidade de uma abordagem mais ética e compassiva em relação à economia e à sociedade, promovendo uma sociedade mais justa e generosa (Francisco, 2013, *online*).

Criticando o materialismo e a idolatria do mercado, Francisco destaca como o sistema econômico global favorece a acumulação de riqueza e poder por uma elite, enquanto ignora as necessidades dos pobres e vulneráveis. Ele denuncia a centralidade do dinheiro e o apego ao poder como distorções contrárias ao ensino cristão, que valoriza a partilha e o cuidado com o próximo, especialmente com os mais desfavorecidos, assim como com a casa comum (Francisco, 2013, *online*). Imaginando um retorno aos valores essenciais do cristianismo, que desafiam a ganância, o materialismo e a luta por poder, promovendo uma sociedade mais justa e generosa que reflita o amor e a bondade divina, é que o Papa chama o poema de Dante Alighieri para os desafios contemporâneos.

Dante, ao escrever a Divina Comédia, conforme nos apresenta o Papa Francisco, como uma “denúncia e crítica contra os crentes, tanto Pontífices como simples fiéis” (Francisco, 2021, subtítulo 3), coloca essa mesma expiação àquela época, em que surgiam as heresias. É

⁵¹ No *Convívio*, Dante utiliza a figura de Prometeu para exemplificar a ideia de punição justa e sofrimento eterno, alinhando-se aos temas de justiça e retribuição que são centrais em sua obra. A referência a Prometeu ajuda Dante a explorar e ilustrar a severidade das consequências de desafiar a ordem divina e a natureza punitiva da justiça celestial.

curioso perceber que Dante não menciona tais heresias em seu percurso no além narrado na Divina Comédia.

O pelagianismo, por exemplo, heresia condenada no Concílio de Éfeso (451), derivou o nome do monge irlandês Pelágio, e foi combatida por Santo Agostinho (Tornielli, 2013), personagem mencionado pelo Papa, na quarta parte da Carta Apostólica, em que o Pontífice descreve Dante justamente como “cantor do desejo humano” (Francisco, 2021, subtítulo 4), desejo que se transforma ao longo da vida (Alighieri, 2019, IV, XII, 13-15), o que nos remete ao desejo final, a misericórdia divina.

Essa discussão envolvendo amor e desejo, de cunho filosófico, coloca a atenção no Outro, na entrega, no oferecimento, e na diferença entre o Amor e o desejo. O desejo, segundo o Papa, “presente no ânimo humano, e o ponto de chegada, a felicidade, dada pela visão do Amor que é Deus” (Francisco, 2021, subtítulo 2).

Joseph Aloisius Ratzinger, o Papa Bento XVI, que antecedeu o Papa Francisco, atualizou essa compreensão descrevendo o pelagianismo dos piedosos (Tornielli, 2013). Ele criticou o pelagianismo como uma forma de vício espiritual, mesmo entre os piedosos, que buscam uma recompensa justa e segurança através das próprias ações, em vez de confiar na Graça de Deus (Tornielli, 2013), uma atitude de não querer receber o perdão ou os verdadeiros dons de Deus, mas sim buscar uma recompensa justa e segurança através de suas próprias ações. Os indivíduos assim descritos desejam obter um direito à bem-aventurança por meio de rigorosos exercícios religiosos, orações e ações, ao invés de confiar na graça de Deus (Tornielli, 2013). A crítica central é que essa abordagem carece da humildade necessária para amar verdadeiramente, que envolve receber dons além do que se pode merecer por meio de ações. A negação da esperança em prol de uma segurança autoimposta revela uma incapacidade de viver em tensão com o que está por vir e de confiar na bondade divina. Portanto, esse tipo de pelagianismo é visto como uma apostasia (abandono) do amor, da esperança e, fundamentalmente, da fé. Ratzinger destaca que essa atitude é uma forma de afastamento da verdadeira espiritualidade cristã, que se baseia na aceitação humilde da graça e na confiança em Deus, ao invés de uma tentativa de ganhar merecimento por esforço próprio (Tornielli, 2013).

Segundo Andrea Tornielli (2013), o Papa Francisco define que tanto o pelagianismo quanto a gnose são “correntes de elite”, sendo a gnose, de uma elite mais formada. Ele cita um exemplo de uma superiora geral que incentivava as irmãs a não rezarem pela manhã, mas a tomarem um “banho espiritual no cosmos”, ignorando a Graça divina. Francisco enfatiza que o Filho de Deus se fez carne, destacando a realidade da pobreza e do sofrimento humano,

especialmente na América Latina. Criticando a idolatria do mercado e a centralidade do dinheiro, o Papa afirma que o verdadeiro evangelho está nas periferias, entre os pobres, os drogados e as vítimas do tráfico de pessoas, pois “os pobres são o evangelho” (Tornielli, 2013, *online*) referindo que “na América Latina temos carnes aos montes” (Francisco *apud* Tornielli, 2013, *online*).

Explorar as ressonâncias contemporâneas da obra de Dante, conforme destacado pelo Papa Francisco na Carta Apostólica, revela um diálogo enriquecedor entre as épocas, desafiando uma visão simplista de uma Idade Média exclusivamente eclesiástica. Percebe-se o forte apelo social da obra, que se manifesta, inclusive, por meio da arte. E assim, temos a exortação do Papa encorajando “o conhecimento e difusão da mensagem de Dante em sua plenitude”, também pela arte (Francisco, 2021, subtítulo 9).

3.1 Transumanação, Transumanização e Humanismo

Transumanação, transumanização e Humanismo são conceitos interligados que refletem diferentes aspectos da condição humana. Na Divina Comédia, Dante usa o termo transumanar para descrever a experiência de transcender a condição humana em comunhão com o divino (*Par.* I, v. 70-2). O poeta enfatiza que “transumanar não pode-se entender por palavras, portanto, o exemplo baste para quem a experiência a Graça conceder” (*Par.* I, v. 70-2), sugerindo uma experiência de êxtase, peculiar. A frase “Deus está no particular”, atribuída ao historiador da arte Abraham Moritz Warburg, é citada por Ginzburg (1989), para destacar a importância dos detalhes aparentemente insignificantes, que podem revelar aspectos profundos sobre a cultura e a história, através de detalhes negligenciados, passíveis de revelar novas perspectivas.

O Papa Francisco, citando João Paulo II, observa que o transumanar de Dante busca equilibrar o divino e o humano, sem que um anule o outro (Francisco, 2021, subtítulo 1). Para João Paulo II, o grande esforço de Dante foi elevar-se acima de suas limitações naturais sem perder sua essência (João Paulo II *apud* Francisco, 2021, subtítulo 1).

Essa elevação espiritual e moral é comparável à transubstanciação, em que, na Eucaristia, o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo, mantendo as aparências originais. Esse processo simboliza a interação profunda entre o divino e o humano, análogo à experiência de transumanar descrita por Dante, em que a condição humana é elevada a uma esfera divina.

No contexto de Dante, a transcendência representava a elevação espiritual e a visão divina, meio de superar as limitações humanas, com o objetivo de alcançar uma comunhão mais próxima com o divino e alinhar a existência humana com propósitos espirituais e morais.

Em contraste, a transumanização moderna surge em um contexto em que a ciência e a tecnologia desempenham um papel central na sociedade, refletindo uma visão mais antropocêntrica. A ênfase desloca-se para a superação das limitações físicas e cognitivas impostas pela natureza humana, buscando aprimorar a condição humana através de avanços biotecnológicos. Defensores veem a era pós-humana como um avanço, enquanto críticos temem a desfiguração da essência humana (Vilaça; Dias, 2014, p. 342).

Esse contraste é especialmente relevante em um contexto acadêmico que explora a evolução do pensamento humano sobre transcendência e superação dos limites. Ele sugere também uma reflexão sobre como essas abordagens influenciam nossa compreensão de nós mesmos e de nossa relação com o divino. A perspectiva de Dante oferece um fundamento histórico importante para entender as questões éticas contemporâneas, contribuindo para um entendimento mais profundo das transformações culturais e intelectuais que moldam nossa visão atual da transcendência e da condição humana. Como menciona o Papa Francisco em sua Carta Apostólica, Dante:

pede-nos sobretudo para ser escutado, ser de certo modo imitado, fazer-nos seus companheiros de viagem, porque quer-nos mostrar também hoje qual é o itinerário para a felicidade, a direita via para viver plenamente a nossa humanidade, superando as selvas escuras onde perdemos a orientação e a dignidade. (Francisco, 2021, subtítulo 9)

Assim, a diferença entre transumanar e transumanização não reflete apenas uma mudança no foco de transcendência, mas também uma transformação nas prioridades culturais e sociais ao longo dos séculos, influenciada pelas mudanças nas esferas espiritual, moral, científica e tecnológica.

Por exemplo, ao compararmos a aceitação dos transumanos hoje com a recepção dos povos indígenas e africanos pelos europeus durante as navegações exploratórias que se iniciavam nos tempos de Dante através das iniciativas portuguesas, percebemos uma continuidade na tendência de avaliar o outro sob a ótica do etnocentrismo. Na época dos descobrimentos, os europeus frequentemente viam os povos indígenas e africanos como inferiores, justificando a colonização e a escravidão com argumentos de civilização e evangelização. De maneira semelhante, o debate contemporâneo sobre transumanização

levanta questões sobre a aceitação e os direitos de seres potencialmente melhorados tecnologicamente, em uma hierarquia baseada em características físicas ou tecnológicas.

Embora distintos, os conceitos de transumanção e transumanização⁵² se entrelaçam na busca pela superação das limitações da humanidade. Hoje, a transumanização, ou a superação dos limites impostos pela natureza através da ciência e tecnologia, está em debate. Esta perspectiva busca aprimorar a condição humana através de avanços biotecnológicos, levantando questões éticas e filosóficas sobre a essência humana e os deveres morais para com os futuros pós-humanos (Vilaça; Dias, 2014, p. 342).

O debate contemporâneo sobre a biotecnologia reflete dilemas éticos semelhantes aos apresentados por Dante, seja pela transcendência humana pela Graça divina, seja pela elevação acima dos limites impostos pela própria natureza, o que traz à tona questões de ética, responsabilidade e desafios à ordem natural. Defensores da era pós-humana veem nela uma ascensão aos ideais mais elevados da humanidade, enquanto críticos temem que tais tecnologias possam desfigurar irreparavelmente a essência humana.

Conectando os termos humanismo, transumanção e transumanização, observa-se continuidades e evoluções conceituais desde Dante até o presente, assim como uma mudança epistemológica sobre natureza humana e transcendência. Em relação ao humanismo, manteve-se o foco no valor e dignidade do ser humano. Dante, através da experiência humana projetada no Inferno, Purgatório e Paraíso, viu o humano em uma perspectiva espiritual e material. Ele utilizou intensamente aspectos teológicos na sua representação do humanismo, que, a partir do Renascimento cedeu lugar a uma investigação mais secular, focada na capacidade e potencial humano, migrando do teocêntrico para o antropocêntrico, ainda que muitos humanistas continuassem envolvidos com questões da fé.

⁵² Artigo de Andressa Barbosa, publicado em 10 de junho de 2023, na ForbesTech: O que é transumanismo? O transumanismo, um movimento multidisciplinar, estuda como a tecnologia é capaz de fundir o corpo e a mente humana, permitindo ao ser humano transcender diante das limitações atuais. Os transumanistas buscam aprimorar as habilidades humanas, prolongar a expectativa de vida e moldar o próprio caminho evolutivo, superando as restrições biológicas e aumentando as capacidades físicas e intelectuais, levando a uma nova era do potencial humano. O movimento defende a utilização de tecnologias avançadas para aprimorar as capacidades humanas, assim, consegue explorar diversas possibilidades como engenharia genética, inteligência artificial, nanotecnologia e muito mais. Embora muitas vezes desencadeie debates e considerações éticas, o transumanismo oferece uma visão convincente de um mundo onde a humanidade alcança novas fronteiras de existência. [...] O transumanismo não se limita a aumentos físicos, ele também procura desbloquear todo o potencial da mente humana através da integração de inteligência artificial, interfaces neurais e aprimoramentos cognitivos. É crucial ter diálogos contínuos e estabelecer estruturas éticas para navegar nas questões complexas e garantir que os benefícios do transumanismo sejam compartilhados de forma equitativa. Os críticos argumentam que buscar melhorias poderia exacerbar as desigualdades sociais, criando uma divisão entre aqueles que podem arcar com melhorias e aqueles que não podem. Além disso, também surgem questões sobre a preservação da identidade individual, perda potencial de privacidade e consequências imprevistas de mexer em nossa biologia.

Dante, ao usar o conceito de transumanar, descreveu uma mudança espiritual e moral no Paraíso, quando é transportado para o alto, uma ideia que se aproxima das discussões contemporâneas no sentido de superar as limitações humanas, exacerbando o potencial humano, seja de maneira física, espiritual ou moral.

No entanto, a transumanização introduz uma alteração nesse conceito, incorporando questões tecnológicas para melhorar, alterar e inovar a condição humana. Essa questão contemporânea envolve aspectos sociais, éticos, tecnológicos e filosóficos em um contexto de desenvolvimento e mudanças aceleradas. No presente, o foco espiritual e moral de Dante pode ser substituído por uma abordagem mais prática e materialista das capacidades humanas, mudando a preocupação da existência na pós-vida para a preocupação com a existência aqui e agora. Nesse ponto e corroborando tal ideia, o Papa exalta o corpo, seja na introdução da Carta apostólica ao enaltecer a Encarnação, seja na sua sexta parte, em que trata sobre “A imagem do homem na visão de Deus”, destacando o aspecto corpóreo da humanidade na “sua perfeição completa de alma e corpo” (Francisco, 2021, subtítulo 6).

Portanto, a diferença entre transumanar e transumanização reflete não apenas uma mudança no foco de transcendência, mas também uma transformação nas prioridades culturais e sociais ao longo dos séculos, influenciada pelas mudanças nas esferas espiritual, moral, científica e tecnológica.

3.2 Interconexões entre mundos: “a jeira que nos torna tão ferozes”

As ideias discutidas até agora encontram eco no pensamento de Boaventura de Souza Santos⁵³, especialmente em seus textos “O fim do confinamento de Deus” e “Se Deus Fosse um Ativista dos Direitos Humanos”. Santos (2020, *online*) faz uma analogia entre Deus e a Virgem Maria, afirmando que Deus é do “outro mundo”, e que seu “reino não é deste mundo”, pois Deus representa a transcendência (Santos, 2020, *online*), assim como se tornou Maria.

No mesmo processo em que Deus foi humanizado, foi também desnaturalizado e, com ele, os seres humanos que o conceberam. E como não conseguem ser mente sem ser corpo natural, ao mesmo tempo que provaram a existência de deus, os seres humanos deixaram de o entender e deixaram de se entender entre si. Assim se desumanizaram. A humanização de Deus redundou na desumanização dos seres humanos. (Santos, 2020, *online*)

⁵³ Diretor Emérito do Centro de Estudos Sociais e Coordenador Científico do Observatório Permanente de Justiça Portuguesa.

Em outras palavras, a humanizar Deus, tornamo-Lo mais compreensível aos humanos, mas, ao fazê-lo, incluímos nele características humanas, diluindo sua natureza transcendental e sobrenatural. O que resta é uma entidade distante e misteriosa, uma projeção da humanidade que leva à desnaturalização. Com Deus humanizado e desnaturalizado, a compreensão dos humanos sobre Deus e sobre si mesmos se enfraquece, levando à desumanização da sociedade (Santos, 2020).

Santos (2020) argumenta que a separação entre Deus e a humanidade, promovida pela filosofia cartesiana no século XVII, contribuiu para o crescimento do capitalismo centrado nos interesses individuais. Supõe-se, então, que a mente humana seria a única capaz de conceber a ideia de Deus, semelhante à visão encontrada no final da Divina Comédia. No entanto, uma visão alternativa, inspirada por Spinoza, compreende Deus como a própria natureza, onde a humanização representa a integração com a natureza, e não sua separação; algo que se aproxima da visão do Papa ao referir que tudo está interligado.

No século XXI, Santos (2020) interpretou a pandemia de coronavírus, o que nos traz à mente a peste negra no século XIV, e que devastou vidas mundo afora, como um evento teológico, revelando a interconexão entre os seres vivos. Ele argumenta que a dominação capitalista, colonial e patriarcal naturalizou a exploração dos seres humanos e da natureza, e o vírus uma evidência da existência de Deus. Um “Deus desconfinado” que ameaça o poder estabelecido e que oferece consolo à Terra e aos prejudicados pela dominação (Santos, 2020, *online*). Ele escreveu: “um deus desconfinado é finalmente um consolo eficaz e perene para a mãe terra e para todos aqueles que, por estarem mais próximos dela, foram juntamente condenados com ela, os condenados da terra de Franz Fanon”⁵⁴ (Santos, 2020, *online*), nome que corresponde à obra de 1961 de Fanon, em que ele tece fortes críticas ao capitalismo, racismo, colonialismo, patriarcado e mesmo ao cristianismo enquanto forma de opressão.

Essa humanização de Deus, segundo Santos (2020), que O torna mais compreensível, também O desnaturaliza, transformando-O em uma projeção de características humanas. Isso resultou na desumanização da sociedade, afetando a compreensão dos seres humanos sobre Deus e sobre si mesmos (Santos, 2020). Ao relacionar essa ideia à atualidade, especialmente à pandemia do coronavírus, o autor afirma que eventos como este destacam uma interconexão

⁵⁴ Frantz Omar Fanon (1925-1961) foi um dos mais importantes pensadores e revolucionários do século XX. Nascido na Martinica, então colônia Francesa, formou-se em medicina e psiquiatria antes de tomar parte na guerra de independência argelina, nas fileiras da Frente de Libertação Nacional, onde atuou como organizador, jornalista, médico, embaixador. Autor de obras geniais como *Pele negra, máscaras brancas* e *Os condenados da terra*, é hoje reverenciado no mundo todo como um dos principais intelectuais do terceiro-mundismo, do pan-africanismo, do anticolonialismo e do marxismo periférico. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/frantz-fanon-2325>. Acesso em: 24 ago. 2024.

entre todos os seres vivos, desafiando a visão de separações, e oferecendo consolo àqueles prejudicados pela dominação e exploração (Santos, 2020).

No seu texto “Se Deus Fosse um Ativista dos Direitos Humanos” (2014), Santos discute os direitos humanos e sua confrontação com movimentos que reivindicam maior presença da religião na esfera pública. Esse tema está diretamente relacionado às preocupações de Dante, e se reflete em movimentos globais atuais, em que “as teologias políticas que os sustentam constituem uma gramática de defesa da dignidade humana que rivaliza com a que subjaz aos direitos humanos e muitas vezes a contradiz” (Santos, 2020, orelha do livro).

Relacionando essas reflexões à obra de Dante Alighieri, pode-se interpretar que a busca por uma compreensão mais profunda da relação entre Deus, a humanidade e a natureza são um tema que sempre foi relevante ao longo do tempo. Dante, através de sua jornada espiritual, também explorou a conexão entre o divino e o humano, buscando compreender a relação entre Deus, a humanidade e o mundo natural. Especialmente em tempos de desafios, essa compreensão ressalta a interdependência e interconexão de todos os seres vivos.

3.3 Diálogos Interseccionais, horizontes humanistas

Na *Candor Lucis Aeternae*, o Papa Francisco apresenta Dante como anunciador da possibilidade de resgate e libertação, promovendo a “mudança profunda de cada homem e mulher, de toda a humanidade” (Francisco, 2021, subtítulo 1). Ele enfatiza a importância na promoção da liberdade e da dignidade humanas, considerando-as dons divinos que permitem aos seres humanos determinarem seu destino com base em suas escolhas, mesmo reconhecendo Dante um homem de seu tempo (Francisco, 2021, subtítulo 9). Embora o texto papal não mencione explicitamente questões políticas, é importante lembrar que o Papa frequentemente aborda tais temas em seus pronunciamentos.

O livro organizado por Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães e elaborado pelo Núcleo de Estudos Sociopolíticos da PUC de Minas Gerais e da Arquidiocese de Belo Horizonte (2022) oferece uma perspectiva relevante sobre o Papa Francisco. Ele é descrito como uma voz quase solitária no cenário político internacional, afirmando que este que aqui está não é o único mundo possível. Em contraste com o discurso dominante, o Papa Francisco entende que concessão, transigência e tolerância recíprocas são essenciais para substituir a violência pela possibilidade de uma vida de paz, em referência à doutrina social da Igreja Católica, que não constitui “novidade histórica absoluta” (Mol Guimarães *et al.*, 2022, p. 14).

Dom Joaquim argumenta que essa abordagem representa um novo humanismo que desafia as formas atuais de organização econômica e social, apontando que essa mudança não se limita a uma época de crise, mas reflete uma mudança civilizatória em curso (Mol Guimarães *et al.*, 2022, p. 14). Isso nos remete à opinião de Felicité Robert de Lamennais⁵⁵ (*apud* Lins, 1966) que, no século XVIII, se referiu a Divina Comédia de Dante como “um túmulo e um berço”.

Dom Joaquim também cita Robson Sávio Reis Souza, que aponta que o Papa argentino escolheu o nome Francisco “em referência à mística da pobreza praticada pelo santo homônimo na Idade Média” (Mol Guimarães *et al.*, 2021, p. 15). Defendendo ideias promotoras da vida, Francisco busca criar um humanismo, “com uma profunda revisão dos rumos que a sociedade de economia capitalista foi adotando” (Mol Guimarães *et al.*, 2021, p.15). Segundo o autor, o Papa também destaca a necessidade de uma profunda revisão nos rumos da sociedade capitalista, que ameaça condenar grande parte da humanidade à exclusão e à miséria, além de destruir a “casa comum” (Mol Guimarães *et al.*, 2020, p. 15). E, citando Geraldo Luiz de Mori, “versa sobre a história do humanismo no Ocidente: suas raízes greco-romanas e judaico-cristãs; o caminho percorrido desde o surgimento de um humanismo antropocêntrico no alvorecer dos tempos modernos; e a crítica contundente à ideia da excepcionalidade do humano que está na base de propostas como a do pós-humanismo ou do transumanismo” (Mol Guimarães *et al.*, 2021, p 16), ainda comentando sobre as reflexões sobre Márcia Stengel e Simone Pereira Dourado acerca do “regime de vida contemporâneo a partir da onipresença das tecnologias de informação e de comunicação”, até as instâncias de controle e poder, num mundo de excesso, oscilação, identidade problemática e desenraizamento (Mol Guimarães *et al.*, 2021, p. 17), pontos que se acredita terem sido tratados no decorrer desse estudo.

O corpo como casa da alma é destacada pelo Papa na sexta parte da Carta, em que ele comenta sobre “A imagem do homem na visão de Deus”, abordando a perfeição completa de alma e corpo, a ressurreição da carne e o “desejo explícito de voltar a ver os seus corpos, as feições terrenas”, de toda a humanidade. O corpo encontra ligação com os franciscanos em

⁵⁵ Escritor religioso e político francês, Lamennais equiparou o cristianismo católico à religião de toda a humanidade. Negava o sobrenatural e proclamava que os súditos não deveriam seguir os soberanos temporais quando os governantes se recusassem à conduta dentro dos ideais cristãos. Lamennais sugeriu a separação da Igreja e do sistema educacional do Estado, bem como a liberdade de imprensa, pedindo a união de todas as pessoas amantes da liberdade. Convencido de que o Papa se colocaria à frente dessa cruzada pela liberdade, ele foi a Roma em 1832 para defender suas ideias diante de Gregório XVI, mas elas foram condenadas na encíclica '*Mirari vos*' (1832). Admitia a autoridade da Igreja em questões de fé, mas a negava na esfera da política. Lamennais deixou a Igreja e todas as tentativas de reconciliá-lo falharam. Ele foi um precursor do Modernismo (Oxford Reference, 2024).

1263, pela adoção da festa da Imaculada Conceição, e 1264, com a Bula *Transiturus de Hoc Mundo* (Passando deste Mundo), de Urbano IV, que declarava “Deus nos deu tudo no momento em que se submeteu aos nossos pés e nos confiou o domínio supremo sobre todas as criaturas da terra” (Urbano IV, 1264, n.p.). A prescrição da Festa de *Corpus Christi* para toda a Igreja, também deflagrou a ideia de pobreza de Cristo e da caridade. Essas ideias se alinhavam ao momento em que o martírio e os mendicantes eram parte de um jogo entre o sagrado e a violência, especialmente nos escritos dos franciscanos e dominicanos e na glória de morrer pela fé.

Cyro de Barros Rezende Filho (2009) observa que, na Idade Média, os pobres passaram de minoria funcional a excluídos do paraíso, demonstrando uma mudança significativa na visão sobre a pobreza e a riqueza em relação à salvação eterna. A pobreza passou a ser vista como um sinal de danação eterna, marginalizando os pobres não apenas socialmente, mas também espiritualmente. Essa nova ideologia transformou os pobres em meros espectadores de uma salvação inacessível, forçados a aceitar sua condição de forma passiva e resignada.

Rezende Filho (2009) menciona a expressão “O ar da cidade liberta”, aplicável ao final do século XII e que, na prática, impulsionou ao aumento de deserdados entre a população das cidades medievais. Outra expressão, “comi como um abade” surgida no século XIII, refletia que “o pobre de Cristo não era mais atingido pela pobreza que se generalizava [...] sendo [...] sua denominação [...] mero artifício semântico” (Rezende Filho, 2009, p. 5). Essas duas expressões, juntas, ilustram a complexa dinâmica social e econômica das cidades medievais, em que a promessa de liberdade e melhoria de vida contrastava fortemente com a realidade do aumento da pobreza e desigualdade. Com o surgimento das ordens mendicantes de dominicanos e franciscanos (os *fraticelli*), houve a tentativa de se alterar o conceito de pobreza, com a aceitação da pobreza de Cristo, que “viveu da caridade de seus seguidores” (Grundmann, 1950, p. 74 *apud* Rezende Filho, 2009, p. 6). Assim, elevavam a noção de pobreza a uma virtude digna de ser compartilhada (Rezende Filho, 2009 p. 6) E, pela demonstração de fé na infinita misericórdia divina, operar uma verdadeira “inclusão social”, readmitindo, no seio do rebanho cristão, seus muitos excluídos [...] (Rezende Filho, 2009, p. 6). Mesmo assim, posteriormente, os frades menores foram condenados por heresia (Rezende Filho, 2005, p. 62 *apud* Resende Filho, 2009, p. 6). Essa dinâmica social e econômica também impactou a forma como os pobres eram percebidos, introduzindo uma visão mais crítica de sua condição, e:

os pobres não resistiram, como categoria social, aos valores do dinheiro e da laboriosidade que a nascente burguesia venerava, e passaram a ser vistos como excluídos voluntários da sociedade. O infortúnio do pobre não é senão fruto de seu mau ânimo e de sua preguiça, e a pobreza passa mesmo a ser vista como um castigo divino. (Franco Junior, 1995, p. 105)

São Bernardo defendia uma pobreza voluntária, uma escolha consciente, não uma imposta e opressora derivada da injustiça social. Isso, ao passo que “nos sermões dominicais de finais do século XIII, a avareza deixa de ser apontada como um pecado grave” (Fossier, 1970, p. 146-147 *apud* Rezende Filho, 2009, p. 6). Aí se intensificam as caridades com o surgimento das Instituições Assistenciais. Confrarias dedicadas aos necessitados e doentes e os abrigos como as Santas Casas de Misericórdia têm incremento durante o século XII e limpavam “as cidades de seus traços degradantes. Deve-se esconder a pobreza, ela é feia e, com sua presença, envergonha a sociedade. Mas os pobres multiplicam-se e vão clamar sua voz irada nas revoltas dos séculos XIV e XV” (Rezende Filho, 2009, p. 6). “A origem dessas revoltas está no desconforto que a pobreza causa, na injustiça de sua imposição e na vergonha que ela ocasiona” (Rezende Filho, 2009, p. 7).

Essa reflexão demonstra como a pobreza, antes vista como uma condição temporária mitigada pela esperança de redenção celestial, passou a ser considerada um indicativo de exclusão eterna do paraíso. E aqui nos serve para percebermos o impacto transformador da religião nas normas sociais e econômicas, mostrando como as interpretações teológicas podem reforçar ou não estruturas de poder e moldar percepções sociais.

A interação entre teologia e práticas sociais revela como mudanças na doutrina religiosa afetam grupos vulneráveis. Desde as mudanças na adoção de festividades religiosas até a veneração de aspectos da fé, surge uma visão abrangente da contribuição da religião em moldar a cultura e a sociedade. Esta análise reflexiva das implicações teológicas e sociais da pobreza e riqueza, descreve a evolução das atitudes sociais em relação à economia e moralidade. Vale lembrar que Dante se perdeu em uma selva selvagem, como um homem sentindo-se frente à loba “Qual pessoa que seus bens leda conquista – e o tempo de perder vem alcançá-la” (*Inf.* I, v. 55-56), e se encontra desprovido de seus bens em função do exílio imposto.

Agora, no terceiro milênio, com a Carta Apostólica, o Papa Francisco, desviando da “morte e [d]o incremento da violência como regimes legítimos” (Mol Guimarães *et al.*, 2022, quarta capa), atenta à “destruição ambiental [a qual] chegou ao ponto em que a própria vida no planeta começa a ficar ameaçada” (Mol Guimarães *et al.*, 2022, quarta capa). Os discursos e atitudes do Papa, segundo Mol Guimarães *et al.* (2022), sugerem a possibilidade de uma

nova vida, em que a morte não tenha a última palavra, alertando sobre a “progressiva degradação do Ocidente e do planeta, ‘casa comum’” (Mol Guimarães *et al.*, 2022, p. 23), pondo no centro todas as formas de vida, propondo a vida pela fé no bem, e, claro, no seu âmbito, na ressurreição.

A transumanização, ou seja, a superação dos limites impostos pela natureza, relaciona-se a processos de mudança ou evolução, que permeiam o meio cultural, teológico e espiritual, indicando transições significativas ou transformações sociais. “O conceito de natureza humana, é fundamental na polarizada discussão travada entre os transumanistas e bioconservadores” (Vilaça; Dias, 2014, p. 341).

A obra de Dante descreve uma transumanização, em que o poeta percorre um percurso impossível aos simples mortais, enquanto a transumanização é a “controversa perspectiva de investimento na transformação da condição humana”, protagonizando debates do futuro (pós)humano, em que “o investimento na biotecnociência como um modo de Iluminismo humanista de raízes biológicas” (Vilaça; Dias, 2014, p. 342).

Retomando a comparação entre a aceitação dos transumanos e a recepção dos povos autóctones pelos europeus durante a era dos descobrimentos vinda logo após Dante, nos revela uma continuidade na tendência de avaliar o outro sob a ótica da superioridade. Como dito, na época dos descobrimentos, os europeus frequentemente viam os povos indígenas e africanos como inferiores a justificar a colonização e a escravidão, com argumentos de civilização e evangelização, exemplo seguido pelo destino manifesto impondo crenças e sistemas aos povos colonizados. De maneira semelhante, o debate contemporâneo sobre transumanização levanta questões sobre a aceitação e os direitos de seres potencialmente melhorados tecnologicamente, agora em uma hierarquia baseada em características físicas ou tecnológicas.

O humanismo como conceito moderno, foi um empreendimento moral e intelectual, após o Renascimento, no século XVI, que buscava colocar o homem no centro da vida, em uma retomada dos clássicos da antiguidade. Contudo, seus pensadores não adotaram a perspectiva de forma homogênea. Muitos estudiosos classificam Dante como um humanista, ainda que se saiba que o movimento teve início com Petrarca, no século XIV, e em razão do crescimento urbano, do surgimento da burguesia e da acumulação de riqueza, contexto em que se buscava legitimar culturalmente os novos costumes desenvolvidos como novas formas de expressão (Silva; Silva, 2014).

O Papa na Carta Apostólica encoraja artistas a darem “voz, rosto e coração, a dar forma, cor e som à poesia de Dante [...] com as linguagens próprias da arte” (Francisco, 2021,

9). Combina sua exortação com as palavras que refere de Paulo VI, destacando que a beleza artística tem o poder de tornar os ensinamentos teológicos e filosóficos mais acessíveis e compreensíveis para todos, uma vez que “as pesquisas profundas, os raciocínios subtis resultam inacessíveis aos humildes, que são uma multidão” (Paulo IV *apud* Francisco, 2021, subtítulo 1).

Mas, nesse contexto, é pertinente observar Leonardo Aretino (ou Bruni), que foi figura central no humanismo florentino e Secretário da Chancelaria Papal, com o que se extrai do “Correspondências”:

consagrai-vos a dois gêneros de estudos. Em primeiro lugar adquiri um conhecimento de letras, não vulgar, mas sério e aprofundado, depois, familiarizai-vos com a vida e as (boas) maneiras – o que se chama os estudos humanos, pois que eles embelezam os homens. Neste domínio os vossos conhecimentos devem ser extensos, variados e hauridos em todas as espécies de experiências, sem nada negligenciar daquilo que possa contribuir para a conduta de vossa vida, para a vossa glória e a vossa reputação. Aconselho-vos a ler autores que possam ajudar-vos, não somente pelo seu assunto, mas também pelo esplendor de seu estilo e o seu talento literário, a saber: as obras de Cícero e as de todos aqueles que se aproximam de seu nível..., pois quereria que um homem distinto seja muito erudito e capaz de dar aos seus conhecimentos uma formulação elegante. É por isso que não somente se deve seguir as lições dos mestres, mas também instruir-se com os poetas, os oradores e os historiadores para adquirir um estilo elegante, eloquente... (Bruni, 1976, p. 143)

Essa referência é interessante porque, apesar de Dante ter escrito sua obra em dialeto vulgar, no século XIII, não há dúvidas, entre seus estudiosos, quanto à sua erudição, tanto teológica como histórica, conforme evidenciado pelas inúmeras referências a Cícero, apontadas nas notas explicativas da Divina Comédia (Alighieri, 2019, notas do tradutor, p. 349-452) e do Convívio, pensador que teve importância significativa na construção da sociedade ocidental.

Dante, através da Divina Comédia, cria um vasto universo ficcional que harmoniza elementos diversos para transmitir sua visão da condição humana. Seu trabalho reflete um humanismo que integra espiritualidade e materialidade, permanecendo relevante na discussão contemporânea sobre a natureza humana e o progresso tecnológico.

No Livro de Mol Guimarães (2021) sobre os paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco, Guimarães cita o trabalho de Elton Vitoriano Ribeiro, esclarecendo quanto ao novo humanismo proposto que “as bases de tal projeto [...] não são novas, já que fíncam suas raízes na concepção humanista clássica, esta, por sua vez, fundada nas civilizações grega e romana e no próprio alvorecer do cristianismo” (Mol Guimarães *et al.*, 2021, p. 16), base fundamental da obra de Dante Alighieri.

No mesmo compilado, Manfredo Araújo de Oliveira “descreve o período atual da história como um momento crítico em que se está andamento um processo de desumanização da vida que ele faz remontar aos pilares da racionalidade moderna.” (Mol Guimarães *et al.*, 2021, p. 22). E João Carlos Lino Gomes reflete sobre como a política foi subjugada pela economia, levando à perda de valores sociais e ao crescente poder das grandes corporações, argumentando que isso representa o fracasso dos ideais modernos, mas sim a distorção desses ideais, comparando a política antiga com a moderna. Gomes, segundo Mol Guimarães *et al.* (2022), sugere que a atual crise dos valores democráticos é resultado do abandono gradual da política em favor do foco no progresso material.

3.4 Neomedievalismo: ressignificação da herança medieval na sociedade contemporânea

Na *Candor Lucis Aeternae*, o Papa Francisco (2021) destaca Dante como um “paradigma da condição humana”, situado na interseção entre indivíduo e um mundo complexo. O Papa considera a obra de Dante um mosaico revelador de uma realidade mais ampla. Após uma breve biografia que destaca momentos “essenciais para compreender a sua obra”, o Papa afirma que compreender Dante importa não só aos crentes, mas à humanidade, pois “remete-nos para as raízes cristãs da Europa e do Ocidente” (Francisco, 2021, subtítulo 2).

Ao destacar Dante, o Pontífice participa implicitamente de um movimento de resgate e ressignificação da herança medieval. Ele sugere que a obra do poeta pode servir de guia moral e espiritual na era contemporânea. Nesse contexto, o conceito de neomedievalismo, cunhado por Umberto Eco (1984), embora não bem definido, torna-se relevante.

Nessa dissertação, é importante chamar à atenção à abordagem crítica e informada do Papa Francisco, que respeita o contexto histórico de Dante e adapta seus elementos à realidade moderna de forma responsável, diversamente do uso mais generalizado e muitas vezes descontextualizado dos símbolos medievais, conforme observamos no neomedievalismo.

O neomedievalismo invadiu a cultura de massas através de obras multimidiáticas, como as de John Ronald Reuel Tolkien e a série “*Game of Thrones*”. Essas ressignificações, sem compromisso real com a Idade Média ou sua base histórica, tornaram-se fenômenos populares.

No campo religioso, também observamos esse resgate em instituições reconhecidas pela Igreja Católica. A exemplo, a associação de devoção mariana fundada por João Clá Dias,

que foi originada em proximidade a Plínio Corrêa e à Antiga Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), responsável pela organização das Marchas da Família com Deus pela Liberdade, que se denomina Arautos do Evangelho.

Os Arautos do Evangelho, por meio de construções idealizadas, propagam ideais monarquistas e campanhas contra os direitos de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Transgênero (LGBTQ), diluindo a temporalidade no presente. Embora reconhecidos pelo Vaticano em 2001, através de João Paulo II, em 2017 foram alvo de investigação interna em função de humilhações que estariam acontecendo, praticados por integrantes do grupo católico conservador. Após o início das investigações, João Clá Dias renunciou ao comando oficial do grupo, embora sua importância mantenha-se dentro da organização. Em 2017, foi nomeado pelo Vaticano um comissário, Cardeal Raymundo Damasceno Assis, para realizar mudanças na entidade (Mori, 2021). No entanto, os Arautos “não aceitavam sua autoridade como comissário, pois o decreto papal seria ‘inválido e ilegal’ por ‘contradizer normas do direito canônico’ e por causa de ‘erros fundamentais nele contidos’” (Mori, 2021, *online*). A resistência dos Arautos às intervenções do Vaticano ilustra como a ressignificação seletiva da herança medieval pode ser utilizada de forma ideológica e polarizadora.

Outros exemplos mais demonstram que, embora a Idade Média seja uma categoria eurocentrada, suas ideias e representações continuam a influenciar a cultura e política brasileira contemporânea. Movimentos conservadores adotam símbolos e valores medievais para reforçar agendas específicas, enquanto críticos usam a Idade Média para destacar aspectos negativos, como o obscurantismo relacionado àquela época.

É possível interpretar que a análise do Papa Francisco instiga um retorno ao medieval, uma vez que Francisco utiliza Dante para destacar a perenidade da fé cristã, enquanto grupos como os Arautos do Evangelho ressignificam elementos medievais para abordar questões contemporâneas, muitas vezes ideologicamente carregadas. Ambas as perspectivas mostram como a Idade Média continua a moldar narrativas e identidades na sociedade moderna, mas com intenções e resultados distintos.

É crucial reconhecer que essas ressignificações podem ter consequências complexas e, por vezes, problemáticas. Essa manipulação de símbolos medievais pode perpetuar ideais retrógrados e contrariar valores universais de compaixão e justiça, como os promovidos por Dante e reforçados pelo Papa Francisco.

As visões podem servir para reforçar agendas políticas e sociais específicas, às vezes mesmo contrários aos direitos contemporâneos, como a democracia e o direito de Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais e outros (LGBTQIA+),

por exemplo. Além disso, a rejeição das autoridades eclesiásticas legítimas, como visto na resistência dos Arautos do Evangelho às intervenções do Vaticano, demonstra um uso controverso e polarizador da herança medieval.

O Neomedievalismo tem sua influência na América Latina e na cultura contemporânea. A Idade Média, como conceito temporal, desempenhou papéis variados nos discursos sobre nossas origens, sendo ora exaltada, ora rejeitada, mas sempre presente nas narrativas históricas e culturais do continente. Rangel (2021), em seu artigo “Política, religião e neomedievalismo: As diferentes Idades Média da Tradição Família e Propriedade (TFP) e os Arautos do Evangelho”, analisa como instituições religiosas conservadoras no Brasil reapropriaram e recriaram aquele período. Ele compara as duas entidades destacando os mecanismos específicos de cada uma e enquanto a TFP foca no aspecto político e na cristandade medieval, os Arautos do Evangelho ressignificam esses elementos predominantemente no campo religioso, essencial para sua legitimidade. O autor ressalta a importância do neomedievalismo para entender esses movimentos religiosos no Brasil contemporâneo e nos mostra como essa busca no passado pode ser uma ferramenta poderosa para a reflexão crítica sobre a sociedade contemporânea (Rangel, 2021).

Uma situação pensada aqui, como exemplo, pode ser destacada dentro do contexto do simbolismo cultural, através das figuras de São Guinefort, Negro Matapacos, o lebréu que Dante menciona no *Inf.* I, v. 100-111 e São Cristóvão. São Guinefort foi um cão venerado como santo na França e Itália do século XIII, símbolo de justiça popular e cuidado. Segundo a lenda, Guinefort teria protegido uma criança contra uma serpente, mas foi erroneamente morto por seu dono, que pensou que o cão havia atacado seu bebê. Posteriormente, devido à injustiça, os aldeões veneraram o cão como santo, acreditando em seus poderes milagrosos de cura. No entanto, a veneração de São Guinefort foi condenada pela Igreja Católica como heresia, pois a santificação de um animal ia contra sua doutrina oficial. O culto a São Guinefort representava a resistência popular contra a injustiça e a proteção dos vulneráveis, mesmo que isso significasse desafiar as autoridades religiosas da época. Segundo Costa (2009), o relato do bispo dominicano Étienne de Bourbon sobre a adoração do Cão de Guinefort destaca a complexidade das superstições no século XIII. A análise aborda como a superstição, inicialmente vista como remanescente de práticas pagãs, evoluiu para ser associada à idolatria e ao pecado, especialmente o da soberba. Étienne, como inquisidor, combateu essas práticas, que se manifestavam na cultura popular, mas que também tinham conexões com a cultura eclesiástica. O estudo demonstra como a religião e a superstição estavam entrelaçadas, revelando um “nível cultural intermediário” em que elementos das

culturas clerical e popular se mesclavam, e como a Igreja utilizou a pregação e a repressão para combater essas práticas (Costa, 2009).

O Negro Matapacos, por sua vez, tornou-se um símbolo sociocultural de resistência no Chile durante os protestos estudantis de 2011. O cão, que acompanhava os manifestantes em suas marchas, ganhou notoriedade por sua lealdade e coragem, atacando policiais que reprimiam os protestos. Negro Matapacos se transformou em um ícone de luta contra a opressão e em defesa dos direitos sociais, representando a solidariedade e o espírito de resistência que marcaram aquele período. Sua imagem foi amplamente difundida em murais, cartazes e até mesmo em arte de rua, tornando-se um símbolo da luta por justiça e igualdade no Chile.

É importante notar que embora tanto São Guinefort quanto Negro Matapacos sejam cães que se tornaram símbolos de justiça, eles representam contextos e significados muito diferentes, refletindo as necessidades e valores de suas respectivas épocas.

No *Inferno* de Dante, o lebréu é profetizado como um herói humano cuja missão é salvar a Itália da avareza. O lebréu, que é uma raça de cão de caça caracterizada por sua rapidez e agilidade, é simbolicamente associado por Dante à figura de um salvador que traria renovação moral e espiritual à Itália. A identidade do lebréu é envolta em múltiplas interpretações, sendo visto por alguns como uma figura messiânica. Esse lebréu simboliza a esperança de redenção e a possibilidade de restaurar a justiça em uma sociedade corrupta, refletindo as preocupações de Dante com o destino de sua pátria (*Inf.* II, v. 100-111).

São Cristóvão, por seu turno, um mártir cristão cuja veneração é antiga dentro do cristianismo, foi incluído na Legenda Áurea em 1260. Reverenciado por barqueiros, marinheiros e viajantes, hoje, no Brasil, São Cristóvão é também o santo padroeiro dos motoristas. Sua representação no cristianismo medieval, às vezes, mostrava-o com uma fisionomia canina, como na icônica imagem de “São Cristóvão, o Cinocéfal”, como, a exemplo, mostra o afresco da Igreja de San Millan, em Segóvia, na Comunidade Autónoma de Castela e Leão, construída no século XII. Essa fisionomia de cabeça de cachorro era um reflexo da complexidade do simbolismo religioso e sua evolução ao longo do tempo. No entanto, ao longo dos séculos, sua imagem foi reinterpretada, e São Cristóvão passou a ser retratado como um homem com cabeça humana. De acordo com a Legenda Áurea, São Cristóvão dedicou sua vida a carregar Cristo e as pessoas que precisavam atravessar um rio perigoso, uma metáfora para sua dedicação ao serviço cristão e à salvação das almas.

São detalhes que refletem a complexidade do simbolismo cultural e sua evolução ao longo do tempo, mostrando como figuras simbólicas muito próximas podem adquirir

diferentes significados conforme se adaptam às necessidades e crenças culturais de cada época. Assim, colocamos um exemplo de quatro personagens cuja imagem, embora próxima, não guarda relação estreita uma com a outra.

Mas podemos chamar outro exemplo, a demonstrar como o simbolismo cristão permanece influente na cultura europeia moderna, como se observa na bandeira da União Europeia (UE). Na Revista do Centro Acadêmico de Democracia Cristã, Rebelo (2004) discute a coincidência entre a celebração dos 150 anos do dogma da Imaculada Conceição e a assinatura do Tratado Constitucional da União Europeia. Ele destaca que a bandeira da União Europeia, com doze estrelas douradas sobre fundo azul, foi inspirada na iconografia mariana, associada à Virgem Maria (Rebelo, 2004). Essa inspiração é vista como uma ironia, considerando a omissão das raízes cristãs no tratado. A bandeira foi desenhada por Arsène Heitz, um devoto mariano, e adotada em 1955, coincidindo com o centenário do dogma. Apesar da secularização crescente, o texto sugere que a Imaculada Conceição continua a proteger a Europa, simbolizada pela bandeira (Rebelo, 2004).

O texto de Rebelo (2004) descreve o processo de escolha da bandeira do Conselho da Europa, destacando o papel de Paul M. G. Lévy, um judeu convertido ao catolicismo, supervisor daquela comissão. Embora Lévy não soubesse do simbolismo mariano por trás do projeto de Arsène Heitz, a bandeira acabou sendo aprovada em 8 de dezembro de 1955, dia da Imaculada Conceição, coincidindo com o centenário do dogma proclamado pelo Papa Pio IX (Rebelo, 2004). A bandeira, com suas doze estrelas douradas sobre fundo azul, além da devoção mariana, foi inspirada pelo simbolismo das doze estrelas do Apocalipse, representando a Virgem Maria (Rebelo, 2004). A aprovação da bandeira neste dia é vista como providencial, reforçando a ligação simbólica entre a Europa e a Imaculada Conceição. E sobre isso, escreve:

Efectivamente, a Europa foi consagrada a Maria em 1309, data a partir da qual Nossa Senhora passou a ser padroeira da Europa. O santuário de 'Nossa Senhora da Europa' em Gibraltar testemunha essa consagração. A história começa com a invasão de Gibraltar pelos Mouros em 711. Os Sarracenos alteraram imediatamente o nome do rochedo de 'Calpe' (Mons Calpe, uma das Colunas de Hércules) para 'Gueb-el-Tarik' (Montanha de Tarik, o chefe mouro Tarik Ibn Zayib) e construíram a primeira mesquita em solo europeu. Seis séculos mais tarde, a 19 de Setembro de 1309, Gibraltar foi reconquistada por Fernando IV, Rei de Castela e de Leão. Em agradecimento a Deus pela vitória, consagrou todo o Continente Europeu à Mãe celeste sob a invocação de Nossa Senhora da Europa. Seguidamente transformou a mesquita num santuário mariano. Cerca de um quarto de século mais tarde, em 1333, reconquistaram os Mouros Gibraltar e converteram a igreja novamente numa mesquita. Só a 20 de Agosto de 1462, dia de São Bernardo, é que alguns súbditos de Henrique IV, neto de Fernando IV, liderados pelo cavaleiro D. Alonso de Arcos, Alcaide de Tarifa, lograram recuperar definitivamente o Rochedo. Renovaram a

devoção a Nossa Senhora da Europa e restauraram o santuário. Imagem de Nossa Senhora da Europa, em Gibraltar Como a estátua da Virgem Maria tinha desaparecido, Henrique IV mandou fazer uma nova que ainda hoje aí é venerada pelos peregrinos. Trata-se de uma imagem pequena em madeira policromada representando a Virgem e o Menino, ambos coroados. A Virgem segura na mão direita um ceptro com três flores que representam o Amor, a Verdade e a Justiça. O santuário foi muito visitado. Os marinheiros que passavam ao largo de Gibraltar saudavam constantemente Nossa Senhora da Europa. Alguns atracavam para fazerem as oferendas da sua devoção. Em 1995, o santuário foi sujeito a profundas obras de remodelação e de restauro, parcialmente financiadas pela Comissão Europeia. Em 1997, por ocasião da nova sagração do santuário, o Papa João Paulo II enviou uma mensagem dizendo que “este santuário ajudará a Europa a lembrar-se da herança cristã e a encorajar os peregrinos a colocarem o futuro da Europa sobre este sólido fundamento. (Rebelo, 2004, p. 35-36)

Enfim, Rebelo (2004, p. 37) refere que as 12 estrelas estão ligadas à perfeição, e não correspondem ao número de países formadores do Conselho da Europa, e que:

Não será pelo facto de a referência explícita às raízes cristãs no texto constitucional ter sido censurada que a Imaculada Conceição deixará de proteger a Europa, ela que é e continuará a ser Rainha deste velho continente, como não cessa de nos lembrar constantemente o estandarte mariano da União Europeia.

Assim, observamos o fenómeno do neomedievalismo, conectando-o ao papel da herança medieval na cultura e política contemporâneas.

O Papa Francisco vê a obra de Dante como um paradigma da condição humana, destacando sua relevância tanto para os crentes quanto para a humanidade em geral, ao remeter às raízes cristãs da Europa. Essa abordagem do Papa, que sugere a obra de Dante como um guia moral e espiritual, e contrasta com o neomedievalismo, que ressignifica elementos medievais para abordar questões atuais.

O que se tira disso é que, espiritualmente, através do Papa, somos instigados a buscar inspiração em uma obra de séculos atrás, que na sua época foi crítica e cujos exemplos ainda podem, segundo o Pontífice, estimular o nosso caminho, no nosso momento histórico particular.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é um ‘ginásio de discernimento’. Melhor do que a filosofia ou dos textos de tipo analíticos, nos ensina a reconhecer ‘a inutilidade e talvez até mesmo a impossibilidade de reduzir o mistério do mundo e do ser humano a uma polaridade antinômica de verdadeiro/falso ou certo/errado’.

Vindas da caneta de um papa, essas palavras são fortes, até mesmo revolucionárias. Elas vão contra a tradição de censura da Igreja, mas também, e isso é quase mais surpreendente, contra as modernas leituras inquisitoriais praticadas nos campi em nome da política e da ideologia. (Marx, 2024, n.p.)

Esta dissertação teve como objetivo principal analisar a Carta Apostólica *Candor Lucis Aeternae*, escrita pelo Papa Francisco, e estabelecer uma relação entre a vida e obra de Dante Alighieri, especialmente a Divina Comédia, e o contexto contemporâneo. O objetivo foi responder às perguntas propostas pelo Pontífice na Carta Apostólica (Francisco, 2021, 9). A análise foi orientada pelo paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, buscando evidências textuais e contextuais que permitissem uma interpretação aprofundada da obra de Dante, seguindo os rastros encontrados no percurso encaminhado pelo fio condutor, ou seja, à luz da Carta Apostólica, que se transformou, assim, “num verdadeiro mapa essencial da obra do Poeta” (Ravasi, 2021, n.p.).

Enfim, a aplicação da metodologia da micro-história a partir do seu paradigma indiciário provou na dissertação que podemos encontrar em detalhes o universo, através do fio e dos rastros que encontramos no caminho de pesquisa. O paradigma indiciário seguiu o fio condutor da Carta Apostólica, seguindo os rastros que a história apresenta, ensejando uma interdisciplinaridade, por vezes muito provocativa e austera, no sentido de se estabelecer recortes a estancar essas ramificações aos fatos localizados tanto na obra quanto na Carta Apostólica. Em se tratando de saber sobre o homem e seus feitos, tornou-se eficaz, pois na história social não se pode observar um só aspecto. O homem, sujeito ao mundo, encontra influência do seu espaço, da sua sociedade, da política, da religião, da cultura, enfim, ater-se à realidade que embasaria a ação e reação, a fim de compreender os eventos cotidianos é condição passível de atingir-se uma melhor compreensão do passado. No caso de Dante e sua obra, demonstrou ser relevante, senão imprescindível. Afinal, como referiu o próprio Ginzburg (2023, p. 32), e já constou na introdução desta dissertação, a “história humana não se desenvolve no campo das ideias, mas sim no mundo sublunar em que os indivíduos, de modo irreversível, nascem, infligem sofrimentos ou são a eles submetidos, e morrem”. Além, a Divina Comédia de Dante Alighieri na maioria das vezes é usada como se fosse uma enciclopédia e não enciclopédica como é. Quer dizer, pinça-se de dentro dela personagens,

conceitos, categorias e sobre ele se desenvolvem pesquisas de grande valor, mas que não possuem por si a habilidade de dar a conhecer sobre as intenções do poeta, uma vez que escritos são sempre intencionais e, como o próprio Papa refere, em Dante há um teor biográfico que se revela na narração e que “não constituem apenas um acontecimento pessoal, embora excepcional” (Francisco, 2021, 9).

Um dos principais achados desta pesquisa foi a constatação de que a obra de Dante, embora profundamente enraizada em seu contexto medieval, transcende seu tempo e oferece reflexões valiosas para questões espirituais contemporâneas. A Divina Comédia não é apenas uma obra literária, é um itinerário espiritual e moral, que explora temas como o desejo humano, a liberdade, a justiça, e a busca pela salvação.

O Pontífice pergunta: “Terá algo ainda a dizer-nos, a oferecer-nos?” A dissertação também evidenciou a relevância da liberdade como um dom divino na obra de Dante, que implica responsabilidade moral e o uso correto do livre-arbítrio. Essa visão é particularmente significativa no contexto contemporâneo, em que questões de liberdade, justiça e responsabilidade social continuam a ser centrais principalmente no debate público.

Depois, o Papa acrescenta a indagação: “Terá sua mensagem alguma função a desempenhar também para nós na atualidade?” O estudo desenvolvido demonstrou que a obra de Dante Alighieri, especialmente a Divina Comédia, permanece uma fonte inesgotável de sabedoria espiritual, histórica e cultural. Através da análise da *Candor Lucis Aeternae* e da reflexão sobre Dante, foi possível destacar como seus temas e mensagens continuam a ressoar profundamente no mundo atual, oferecendo orientação e esperança em tempos de crise e transformação.

A citação sugere que a obra de Dante, com sua profunda ligação entre estética e significado, contém verdades que podem ser reveladas e compreendidas através de uma apreciação de sua beleza literária e simbólica.

O Papa sugere que a obra de Dante é universal, o que leva à sua última pergunta: “Poderá ainda interpelar-nos?” Essa colocação também encontra foco nas questões que analisam a existência de uma história global antes da globalização. O movimento e a mobilidade percebido pelo estudo justifica uma idade média muito mais dinâmica e interligada do que o frequentemente retratado, o que de certa forma nos aproxima, pois desafia a visão de uma Europa medieval isolada e estática, em lugar de uma profundamente conectada, embora de costumes diversos. Essa universalidade do Papa relaciona-se inclusive com o desejo, faculdade inerente à humanidade.

Uma interpretação adicional surgida encontra respaldo na citação que o Papa Francisco empresta de Paulo VI, presente na *Candor Lucis Aeternae*:

A teologia e a filosofia têm com a beleza ainda outra relação, e é esta: a beleza, ao emprestar à doutrina o seu vestido e ornamento, com a suavidade do canto e a visibilidade da arte figurativa e plástica, abre a estrada para os seus preciosos ensinamentos chegarem a muitos. As pesquisas profundas, os raciocínios subtis resultam inacessíveis aos humildes, que são uma multidão, e famintos também eles do pão da verdade. Entretanto estes percebem, sentem e apreciam o influxo da beleza e, por este veículo, brilha mais facilmente para eles a verdade e nutre-os. Bem o compreendeu e realizou o senhor do altíssimo canto, cuja beleza se tornou serva da bondade e da verdade, e a bondade matéria da beleza. (Paulo VI *apud* Francisco, 2021, subtítulo 1)

Dante foi um erudito e como tal, ciente das ideias de Platão, Aristóteles e, como cristão, de Jesus. Termina sua obra chegando à meta última de toda a humanidade, “o amor que move o sol e as mais estrelas” (*Par.* XXXIII, v. 145). A palavra amor, que aparece 18 vezes na Carta Apostólica, figura como seu objetivo. Platão, que é o pai da filosofia, chamava o amor de Eros, referindo-se ao amor como desejo. O desejo pelo que não se tem de forma que, ao consegui-lo, não se deseja mais e nem se ama. Aristóteles, que é o pai da ciência, não considerava só Eros, só o desejo como amor. Para Aristóteles o amor era a *Philia*, definido por aquilo que se tem e que nos faz bem, que nos deixa em um estado mais potente, de energia, que nos anima. Um estado que não tem regra, cada um sabe o que lhe faz feliz. Para Aristóteles, amar significava desejar o que falta e deleitar-se com o que se consegue, uma busca do bem-estar promovendo virtude e felicidade e nos tornando mais humanamente plenos. Para Cristo, que é o pai da civilização, embora a referência não seja amplamente utilizada ou atribuída a um autor específico em textos clássicos ou teológicos conhecidos, mas que se pode assumir ao destacar o seu papel fundamental na formação de valores e princípios que moldaram a civilização ocidental, o amor não é nem o desejo de Platão e nem a Alegria de Aristóteles. Para Cristo, o amor é *Ágape*. *Ágape* é uma palavra de origem grega que, no contexto da filosofia e teologia cristã, refere-se a uma forma de amor incondicional, altruísta e desinteressado. Diferente de outras formas de amor, como “eros” (amor romântico ou erótico) ou *philia* (amor entre amigos), “ágape” é um amor que transcende circunstâncias e é oferecido sem expectativa de reciprocidade. No cristianismo, “ágape” é frequentemente usado para descrever o amor de Deus por toda a humanidade e o amor que os seres humanos são chamados a ter uns pelos outros, em imitação ao amor divino. É um amor que se manifesta na caridade, no cuidado pelos outros, na compaixão e no perdão. Um exemplo clássico da ideia de “ágape” pode ser encontrado no Novo Testamento, especialmente em passagens como 1

Coríntios 13, na qual Paulo fala do amor como a mais elevada de todas as virtudes, caracterizando-o como paciente, bondoso e desinteressado, ideia que combina perfeitamente com São Francisco pelo amor aos pobres, pelo amor à natureza, pela fraternidade universal, pela imitação de Cristo.

No aspecto histórico, o estudo revelou uma tendência que desloca a atenção da Itália para a recém-formada Portugal, pela insistência com que surgia a presença de Pedro III e, por consequência, Isabel de Aragão. Em 2011, Jorge Nascimento Rodrigues e Tessaleno Devezas escreveram sobre o que:

deve ser retido como memória histórica de uma época em que Portugal foi um verdadeiro 'Estado-Estratega', imbuído de intento global. Buscaram mostrar como o Estado mais periférico da Europa do século XV aproveitou uma janela de oportunidade na cena internacional e se transformou na primeira potência global do mundo do século XVI. Um paradoxo – na monarquia agrária que nunca foi um modelo de feudalismo 'puro' transforma-se num capitalismo monárquico que nunca foi um modelo de capitalismo comercial e financeiro. Apesar das 'impurezas', acabou por ser o pioneiro da globalização com um modelo de 'império' paradoxal também: uma rede de posições ao longo de uma geografia imensa, mas em que tudo somado em termos territoriais não correspondia a um espaço muito grande. (Rodrigues; Devezas, 2011, p. 51)

O estudo desenvolvido na dissertação identifica que os conflitos históricos, justificados pela religião ou pelo desejo de expansão territorial, desempenharam um papel crucial na formação de identidades nacionais e culturais. Esses conflitos, tanto na Idade Média como nos tempos modernos, continuam a influenciar as narrativas simbólicas e as relações de poder que moldam a política no mundo e as questões sociais atuais. Acompanhando estudos como o de Marcelo Cândido da Silva, que discute como as comunidades medievais estavam conectadas através de redes complexas que transcendiam as fronteiras políticas e culturais, ele utiliza a noção de “História Conectada” para ilustrar como a interação entre diferentes regiões e culturas foi crucial para moldar a sociedade medieval.

Em “Portugal – O Pioneiro da Globalização: A Herança das Descobertas”, Rodrigues e Nascimento (2011) destacam aquele país sob a liderança de Dinis e seu filho Afonso IV, iniciando a expansão marítima, argumentando que, a partir das primeiras expedições marítimas internacionais e a formação de rotas comerciais, lançaram base para a era dos descobrimentos, que viria transformar o comércio global, numa ruptura com o passado feudal para uma era de exploração.

Segundo os autores, um dos marcos significativos dessa expansão foi a contratação por Don Dinis, de Manuel Pessanha como Almirante de Portugal em 1317, genovês que iria reestruturar a marinha portuguesa, o que os autores compreendem como uma ruptura, ao

integrar especialistas estrangeiros para modernizar a frota naval portuguesa. Mas quem era estrangeiro, senão de costumes? Colocação, inclusive, com a qual Dante intitulou a sua obra máxima, “*Inicia la Comedia de Dante Alighieri, florentino de nación, no de costumbres.*” (Alighieri, *apud* Barenstein, 2018, p. 157).

Conforme os autores, Dinis antes mesmo já havia fortalecido o comércio com Eduardo I da Inglaterra, relações que perdurariam por séculos. Dito acordo é mencionado aqui, pois através dele Portugal garantiu mercado para os produtos portugueses e para o seu desenvolvimento, fomentando a navegação marítima. Em se tratando de Mediterrâneo, a economia de mercado era voltada ao exterior, projeção que criava impérios através de “alianças políticas ‘operativas’, pragmáticas, libertas dos conceitos ideológico-religiosos da época. Esta interdependência estratégica entre a Europa do Sul e o ‘lago’ mediterrânico originou uma história bem diferente da Europa Continental” (Rodrigues; Devezas, 2011, p. 54). As repúblicas marítimas se tornavam oligarquias mercantis-financeiras, não mais monárquico-senhoriais (Airal di, 2007 *apud* Rodrigues; Devezas, 2011, p. 54).

Os autores, então, mencionam as primeiras expedições de 1334 e 1335, direcionadas ao Atlântico e às Canárias, como “internacionais europeias”, “com predominância para as duas Repúblicas italianas que lideravam o mundo político euromediterrâneo desde o final do século XIII” (Rodrigues; Devezas, 2011, p. 55), Gênova e Veneza. Ainda, os autores referem Dinis como “o plantador de naves a haver”, e Isabel, personagem em uma lenda que envolve o plantio do Pinhal do Rei, em Leiria, muito embora outras versões apontem o pai dele, D. Afonso III, como responsável pela sua plantação, ou mesmo o seu avô, Dom Sancho II. Ainda que a dúvida exista sobre as primeiras brotações, de 1279 a 1325, a extensão do pinhal cresceu, dando origem às caravelas, e tamanho era o desenvolvimento, que chegou à dimensão que tem hoje.

Segundo os autores, Portugal, apesar de ser o Estado mais periférico da Europa do século XV, aproveitou uma janela de oportunidade na cena internacional e se transformou na primeira potência global do mundo no século XVI. Essa expansão global, motivada tanto por interesses econômicos quanto pela visão cristã da universalidade, reflete o pensamento dantesco que transcende barreiras temporais e geográficas.

Cabe ressaltar que, ainda que seja uma interpretação e não uma influência direta comprovada historicamente, ao introduzir uma leitura que considera a conexão entre o pensamento de Dante e eventos históricos como a expansão marítima portuguesa e suas consequências, buscou-se ilustrar como alguns ideais medievais de Dante foram concretizados em práticas que moldaram a geopolítica mundial, refletindo a continuidade e adaptação de seu

pensamento na modernidade, através de alianças e expansões. Esse exemplo histórico não é uma mera digressão, mas sim uma ilustração de como a universalidade cristã proposta por Dante foi aplicada e adaptada em diferentes contextos históricos, sugerindo que a nossa percepção de nós mesmos pode ser subjetiva e complexa.

Acompanhando estudos como o de Marcelo Cândido da Silva (2020), que discute como as comunidades medievais, mesmo em um mundo aparentemente isolado, estavam conectadas através de redes complexas que transcendiam as fronteiras políticas e culturais, ele se utiliza da noção de “História Conectada” para ilustrar como a interação entre diferentes regiões e culturas foi crucial para moldar a sociedade medieval, rompendo com as narrativas tradicionais centradas em estados-nação, pois a circulação de informações, ideias, e até mesmo de doenças, como a Peste Negra, desempenhou um papel significativo na formação das estruturas sociais da época.

O movimento e a mobilidade, fossem eles tanto forçados quanto voluntários, na redefinição dos espaços e das comunidades, justifica uma Idade Média muito mais dinâmica e interligada do que o frequentemente retratado, o que de certa forma nos aproxima, pois desafia a visão de uma Europa medieval isolada e estática e uma visão nacionalista, em lugar de uma profundamente interconectada.

Ainda, o fenômeno de reapropriação da Idade Média tem implicações significativas, demonstrando como o passado muitas vezes é manipulado para servir a objetivos políticos contemporâneos. Existe uma responsabilidade de confrontar e desmistificar narrativas distorcidas, oferecendo uma visão mais complexa e inclusiva da história medieval e de sua influência no mundo moderno. Isso envolve não apenas a desconstrução dos mitos propagados, mas também a promoção de um entendimento mais amplo e diversificado da Idade Média, reconhecendo suas verdadeiras complexidades multiétnicas e polirreligiosas. É necessário recuperar formas hospitaleiras e não estratégicas de relacionamento com a realidade, não diretamente orientadas para um resultado; formas nas quais seja possível deixar emergir o infinito excesso do ser. Distância, lentidão e liberdade são características de uma abordagem da realidade que encontra precisamente na literatura uma forma de expressão privilegiada. Roger Chartier (1999) escreveu em “A aventura do livro” que, com a internet, o sonho da universalidade renasce através do intercâmbio de ideias de toda a humanidade, o que considera uma revolução de duas faces, englobando a esperança, mas também a ameaça, pois refletir sobre o conhecimento, no caso, é “examinar a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo do universal” (Chartier, 1999, contracapa).

Ainda, em outro enfoque, escreve o Papa em sua Carta sobre o Papel da Literatura na Educação:

Perguntemo-nos: como será possível alcançar o núcleo das culturas antigas e novas se ignorarmos, descartarmos e/ou silenciarmos os símbolos, mensagens, criações e narrativas com que se captaram e se quiseram mostrar e evocar os seus feitos e ideais mais belos, tal como as suas violências, medos e paixões mais profundas? Como falar ao coração dos homens se ignorarmos, relegarmos ou não valorizarmos ‘essas palavras’ com que quiseram manifestar e, por que não, revelar o drama do seu viver e sentir através de romances e poemas? (Francisco, 2024)

Na época medieval, Dante navegou por esses dois extremos, integrando a experiência humana “universal” com as peculiaridades da vida, da política e da espiritualidade italianas. Assim como Chartier (1999) observa em relação à nossa era digital, Dante, em seu tempo, ao escrever em língua vulgar, buscou popularizar o acesso ao conhecimento, que até então era restrito ao latim, a língua erudita. Esse ato alterou as possibilidades de disseminação do saber, rompendo as barreiras no nível estamental. Por outro lado, ao escrever em dialeto vulgar, limitava a compreensão geral “mundial”, justamente possibilitada pelo latim. E fez assim mesmo num tempo de Inquisição, o que exemplifica uma tensão semelhante entre a comunicação universal e a expressão cultural específica, temas que continuam ressoando na nossa tentativa de navegar entre a globalização da informação e a preservação das identidades culturais locais.

Dante é, assim, um clássico da fé, cuja obra transcende o tempo, permanecendo, entretanto, um objeto de estudo e debate quanto à razão. Portanto, a obra de Dante, assim como a visão do Papa Francisco, transcende seu contexto original, demonstrando uma relevância duradoura e uma capacidade de adaptação que continua a inspirar e guiar o pensamento e a ação no mundo moderno.

A dissertação conclui que a capacidade de encontrar e criar símbolos que inspiram e mobilizam sociedades, transcendendo suas origens para se tornarem ícones culturais duradouros, é um reflexo da continuidade e adaptação do pensamento medieval na modernidade. A análise sugere que, ao revisitar a herança medieval com um olhar crítico e inclusivo, podemos encontrar formas de enfrentar os desafios do nosso tempo, promovendo um novo humanismo que respeita as raízes históricas e se adapta às necessidades do mundo contemporâneo.

É necessário recuperar formas hospitaleiras e não estratégicas de relacionamento com a realidade, não diretamente orientadas para um resultado; formas nas quais seja possível deixar emergir o infinito excesso do ser. Distância, lentidão e liberdade

são características de uma abordagem da realidade que encontra precisamente na literatura uma forma de expressão, não exclusiva, mas privilegiada. A literatura torna-se, então, um ginásio onde se treina o olhar para procurar e explorar a verdade das pessoas e das situações como mistério, carregadas de um excesso de sentido, que só parcialmente pode se manifestar em categorias, esquemas explicativos, dinâmicas lineares de causa-efeito, meio-fim. (Francisco, 2024)

Através das palavras do Papa na Carta Apostólica e na citação acima, a aceitação do outro é um valor essencial que deve ser promovido ao revisitar a herança medieval e estar na contemporaneidade. A obra de Dante, com sua visão abrangente da condição humana e sua exploração da misericórdia e da justiça divinas, oferece um modelo para a inclusão e a aceitação. Ao utilizar a herança medieval de maneira que acolha a diversidade e promova a compreensão mútua, é possível construir uma sociedade mais justa e compassiva, refletindo os ideais espirituais que transcendem as barreiras do tempo, muito embora sua leitura atenta possa desvendar peculiaridades daquela época que também possam nos servir para reflexão.

Por fim, a dissertação reconhece que a análise literária e histórica de Dante, quando acompanhada de um profundo respeito pela dignidade humana, não é apenas uma atividade acadêmica, mas uma reflexão sobre como podemos enfrentar os desafios morais e espirituais do nosso tempo, inspirados pelos clássicos que transcendem sua época, pois a obra de Dante, assim como a visão do Papa Francisco, transcende seu contexto original, demonstrando uma relevância duradoura e uma capacidade de adaptação que continua a inspirar e guiar o pensamento e a ação no mundo moderno. Dante é, assim, um clássico espiritual cuja obra transcende o tempo, permanecendo um objeto de estudo e debate tanto no campo da fé quanto da razão.

REFERÊNCIAS

- ABADÍAS, David. **Breve história dos concílios ecumênicos**. Tradução de Renato Adriano Penzeti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. ISBN 978-85-326-6059-6.
- AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Tradução de E. L. de Souza Campos. Niterói: Valdemar Teodor Editor, 2022. Disponível em: <https://archive.org/details/santo-agostinho-a-cidade-de-deus/page/167/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 13 jun. 2024.
- ALANIZ, Anna Gicelle Garcia. Cantinho da História 10: o paradigma indiciário. **YouTube**, 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=código_do_vídeo. Acesso em: 23 jul. 2022.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Inferno**. Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. ISBN 978-85-7326-120-2.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Paraíso**. Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. ISBN 978-85-7326-120-2.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Purgatório**. Tradução de Ítalo Eugenio Mauro. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2019. ISBN 978-85-7326-120-2.
- ALIGHIERI, Dante. **Convívio**. Tradução de Emanuel França de Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. ISBN 978-85-8285-082-4.
- ALIGHIERI, Dante. **Da Monarquia**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martins Claret, 2005.
- ALIGHIERI, Dante. **De Vulgari Eloquentia**. Tradução de Francisco Calvo Del Olmo. São Paulo: Parábola, 2021. 256 p.
- ALIGHIERI, Dante. **La Divina Commedia: Inferno**. Edição de Natalino Sapegno. Milão: La Nuova Italia Editrice, 1998. ISBN 88-221-1968-1.
- ALIGHIERI, Dante. **Vida Nova**. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Vida Nova, 2005.
- ALLEN JUNIOR, John. Se você está preocupado com a saúde do Papa Francisco, considere o Papa Leão XIII. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 10 jun. 2023. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/629457-se-voce-esta-preocupado-com-a-saude-do-papa-francisco-considero-o-papa-leao-xiii>. Acesso em: 10 ago. 2024.
- ALTMAN, Max. 1966: Igreja acaba com Index de Livros proibidos. **HCSM**. Disponível em: <https://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/1966-igreja-acaba-com-index-de-livros-proibidos/>. Acesso em: 24 ago. 2024.
- ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. Dante Alighieri: o Inferno e Florença. **Revista de Estudos de Religião**, São Paulo, n. 1, p. 99-121, 2004.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. O impacto político do Neopentecostalismo é tema de debate no BRICS Policy Center. **Brics Policy Center**, [s. l.], 2019. Disponível em: <https://bricspolicycenter.org/o-impacto-politico-do-neopentecostalismo-e-tema-de-debate-no-brics-policy-center/> . Acesso em: 20 de ago de 2020.

ANGELI, Tonino Conti. *Camilian Demetrescu. Cuadernos. Viaje a España y metánoia* (1979). Santander. **Estudios de Patrimonio**, [s. l.], v. 5, p. 241-266, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22429/Euc2022.sep.05.10>. ISSN 2605-4450 (impresso); ISSN 2605-5317 (digital). Acesso em: 15 jan. 2024.

ANGELONI, Angelo S.. Cardeal Ravasi: a sabedoria de Salomão. Tradução de Luisa Rabolini. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/618342-cardeal-ravasi-a-sabedoria-de-salomao>. Acesso em: 22 ago. 2022.

APPELTAUER, Gerhard. 1966: Vaticano revoga lista de livros proibidos. **Deutsche Welle, Bonn, Germany**, 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1966-vaticano-revoga-lista-de-livros-proibidos-aos-cat%C3%B3licos/a-859583>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ARQUIVO NACIONAL. Bispo de Mariana. *In: GLOSSÁRIO DE HISTÓRIA LUSO-BRASILEIRA*. Disponível em: <http://historialuso.an.gov.br/glossario/index.php/verbetes-de-a-a-z/9-verbetes-iniciados-em-b/1344-bispo-de-mariana>. Acesso em: 15 maio 2024.

BARBERO, Alessandro. **Dante: a biografia**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. ISBN 978-65-5921-312-2.

BARBOSA, Andressa. O que é transumanismo? *Forbes*, 10 de junho de 2013. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/06/o-que-e-transumanismo/>. Acesso em: 25 maio 2023.

BARENSTEIN, Julián (Trad.). Carta XIII de Dante Alighieri a Cangrande della Scala. **Mutatis Mutandis: Revista Internacional de Filosofia**, [s. l.], n. 10, p. 113-142, jun. 2018. Disponível em: <http://revistamutatismutandis.com>. Acesso em: 22 ago. 2022.

BARROSO, Giovanna; PINHEIRO, Daniel. Liberdade Religiosa: o uso de símbolos religiosos nos tribunais. **Jusbrasil**, 2022. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/liberdade-religiosa-o-uso-de-simbolos-religiosos-nos-tribunais/1749136948>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BBC BRASIL. Morre Bento 16, o dogmático papa marcado por crise, polêmicas e renúncia. **BBC News Brasil**, 31 dez. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60312592>. Acesso em: 9 set. 2024.

BENTO XVI. **Audiência Geral**: São Gregório Magno. Praça de São Pedro, 28 maio 2008. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/it/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080528.html. Acesso em: 25 ago. 2023.

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. 2005. Disponível em : https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 20 de fev de 2024.

BENTO XVI. Discurso aos participantes no Encontro promovido pelo Pontifício Conselho “*Cor Unum*”. ***Insegnamenti***, Vaticano, VA, v. II, n. 1, p. 92-93, 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20060123_cor-unum.html. Acesso em: 22 ago. 2023.

BLOOM, Harold. **Abaixo as Verdades Sagradas**. Tradução de Alípio Corrêa de Franca Neto e Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012. ISBN 978-85-359-2043-7.

BOCCACCIO, Giovanni. **Vida de Dante**. Tradução de Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BRUNI, Leonardo. Correspondência. *In*: FREITAS, Gustavo. **900 Textos e documentos de História**. Lisboa: Bertrand, 1976. p. 143.

BUFACCHI, Emanuela. Alessandro Manzoni. ***Enciclopedia dei Ragazzi***, [s. l.], 2006. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/alessandro-manzoni_\(Enciclopedia-dei-ragazzi\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/alessandro-manzoni_(Enciclopedia-dei-ragazzi)/). Acesso em: 22 ago. 2023.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento de Gutemberg a Diderot**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. ISBN 978-85-7110-711-3

CALEGARI, P. de Oliveira. Direitos Humanos e a proibição do uso do véu islâmico. **Revista Viana Sapiens**, Juiz de Fora, MG, v. 7, n. 1, p. 29-48, jan./jun. 2016. ISSN 2177-3726.

CAPELLI, Benedetta. O Papa: todos devemos fazer política pelo bem comum. ***Vatican News***, Cidade do Vaticano, VA, 26 fev. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-02/papa-francisco-livro-el-pastor-pontificado-ambrogetti-rubin.html>. Acesso em: 24 jul. 2024.

CARLETTI, Anna. Ascensão e queda dos Estados Pontifícios. **Núcleo Brasileiro de Estratégias e Relações Internacionais (NERINT)**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/nerint/folder/artigos/artigo1082.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2024.

CARTAS, Livro X. Tradução das epístolas trocadas entre Plínio, o Jovem, e Trajano. Tradução de Thiago David Stadler. **Prometeus Filosofia**, São Cristóvão, SE, ano 11, n. 28, p. 1-97, ago. 2018. E-ISSN: 2176-5960.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: UNESP, 1999. ISBN 85-7139-223-4.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2001. ISBN 85-7307-766-2.

CELESTINO V. ***Inter Sanctorum Solemnia***. 29 set. 1294. Disponível em: [https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_1294-1294__SS_Celestinus_V__Bulla_'Inter_Sanctorum_Solemnia'_\(AD_1294-09-29\)__IT.pdf.html](https://www.documentacatholicaomnia.eu/04z/z_1294-1294__SS_Celestinus_V__Bulla_'Inter_Sanctorum_Solemnia'_(AD_1294-09-29)__IT.pdf.html). Acesso em: 12 jun. 2023.

CENTRO REGIONAL DE INFORMAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. **História da ONU**. Disponível em: <https://unric.org/pt/historia-da-onu/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

CNBB (Brasil). O que são os “Documentos Pontifícios” usados pelo Papa?. [S. l.], [200-]. Disponível em: <https://cursosedicoescnbb.com.br/o-que-sao-documentos-pontificios/>. Acesso em: 7 ago. 2024.

COLOMER PEREZ, Guifré. *De la “honorabilidad” a la “alevosía”: posicionamientos ideológicos em torno ao desafio de Burdeos (1283)*. In: BARGALLÓ ESCRIVÀ, Maria (Coord.). **Recerca en Humanitats 2021**. Tarragona: Publicacions de la Universitat Rovira i Virgili, 2022. p. 67-84. ISBN 978-84-1365-011-1.

CONTI, Fulvio. **Dante Alighieri e a identidade da Nação**. Tradução de Tamara Zambiasi. Caxias do Sul: EDUCS, 2021. 292 p.

COSTA, Antonio de Macedo. **O Barão de Penedo e a sua missão a Roma**. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1888.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. v. I. ISBN 978-65-56740-245-1.

COSTA, Lucas La-Bella. Superstições, pecado e níveis de cultura na Idade Média: o caso da adoração do Cão Guinefort (França, século XIII). **Aedos: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 388-394, 2009. ISSN 1984-5634.

COSTITUZIONE Dogmatica *Dei Filius* del Sommo Pontefice Pio IX. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700424_dei-filius_it.html. Acesso em: 10 ago. 2024.

COSTITUZIONE Dogmatica *Pastor Aeternus* del Sommo Pontefice Pio IX. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700718_pastor-aeternus_it.html. Acesso em: 10 ago. 2024.

DIAS, Maurício Santana. Dante no espelho de Nemrod: língua e exílio na *Commedia*. **Revista de Italianística**, São Paulo, SP, n. 10-11, p. 11-21, 2005. DOI: 10.11606/issn.2238-8281.v0i10-11p11-21.

DICASTÉRIO PARA A COMUNICAÇÃO. **Biografia de Pio XI (1857-1939)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/biography/documents/hf_pi-xi_bio_20070330_biography.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

DOMINICOS. **Mestres da Ordem**. Dominicos.org. Disponível em: <https://www.dominicos.org/quienes-somos/historia-de-los-dominicos/maestros-de-la-orden/>. Acesso em: 27 ago. 2024.

ECO, Umberto. Mitos científicos se perpetuam mesmo quando são desvendados. **UOL Notícias**, [s. l.], 29 abr. 2012. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/blogs-e-colunas/coluna/umberto-eco/2012/04/29/mitos-cientificos-se-perpetuam-mesmo-quando-sao-desvendados.htm>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ECO, Umberto. **Viagens na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FARIA, Frei Jacir de Freitas. Assunção, Dormição ou Ressurreição de Maria: história e atualidade dessa devoção apócrifa. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/42-comentario-do-evangelho/611979-assuncao-dormicao-ou-ressurreicao-de-maria-historia-e-atualidade-dessa-devocao-apocrifa>. Acesso em: 9 jul. 2024.

FÉLICITÉ Robert de Lamennais. *In*: OXFORD REFERENCE. Oxford University Press. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com>. Acesso em: 8 set. 2024.

FERRONI, Giulio. *L'Italia di Dante: Viaggio nel paese della Commedia*. 4. ed. Milão: La Nave di Teseo, 2020. ISBN 978-88-9395-053-4.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ulysses diz que atual Constituição não presta porque é obra de militar. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 13 de ago de 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/106053/1988_10%20a%2019%20de%200Agosto_%20055a.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 22 ago. 2024.

FRANCISCO. **Candor Lucis Aeternae**: Carta Apostólica no VII centenário da morte de Dante Alighieri. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2021.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Vaticano, VA, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium_po.pdf. Acesso em: 25 ago. 2024.

FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco na Santa Missa durante a visita pastoral a L'Aquila**. L'Aquila, Italy, 28 ago. 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220828-omelia-laquila.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

FRANCO, António Cândido. **Os pecados da rainha Santa Isabel**: retábulo em três gerações. Lisboa: Ésquilo, 2010. 410 p. ISBN: 978-989-8092-89-2.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **Dante Alighieri**: o poeta do absoluto. São Paulo: Ateliê, 2000. ISBN 85-7480-009-0.

GAGLIARDUCCI, Andrea. Papa Francisco, o que a carta apostólica *Desiderio desideravi* está dizendo? **IHU Online**, São Leopoldo, 6 jul. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620139-papa-francisco-o-que-a-carta-apostolica-desiderio-desideravi-esta-dizendo>. Acesso em: 9 jul. 2024.

GINZBURG, Carlo. *Dante's Epistle to Cangrande and its Two Authors*. **Proceedings of the British Academy**, [s. l.], v. 139, p. 195-216, 2006.

GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o Sabá. Tradução de Nilson Moulin Louzada. 2. reimpr. São Paulo: Companhia de Bolso; Schwarcz, 2023.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história.** Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. Nossas palavras e as deles: o ofício do historiador na atualidade. Tradução de Afranio Pedro Martins Neto. Revisão técnica de Adalberto Paranhos. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 23, n. 42, p. 7-26, jan.-jun. 2021.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. 4. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GUIMARÃES, Dom Joaquim Giovani Mol; ALVES, Claudemir Francisco; SOUZA, Robson Savio Reis; PENZIM, Adriana Maria Brandão. **O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco.** São Paulo: Paulus, 2022. 640 p. eBook. ISBN 9786555625875.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro.** Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 481p.

HEALEY, Elspeth. *Banned Books Week: redacted for the Inquisition. Inside Spencer: The KSRL Blog*, [s. l.], 28 set. 2017. Disponível em: <https://blogs.lib.ku.edu/spencer/banned-books-week-redacted-for-the-inquisition/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

HEINSFELD, Adelar. A missão do Barão de Penedo à Roma em 1873 no contexto das relações diplomáticas do Império do Brasil com a Santa Sé. *Estudios Históricos*, Rivera, Uruguay, año XII, n. 24, p. 1-21, dez. 2020. ISSN: 1688-5317.

HUGUET, Jean-Joseph. *El espíritu de Pio IX, ó Los rasgos más notables de la vida de este gran papa.* Traduzido por R. D. Antonio Salvador. Barcelona: Sociedade Editorial La Maravilla, 1868. (Biblioteca Científico-Literaria de Antiguos y Modernos Escritores Católicos).

JOHN F. KENNEDY PRESIDENTIAL LIBRARY AND MUSEUM. *John F. Kennedy's Favorite Quotations: Dante's Inferno.* Disponível em: <https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/life-of-john-f-kennedy/fast-facts-john-f-kennedy/john-f-kennedys-favorite-quotations-dantes-inferno>. Acesso em: 22 ago. 2024.

JOÃO XXIII. Discurso do Santo Padre João XXIII aos jornalistas acordados em Roma para a sua terceira conferência nacional. *Acta Apostolicae Sedis*, [s. l.], v. LI, p. 359-362, 1959. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/it/speeches/1959/documents/hf_j-xxiii_spe_19590504_stampa-cattolica.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

KOERNER, Andrei. O reino social de Cristo e a constituição orgânica da nação: das encíclicas de Leão XIII ao pensamento católico brasileiro do início dos anos trinta. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 71, p. 489-510, set./dec. 2020.

LEFORT, Claude. **As formas da história: ensaios de antropologia política.** Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes e Marilena de Souza Chaui. São Paulo: Brasiliense, 1979. 347 p.

LINS, Ivan. Dante e o homem moderno. **Organon**, Porto Alegre, v. 11, n. 11, 1966. Publicado em: 16 abr. 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/issue/view/2066>. Acesso em: 10 out 2023.

LIRA, José Luís. A guerra e os pontífices católicos apostólicos romanos na defesa da Paz. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais – FIURJ**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 43-53, 2022. DOI: 10.47595/cjsiurj.v3i1.105.

LOPES, Reinaldo José. Papa Francisco é como João Paulo II com sinais trocados, diz sociólogo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 dez. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844215-papa-francisco-e-como-joao-paulo-2-com-sinais-trocados-diz-sociologo.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2024.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Tradução de Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. ISBN 978-85-7526-565-9.

MACDONALD, Kate. Livro Raro do Mês: ninguém espera a Inquisição Espanhola em Danthe Alighieri Fiorentino. **Graham Library**, [s. l.], 5 out. 2018. Disponível em: <https://johnwgrahamlibrarynews.com/2018/10/05/rare-book-of-the-month-no-one-expects-the-spanish-inquisition-in-danthe-alighieri-fiorentino/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MASETTI, Thomae. *Monumenta et antiquitate veteris disciplinae Ordinis Praedicatorum ab anno 1216 ad 1348 praesertim in romana provincia praefectorumque qui eandem rexerunt biographica chronotaxis*. Roma: Typis Camerae Apostolicæ, 1864. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Monumenta_et_antiquitates_veteris_discip.html?id=bM6wwPZorcAC&redir_esc=y. Acesso em: 22 ago. 2024.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. 9. reimpr. São Paulo: Boitempo, 2020. ISBN: 978-85-7559-171-0.

MARX, William. As palavras do Papa Francisco sobre a literatura, que vão contra a tradição de censura da Igreja, são revolucionárias. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 26 ago. 2024. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/642822-as-palavras-do-papa-francisco-sobre-a-literatura-que-vaio-contra-a-tradicao-de-censura-da-igreja-sao-revolucionarias-artigo-de-william-marx>. Acesso em: 9 set. 2024.

MINISTERIO DE CULTURA – GOBIERNO DE ESPAÑA. *Archivo de la Corona de Aragón*: o desafio de Bordéus (1283). Disponível em: <https://www.cultura.gob.es/archivos-aca/pt/actividades/documentos-para-la-historia-de-europa/desafiament.html>. Acesso em: 8 jun. 2024.

MIRNIK, Ivan. *Luc OREŠKOVIĆ. Les Frangipani, un exemple de la réputation des lignages au XVIIe siècle en Europe. Cahiers Croates. Povijesni Prilozi*, Zagreb, v. 27, p. 167-182, 2004. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=124472>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MOL GUIMARÃES, Dom Joaquim Giovani; ALVES, Claudemir Francisco; SOUZA, Robson Savio Reis; PENZIM, Adriana Maria Brandão (orgs.). **Teologia Social**. Belo Horizonte: XYZ, 2022. 640 p. ISBN 9786555624823.

MORCIANO, María Milvia. *Bonifacio VIII y la idea del primer Jubileo: “La invención” del Año Santo em 1300: orígenes y razones de um ano memorable*. *Vatican News*, Ciudad del Vaticano, 23 abr. 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/es/vaticano/news/2024-04/bonifacio-viii-y-la-idea-del-primer-jubileo.html>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MORI, Letícia. O grupo católico ultraconservador brasileiro que está em conflito com o Vaticano. *BBC News Brasil*, São Paulo, 17 dez. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-59689544>. Acesso em: 26 ago. 2024.

MUSEO GALILEO. **Biografia de Niccolò Tommaseo (1802-1874)**. Disponível em: <https://teche.museogalileo.it/caverni/index.php/en/biographies/70-niccolo-tommaseo-en>. Acesso em: 22 ago. 2024.

PAGANELLI, Magno. Os Valdenses e a Tradição Carismática Pré-Reforma. *Teologia em Revista*, São Paulo, v. 3, p. 42-58, 2022.

PAULO VI. *Altissimi Cantus: Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae*. Vaticano, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19651207_altissimi-cantus.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Ecclesiam Suam***. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_06081964_ecclesiam.html. Acesso em: 23 de mar de 2024.

PAULO VI. **Mensagem de Sua Santidade Papa Paulo VI para a celebração do I Dia Mundial da Paz**. Vaticano, 8 dez. 1967. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/peace/documents/hf_p-vi_mes_19671208_i-world-day-for-peace.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

PAULO VI. *Octogesima Adveniens*: Carta Apostólica ao Senhor Cardeal Maurício Roy, Presidente do Conselho dos Leigos e da Pontifícia Comissão “Justiça e Paz”, por ocasião do 80º Aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*. Vaticano, 14 maio 1971. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html. Acesso em: 22 ago. 2024.

PIO XII. *Discorso di Sua Santità Pio PP. XII alla Commissione Americana per gli Scambi Culturali con l'Italia*. 18 maio 1956. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/en/speeches/1956/documents/hf_p-xii_spe_19560518_scambi-culturali.html. Acesso em: 9 set. 2024.

PIO XI. Unquirógrafo de Sua Santidade Pio XI. Na Solenidade de Corpus Christi, 30 de maio de 1929. *Acta Apostolicae Sedis, Vatican*, VA, v. 21, p. 297-306, 1929. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xi/it/letters/documents/hf_p-xi_lett_19290530_domandato.html. Acesso em: 9 set. 2024.

PLÍNIO, O Jovem. Cartas, Livro X. Tradução das epístolas trocadas entre Plínio, o Jovem, e Trajano. Tradução de Thiago David Stadler. *Prometeus Filosofia*, São Cristóvão, SE, ano 11, n. 28, p. 1-97, ago. 2018. E-ISSN: 2176-5960.

PORTAL DA FÉ. **Breve histórico e subdivisão dos franciscanos**. Disponível em: <http://fatima.com.br/web/breve-historico-e-subdivisao-dos-franciscanos/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

PORTUGAL. **Dom Afonso Henriques, Rei, e Dona Mafalda, Rainha**: carta de doação feita pelo rei D. Afonso Henriques e rainha D. Mafalda a D. Bernardo, abade de Claraval, de uma herdade entre Leiria e Óbidos. 8 abr. 1153. Disponível em: <https://pampatrimonioartemuseus.wordpress.com/2015/06/06/documentos-da-torre-do-tombo-em-exposicao>. Acesso em: 28 ago. 2024.

PROSPERI, Adriano. **Dar a alma**: história de um infanticídio. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras. 2010. ISBN 978-85-359-1624-9.

PUCRS Cultura. Um diálogo atual com a Divina Comédia [Armando Trevisan]. *YouTube*, 14 set. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O1TsOSyAZf4>. Acesso em: 22 ago. 2024.

RAMOS, Ariovaldo; ZACARIAS, Nilza Valéria. Neopentecostais e o projeto de poder. *Le Monde Diplomatique Brasil*, [s. l.], ed. 115, 20 mar. 2017. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/neopentecostais-e-o-projeto-de-poder/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

RANGEL, João Guilherme Lisboa. Política, religião e neomedievalismo: as diferentes Idade Média da Tradição, Família e Propriedade (TFP) e os Arautos do Evangelho. *Signum: Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, Porto Alegre, v. 22, n. 1, p. 204-225, 2021.

RAVASI, Gianfranco. *Premessa à Lettera apostolica Candor Lucis Aeternae*. 2021. Disponível em: <http://www.theologia.va/content/cultura/it/organico/cardinale-presidente/texts/dante.html>. Acesso em: 22 ago. 2024.

REBELO, António Manuel R. A Imaculada Conceição na Bandeira da Europa. *Estudos: Revista do CADC*, Nova Série, Coimbra, PT, v. 3, t. I, p. 1-16, jul./dez. 2004. ISSN 1645-8788. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/88694/1/A%20IMACULADA%20CONCEI%C3%87%C3%83O%20NA%20BANDEIRA%20DA%20EUROPA.pdf>. Acesso em: nov 2023.

REKDAL, Ole Bjørn. *Academic Urban Legends*. *Social Studies of Science*, London, v. 44, n. 4, p. 638-654, 2014. DOI: 10.1177/0306312714535679.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. Os pobres na Idade Média: de minoria funcional a excluídos do paraíso. *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, SP, v. 1, n. 1, p. 1-9, 2009.

RIBEIRO NETO, Francisco Borba. O poder do papa que não quis o poder. *Gazeta do Povo*, [s. l.], 28 fev. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/o-poder-do-papa-que-nao-quis-o-poder-6gzxsgemwuvk6eobihblabyx5/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

RIBEIRO NETO, Francisco Borba. Sinais trocados. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 dez. 2016. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844215-papa-francisco-e-como-joao-paulo-2-com-sinais-trocados-diz-sociologo.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ROBERT D. FARBER UNIVERSITY ARCHIVES AND SPECIAL COLLECTIONS. Dante's Divine Comedy, Censored by Spanish Inquisition. **Brandeis University**, Waltham, MA, 30 ago. 2010. Disponível em: <https://www.brandeis.edu/library/archives/essays/special-collections/dante.html>. Acesso em: 23 ago. 2024.

RODRIGUES, Jorge Nascimento; DEVEZAS, Tessaleno. **Portugal, o pioneiro da globalização**: a herança das descobertas. 4. ed. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico, 2011. (Coleção Desafios). ISBN 978-989-515-104-1.

ROSSETTI, Gabriele. *Sullo spirito antipapale che produsse la riforma, e sulla segreta influenza ch'esercitò nella letteratura d'Europa, e specialmente d'Italia*. Londra: [s. n.], 1832. p. 355-386. Disponível em: https://archive.org/details/bub_gb_NvLQL9kB0bAC/page/n405/mode/2up?view=theater. Acesso em: 22 ago. 2024.

ROSSI, Anna Laura Pereira. **O Danteum de Terragni**. Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014. Disponível em: <https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nelac/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-parcial-anna-laura.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.

RUGGIERO, Antonio de. O Dante Alighieri dos Imigrantes Italianos no Rio Grande do Sul. In: RUGGIERO, Antonio de; VITIELLO, Lucia (orgs.). **No meio do caminho**: leituras de Dante entre a Itália e o Brasil. Cachoeirinha: Fi, 2023. p. 163-175.

RUGGIERO, Antonio de; VITIELLO, Lucia (orgs.). **No meio do caminho**: leituras de Dante entre a Itália e o Brasil. Cachoeirinha: Fi, 2022. 233 p. ISBN 978-65-85725-80-4. DOI: 10.22350/9786585725804.

RUST, Leandro Duarte. Ecos de Pio IX: política e historiografia oitocentistas na criação de um estado pontifício para a Idade Média. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 16, n. 1, p. 130-138, jan./abr. 2012. DOI: 10.4013/htu.2012.161.11. ISSN: 2236-1782.

RUST, Leandro Duarte. Uma calamidade insaciável: espaço urbano e hegemonia política em uma história dos incêndios (880-1080). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 36, n. 72, p. 369-390, maio/ago. 2016.

SAIBRO, Henrique. Saiba como surgiu a Santa Inquisição Católica. **JusBrasil**, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/saiba-como-surgiu-a-santa-inquisicao-catolica/267601346>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SANZ, Walter. Comte: O amor por princípio. [Entrevista concedida a Rosangela Chaves]. **Ermira Cultura**, [s. l.], 4 out. 2017. Disponível em: <https://ermiracultura.com.br/2017/10/04/comte-o-amor-por-principio/>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Se Deus fosse um ativista dos Direitos Humanos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014. ISBN 978-85-249-2177-3. 214 p.

SANTOS, Ivanaldo. O Papa Leão XIII e a libertação dos escravos no Brasil. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, São Paulo, v. 6, n. 10, p. 16-24, jul./dez. 2012.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. ISBN 978-85-7244-298-5.

SILVA, Marcelo Cândido da. Uma História global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. **Revista de História**, São Paulo, n. 179, p. 1-19, 9 set. 2020. ISSN 2316-9141.

SKINNER, Quentin. *El nacimiento del Estado*. Buenos Aires, Argentina: Gorla, 2003.

SKINNER, Quentin. Meaning and understanding in the History of ideas. *In*: SKINNER, Quentin. *Visions of Politics*. Tradução de Marcus Vinícius Barbosa. Londres: Cambridge University Press, 2001. p. 57-89. v. 1.

SOUZA, Robson Sálvio Reis. A autora de um novo humanismo: ideias e ações do Papa Francisco. *In*: MOL GUIMARÃES, Dom Joaquim Giovani; ALVES, Claudemir Francisco; SOUZA, Robson Savio Reis; PENZIM, Adriana Maria Brandão (orgs.). **Teologia Social**. Belo Horizonte: XYZ, 2022. p. 33-69.

STERZI, Eduardo. **Por que ler Dante**. São Paulo: Globo, 2005. ISBN 978-85-250-4506-5.

TARALLO, Antonio. Os Pontífices de São Francisco. Tradução de Luisa Rabolini. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/601068-os-pontifices-de-sao-francisco>. Acesso em: 24 ago. 2024.

TEMPESTA, Orani João. São Jerônimo. **CNBB**, Brasília, DF, 30 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/sao-jeronimo-2/#>. Acesso em: 22 ago. 2024.

TORNIELLI, Andrea. Francisco, Ratzinger e o risco do “pelagianismo”. Tradução de Moisés Sbardelotto. *Vatican Insider*, Vaticano, VA, 12 jun. 2013. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/520965-francisco-ratzinger-e-o-risco-do-pelagianismo>. Acesso em: 25 ago. 2024.

TREVISAN, Armindo. O culto da Virgem Maria no Ocidente e sua influência na emancipação feminina. *In*: CONGRESSO DE MARIOLOGIA: PIEDADE POPULAR, CULTURA E TEOLOGIA, 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUCRS, 21-23 ago. 2017. p. 85-106. ISBN 978-85-397-1075-1.

TREVISAN, Armindo. **Por uma leitura atual da Divina Comédia de Dante Alighieri**. Porto Alegre: AGE, 2021. 197 p.

URBANO IV. **Bula *Transiturus de hoc mundo*, com a qual é instituída a festa de *Corpus Christi***. Orvieto, 11 ago. 1264. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/urbanus-iv/es/documents/bulla-transiturus-de-mundo-11-ago-1264.html>. Acesso em: 25 ago. 2024.

VALLI, Luigi. *Il linguaggio segreto di Dante e dei Fedeli d'Amore*. Roma: Optium, 1928. Disponível em: <https://archive.org/details/valli-il-linguaggio-segreto-di-dante-e-dei-fedeli-d-amore/page/8/mode/2up>. Acesso em: 09 jul. 2024.

VATICAN NEWS. **São João Paulo II, papa**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/10/22/s--joao-paulo-ii--papa.html>. Acesso em: 22 ago. 2024.

VEIGA, Edison. Quem foi São Silvestre, o 1º papa do cristianismo ‘legalizado’ – e não tinha nada a ver com corrida. **BBC News Brasil**, 30 dez. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59806203#:~:text=Nascido%20em%20Roma%2C%20Silvestre%20foi,tempo%2C%20o%20imperador%20era%20Constantino>. Acesso em: 9 set. 2024.

VERNANI, Guido. *Contro Dante (Contra Dantem)*. Tradução de Giulio Piccini. Firenze; Roma; Milano: Bemporad & Figlio, 1906. Disponível em: <https://archive.org/details/controdantecont00jarrgoog/page/n13/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 28 de jun de 2023. Acesso em: 9 ago. 2024.

VESPUCCI, Américo. **Novo Mundo**: as cartas que batizaram a América. Prefácio de Antonio Edimilson Martins Rodrigues. Brasília: UNB, 2013. 130 p. ISBN 978-85-635-7451-0.

VIDA e milagres de Dona Isabel, Rainha de Portugal. Texto do século XIV, restituído à sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas por J. J. Nunes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921. Disponível em: <https://ia903207.us.archive.org/28/items/vidaemilagresded00nune/vidaemilagresded00nune.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2024.

VILAÇA, Murilo Mariano; DIAS, Maria Clara Marques. Transumanismo e o futuro (pós-) humano: era biotecnológica: preâmbulos de um futuro (pós-)humano. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 341-362, 2014.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de João Ângelo Oliva Neto. 2. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2020. ISBN 978-85-7326-550-7.

ZACARIAS, Nilza Valéria; RAMOS, Ariovaldo. Neopentecostais e o projeto de poder. **Le Monde Diplomatique Brasil**, [s. l.], 20 mar. 2017. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/neopentecostais-e-o-projeto-de-poder/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

ZUGNO, Frei Vanildo Luiz. As chaves de São Pedro. **Conferência dos Capuchinhos do Brasil**, [s. l.], 28 jun. 2021. Disponível em: <https://www.capuchinhos.org.br/blog/as-chaves-de-sao-pedro>. Acesso em: 9 jul. 2024.

ANEXO A – CANDOR LUCIS AETERNAE

**CARTA APOSTÓLICA
CANDOR LUCIS AETERNAE
DO SANTO PADRE
FRANCISCO
NO VII CENTENÁRIO DA MORTE
DE DANTE ALIGHIERI**

Esplendor da Luz Eterna, o Verbo de Deus tomou um corpo da Virgem Maria quando, ao anúncio do Anjo, Ela respondeu: «Eis a serva do Senhor» (*Lc* 1, 38). O dia em que a Liturgia celebra este mistério inefável é particularmente significativo também na vida histórica e literária do insigne poeta Dante Alighieri, profeta de esperança e testemunha da sede de infinito presente no coração do homem. Por isso, nesta ocorrência, desejo unir-me também eu ao coro numeroso de quantos querem honrar a sua memória no VII centenário da sua morte.

Em Florença, de facto, o ano tinha início, segundo o cômputo *ab Incarnatione*, em 25 de março. Próxima do equinócio da primavera e vista na perspectiva pascal, tal data aparecia associada quer com a criação do mundo quer com a redenção realizada por Cristo na cruz, início da nova criação. À luz do Verbo encarnado, convida a contemplar o desígnio de amor que é o próprio coração e a fonte inspiradora da obra mais célebre do Poeta, a *Divina Comédia*. No último canto desta, o acontecimento da Encarnação é lembrado por São Bernardo com estes versos famosos: «No ventre teu reacendeu-se amor / e em paz eterna fez que germinasse / a seu calor assim tão bela flor» (*Par.* XXXIII, 7-9)[*].

Mas, já no *Purgatório*, Dante representara a cena da Anunciação esculpida num penhasco rochoso (*X*, 34-37.40-45).

Por isso, nesta circunstância, não pode faltar a voz da Igreja que se associa à comemoração unânime do homem e do poeta Dante Alighieri. Melhor do que muitos outros, soube exprimir, com a beleza da poesia, a profundidade do mistério de Deus e do amor. O seu poema, expressão sublime do génio humano, é fruto duma nova e profunda inspiração, de que o Poeta aliás tem consciência quando fala dele como «poema santo que consagro, / em que puseram mão o céu e a terra» (*Par.* XXV, 1-2).

Desejo, com esta Carta Apostólica, unir a minha voz à dos meus Antecessores que honraram e celebraram o Poeta, especialmente por ocasião dos aniversários do nascimento ou da morte, para o propor de novo à atenção da Igreja, à universalidade dos fiéis, aos estudiosos

de literatura, aos teólogos, aos artistas. Recordarei brevemente estas intervenções, focando a atenção nos Pontífices do último século e nos seus documentos de maior relevo.

1. As palavras sobre Dante Alighieri dos Romanos Pontífices do último século

Há um século, em 1921, por ocasião do VI centenário da morte do Poeta, Bento XV, recolhendo as ideias que surgiram nos pontificados anteriores, particularmente de Leão XIII e São Pio X, comemorou o aniversário de Dante quer com uma Encíclica[1] quer promovendo obras de restauro em Ravena na igreja de São Pedro Maior, chamada popularmente de São Francisco, onde se celebrou o funeral de Alighieri tendo sido sepultado na respetiva área tumular. O Papa, vendo com apreço as numerosas iniciativas tendentes a solenizar a ocorrência, reivindicava o direito da Igreja, «que foi sua mãe», de ser protagonista de tais comemorações, honrando o «seu» Dante.[2] Já na Carta ao Arcebispo de Ravena, D. Pasqual Morganti, com a qual aprovara o programa das celebrações do centenário, Bento XV motivou a sua adesão da seguinte forma: «Além disso (e isto é mais importante) há uma razão particular para considerarmos que se deve celebrar o seu fausto aniversário com grata memória e grande concurso de povo, ou seja, o facto de que Alighieri é nosso. (...) Com efeito, quem poderá negar que o nosso Dante tenha alimentado e fortalecido a chama do engenho e a virtude poética inspirando-se na fé católica, a ponto de cantar num poema quase divino os mistérios sublimes da religião?»[3]

Num momento histórico marcado por sentimentos de hostilidade à Igreja, o Pontífice reiterou, na citada Encíclica, a pertença do Poeta à Igreja, «a união íntima de Dante com esta Cátedra de Pedro»; mais, afirmou que a sua obra, apesar de ser expressão da «prodigiosa vastidão e agudeza do seu engenho», recebeu «um poderoso impulso de inspiração» precisamente da fé cristã. Por isso, «nele – continuava Bento XV – não devemos admirar apenas a altura sublime do engenho, mas também a vastidão do tema que a religião divina ofereceu ao seu canto». E tecia o seu elogio, respondendo indiretamente a quantos negavam ou criticavam a matriz religiosa da sua obra: «Respira-se em Alighieri a mesma piedade que há em nós; a sua fé tem os mesmos sentimentos. (...) O motivo principal de elogio nele é este: ser um poeta cristão e ter cantado com acentuações quase divinas os ideais cristãos dos quais contemplava, com toda a alma, a beleza e o esplendor». E o Pontífice prosseguia: a obra de Dante é um exemplo eloquente e válido para «demonstrar quão falso seja que o obséquio da mente e do coração a Deus corte as asas do engenho; pelo contrário, estimula-o e eleva-o». Por isso, defendia ainda o Papa, «os ensinamentos que Dante nos deixou em todas as suas obras, mas sobretudo no seu triplo poema» podem servir «como guia validíssimo para os homens do nosso tempo», e de modo particular para alunos e estudiosos, já que ele, «ao

compor o seu poema, não teve outro objetivo senão levantar os mortais do estado de miséria, isto é, do pecado e conduzi-los ao estado de beatitude, isto é, da graça divina».

Passando a São Paulo VI, as suas várias intervenções estão relacionadas com o VII centenário do nascimento, em 1965. No dia 19 de setembro, ofereceu uma cruz dourada para embelezar a Capela de Ravena que guarda o túmulo de Dante, até então desprovida de «tal sinal de religião e esperança».[4] Em 14 de novembro, enviou a Florença uma coroa áurea de louros para ser encastoadada no Batistério de São João. Finalmente, no termo dos trabalhos do Concílio Ecuménico Vaticano II, quis doar aos Padres Conciliares uma edição artística da *Divina Comédia*. Mas sobretudo honrou a memória do insigne Poeta com a Carta Apostólica *Altissimi cantus*,[5] na qual reiterava a forte ligação entre a Igreja e Dante Alighieri: «Se alguém quisesse perguntar por que motivo a Igreja Católica, por vontade do seu Chefe visível, tenha a peito cultivar a memória e celebrar a glória do poeta florentino, é fácil a nossa resposta: porque, por um direito particular, Dante é nosso! Nosso, queremos dizer da fé católica, porque tudo nele respira amor a Cristo; nosso, porque muito amou a Igreja, cujas glórias ele cantou; e nosso, porque no Romano Pontífice reconheceu e venerou o Vigário de Cristo».

Mas tal direito, continuava o Papa, longe de autorizar atitudes triunfalistas, constitui um compromisso. «Dante é nosso: podemos justamente repeti-lo. E afirmamo-lo, não para fazer dele um almejado troféu de glória egoísta, mas antes para nos lembrar a nós próprios o dever de o reconhecer como tal e explorar na sua obra os tesouros inestimáveis do pensamento e sentimento cristãos, convencidos como estamos de que só quem penetra na alma religiosa do insigne Poeta pode compreender profundamente e saborear as suas maravilhosas riquezas espirituais». E este compromisso não dispensa a Igreja de acolher também as palavras de crítica profética pronunciadas pelo Poeta contra quem devia anunciar o Evangelho e representar, não a si próprio, mas a Cristo: «Nem me custa recordar que a voz de Dante se ergueu, pungente e severa, contra mais de um Romano Pontífice, e teve amargas reprimendas para instituições eclesiásticas e pessoas que foram ministros e representantes da Igreja»; contudo resulta claro que «tais atitudes inexoráveis nunca abalaram a sua fé católica firme nem o seu afeto filial à santa Igreja».

Depois Paulo VI ilustrava as características que fazem do poema de Dante uma fonte de riqueza espiritual ao alcance de todos: «O poema de Dante é universal: na sua amplitude imensa, abraça céu e terra, eternidade e tempo, os mistérios de Deus e as vicissitudes dos homens, a doutrina sagrada e a que deriva da luz da razão, os dados da experiência pessoal e as memórias da história». Mas sobretudo especificava a finalidade intrínseca da obra de

Dante, particularmente da *Divina Comédia* (finalidade essa, nem sempre claramente apreciada e avaliada): «O objetivo da *Divina Comédia* é primariamente prático e transformador. Não se propõe apenas ser poeticamente bela e moralmente boa, mas capaz de mudar radicalmente o homem e levá-lo da desordem à sabedoria, do pecado à santidade, da miséria à felicidade, da visão terrificante do inferno à contemplação beatificante do paraíso».

Num momento histórico denso de tensões entre os povos, o Papa tinha a peito o ideal da paz e encontrava na obra do Poeta uma reflexão preciosa para a promover e suscitar: «Esta paz dos indivíduos, das famílias, das nações, da sociedade humana, paz interna e externa, paz individual e pública, tranquilidade da ordem, é perturbada e abalada, porque são espezinhadas a piedade e a justiça. E, para restaurar a ordem e a salvação, são chamadas a trabalhar em harmonia a fé e a razão, Beatriz e Virgílio, a Cruz e a Águia, a Igreja e o Império». Nesta linha, assim definia a obra poética na perspectiva da paz: «A *Divina Comédia* é poema da paz: lúgubre canto da paz perdida para sempre é o *Inferno*, suave canto da paz esperada é o *Purgatório*, epinício triunfal de paz eterna e plenamente possuída é o *Paraíso*».

Nesta perspectiva, continuava o Pontífice, a *Divina Comédia* «é o poema da melhoria social na conquista duma liberdade, que está isenta da escravidão do mal e nos leva a encontrar e amar a Deus (...) professando um humanismo, cujas qualidades julgamos ter ficado bem esclarecidas». E Paulo VI reiterava uma vez mais quais eram as qualidades do humanismo de Dante: «Em Dante, todos os valores humanos (intelectuais, morais, afetivos, culturais, civis) são reconhecidos, exaltados; e é muito importante notar que este apreço e honra se verificam enquanto ele mergulha no divino, quando a contemplação teria podido anular os elementos terrenos». Daí, afirmava o Papa, nasce – e justamente – o apelativo de Sumo Poeta e o atributo de *divina* dado à *Comédia*, bem como a proclamação de Dante como «senhor do altíssimo canto», no *incipit* da própria Carta Apostólica.

Além disso, avaliando as qualidades artísticas e literárias extraordinárias de Dante, Paulo VI reiterava um princípio por ele afirmado muitas outras vezes. «A teologia e a filosofia têm com a beleza ainda outra relação, e é esta: a beleza, ao emprestar à doutrina o seu vestido e ornamento, com a suavidade do canto e a visibilidade da arte figurativa e plástica, abre a estrada para os seus preciosos ensinamentos chegarem a muitos. As pesquisas profundas, os raciocínios subtis resultam inacessíveis aos humildes, que são uma multidão, e famintos também eles do pão da verdade. Entretanto estes percebem, sentem e apreciam o influxo da beleza e, por este veículo, brilha mais facilmente para eles a verdade e nutre-os. Bem o compreendeu e realizou o senhor do altíssimo canto, cuja beleza se tornou serva da

bondade e da verdade, e a bondade matéria da beleza». Por fim, citando a *Divina Comédia*, Paulo VI exortava a todos: «Honrai agora o altíssimo poeta» (*Inf.* IV, 80).

De São João Paulo II, que repetidamente citou nos seus discursos as obras do insigne Poeta, quero lembrar apenas a intervenção de 30 de maio de 1985 na inauguração da Exposição *Dante no Vaticano*. Como Paulo VI, também ele destacou a sua genialidade artística: a obra de Dante é interpretada como «uma realidade visualizada, que fala da vida do além-túmulo e do mistério de Deus com a força própria do pensamento teológico, transfigurado pelo esplendor da arte e da poesia, simultaneamente conjuntas». Depois o Pontífice deteve-se a examinar um termo chave da obra de Dante: «“transumanar”, ultrapassar o humano. Foi este o esforço supremo de Dante: fazer que o peso do humano não destruísse o divino que existe em nós, nem a grandeza do divino anulasse o valor do humano. Por esta razão, o Poeta leu justamente a própria vicissitude pessoal e a da inteira humanidade em chave teológica».

Bento XVI falou frequentemente do itinerário de Dante, tirando das suas obras tópicos de reflexão e meditação. Por exemplo, ao apresentar a sua primeira Encíclica – a *Deus caritas est* –, partiu precisamente da visão de Deus que tinha Dante e na qual «luz e amor são uma coisa só», para propor novamente uma sua reflexão sobre a novidade da obra de Dante: «O olhar de Dante vislumbra uma coisa totalmente nova (...). A Luz eterna apresenta-se em três círculos aos quais se dirige com estes versos densos que conhecemos: “Luz eterna que só tens sede em ti, / e a ti entendes, e por ti intelecta / e entendente, te amas, ris assi!” (*Par.* XXXIII, 124-126). Na realidade, ainda mais impressionante que esta revelação de Deus como círculo trinitário de conhecimento e amor é a perceção dum rosto humano – o rosto de Jesus Cristo – que aparece a Dante no círculo central da Luz. (...) Este Deus tem um rosto humano e – podemos acrescentar – um coração humano».[6] O Papa destacou a originalidade da visão de Dante na qual se comunica poeticamente a novidade da experiência cristã, decorrente do mistério da Encarnação: «A novidade dum amor que impeliu Deus a assumir um rosto humano; mais, a assumir carne e sangue, o ser humano inteiro».[7]

Por minha vez, na primeira Encíclica,[8] fiz referência a Dante para expressar a luz da fé, citando um verso do *Paraíso* onde ela é descrita como «a cintila / que se dilata em chama então vivaz, / e qual astro no céu, em mim rutila» (*Par.* XXIV, 145-147). Pelos 750 anos do nascimento do Poeta, quis honrar a sua memória com uma mensagem, almejando que «a figura de Alighieri e a sua obra sejam novamente compreendidas e valorizadas»; e propunha que se lesse a *Divina Comédia* como «um grande itinerário, aliás como uma verdadeira peregrinação, tanto pessoal e interior, como comunitária, eclesial, social e histórica»; com

efeito, «ela representa o paradigma de cada viagem autêntica para a qual a humanidade está chamada a abandonar a terra que Dante define “a jeira que nos torna tão ferozes” (*Par.* XXII, 151), para chegar a uma nova condição, marcada pela harmonia, a paz, a felicidade».[9] Por isso, apresentei a figura do insigne Poeta aos nossos contemporâneos, propondo-o como «profeta de esperança, anunciador da possibilidade de resgate, da libertação, da mudança profunda de cada homem e mulher, de toda a humanidade».[10]

Por fim, no dia 10 de outubro de 2020, ao receber a Delegação da Arquidiocese de Ravena-Cervia por ocasião da abertura do Ano de Dante e anunciar este documento, sublinhei como a obra de Dante pode ainda hoje enriquecer a mente e o coração de muitos, sobretudo jovens, que, abeirando-se da sua poesia «numa forma acessível a eles, constataam, por um lado, inevitavelmente toda a distância do autor e do seu mundo; mas, por outro, captam uma ressonância surpreendente».[11]

2. *A vida de Dante Alighieri, paradigma da condição humana*

Com esta Carta Apostólica, desejo também eu abeirar-me da vida e obra do ilustre Poeta, para captar precisamente esta ressonância, manifestando tanto a atualidade como a sua perenidade, e recolher aquelas advertências e reflexões que ainda hoje são essenciais não apenas para os crentes mas para toda a humanidade. Com efeito, a obra de Dante é parte integrante da nossa cultura, remete-nos para as raízes cristãs da Europa e do Ocidente, representa o património de ideais e valores que também hoje a Igreja e a sociedade civil propõem como base da convivência humana, na qual podemos e devemos reconhecer-nos todos irmãos. Sem me embrenhar na complexa história pessoal, política e judiciária de Alighieri, gostaria de lembrar apenas alguns momentos e factos da sua existência, pelos quais ele aparece extraordinariamente próximo de muitos dos nossos contemporâneos e que são essenciais para compreender a sua obra.

À cidade de Florença, onde nasceu em 1265 e se casou com Gema Donati gerando quatro filhos, esteve primeiramente ligado por um forte sentimento de pertença, o qual, por causa de dissensões políticas, com o tempo se transformou em aberto contraste. Contudo nunca morreu nele o desejo de lá regressar, não só pelo afeto que continuou em todo o caso a nutrir pela sua cidade, mas sobretudo para ser coroado poeta lá onde recebera o Batismo e a fé (cf. *Par.* XXV, 1-9). No cabeçalho de algumas das suas *Cartas* (III, V, VI e VII), Dante define-se como «*florentinus et exul inmeritus* – florentino imerecido no exílio», enquanto na carta XIII, dirigida a Cangrande della Scala, especifica «*florentinus natione non moribus* – florentino de nascimento, não de costumes». Guelfo da facção branca, vê-se envolvido no conflito entre Guelfos e Gibelinos, entre Guelfos brancos e negros, e depois de ter ocupado

cargos públicos cada vez mais importantes até se tornar Prior, em 1302, devido às vicissitudes políticas adversas, é exilado por dois anos, banido dos cargos públicos e condenado ao pagamento duma multa. Dante rejeita a sentença, em sua opinião injusta, e o julgamento contra ele torna-se ainda mais severo: exílio perpétuo, confiscação dos bens e pena de morte em caso de regresso à terra natal. Assim começa a dolorosa história de Dante, que tenta em vão poder regressar à sua amada Florença, pela qual lutara com paixão.

Torna-se assim o exilado, o «peregrino pensativo», caído numa condição de «penosa pobreza» (*Convívio*, I, III, 5) que o impele a procurar refúgio e proteção junto de alguns suseranos locais, entre os quais os Scaligeri de Verona e os Malaspina na Lunigiana. Nas palavras de Cacciaguida, antepassado do Poeta, intuem-se a amargura e o desconforto desta nova condição: «Deixarás toda a cousa que é diletta / mais caramente; e este é dardo tal / que o arco do exílio antes projeta. / Tu provarás assim sabor a sal / do alheio pão e como é duro mal / se desça escada alheia ou já se escale» (*Par.* XVII, 55-60).

Depois, não aceitando as condições humilhantes da amnistia que lhe teria permitido o regresso a Florença, em 1315 foi de novo condenado à morte, desta vez, juntamente com os seus filhos adolescentes. A última etapa do seu exílio foi Ravena, onde foi acolhido por Guido Novello da Polenta, e lá faleceu – regressava duma missão a Veneza – aos 56 anos, na noite de 13 para 14 de setembro de 1321. A sua sepultura num sarcófago em São Pedro Maior, por trás do muro externo do antigo claustro franciscano, foi posteriormente transferida para a adjacente Capela do século XVIII, onde em 1865, depois de atribuladas vicissitudes, foram colocados os seus restos mortais. O lugar é ainda hoje meta de inúmeros visitantes e admiradores do insigne Poeta, pai da língua e literatura italianas.

No exílio, o amor à sua cidade, traído pelos «celerados florentinos» (*Epist.* VI, 1), transformou-se em triste saudade. A profunda desilusão pela queda dos seus ideais políticos e civis, juntamente com a penosa peregrinação duma cidade para outra à procura de refúgio e apoio não são alheias à sua obra literária e poética; pelo contrário, constituem a sua raiz essencial e a motivação de fundo. Quando Dante descreve os peregrinos que se põem a caminho para visitar os lugares sagrados, de certo modo descreve a sua condição existencial e manifesta os seus sentimentos mais íntimos: «Oh peregrinos que partis pensativos...» (*Vita Nova*, 29 [XL (XLI), 9], v. 1}. O motivo reaparece mais vezes, por exemplo nestes versos do *Purgatório*: «Como romeiros pensativos lançam, / cruzando pela via gente ignota, / apenas um olhar e não descansam» (XXIII, 16-18). A pungente melancolia de Dante peregrino e exilado adivinha-se também nos famosos versos do canto VIII do *Purgatório*: «Era hora em

que a saudade aos navegantes / regressa e os entenece já de cor / o adeus a amigos doces dito antes» (VIII, 1-3).

Dante, refletindo profundamente sobre a sua situação pessoal de exílio, incerteza radical, fragilidade, mobilidade contínua, transforma-a, sublimando-a, num paradigma da condição humana, que se apresenta como um caminho – mais interior que exterior – sem paragem alguma enquanto não atingir a meta. Deparamo-nos, assim, com dois temas fundamentais de toda a obra de Dante: o ponto de partida de todo o itinerário existencial, o desejo, presente no ânimo humano, e o ponto de chegada, a felicidade, dada pela visão do Amor que é Deus.

O insigne Poeta, embora atravessando vicissitudes dramáticas, tristes e angustiantes, nunca se resigna, não sucumbe, nem aceita suprimir a ânsia de plenitude e felicidade que está no seu coração, e muito menos se resigna a ceder à injustiça, à hipocrisia, à arrogância do poder, ao egoísmo que faz do nosso mundo «a jeira que nos torna tão ferozes» (*Par.* XXII, 151).

3. A missão do Poeta, profeta de esperança

Deste modo, relendo a sua vida sobretudo à luz da fé, Dante descobre também a vocação e a missão que lhe foram confiadas, de modo que, paradoxalmente, de homem aparentemente falido e desiludido, pecador e desanimado, transforma-se em profeta de esperança. Na Carta a Cangrande della Scala, com extraordinária nitidez, deixa claro o objetivo da sua obra, que se concretiza e explicita, já não através de ações políticas ou militares, mas graças à poesia, à arte da palavra que, dirigida a todos, tudo pode mudar: «É preciso dizer brevemente que a finalidade do todo e da parte é tirar os viventes nesta existência dum estado de miséria e conduzi-los a um estado de felicidade» [XIII, 39 (15)]. Tal finalidade desencadeia um caminho de libertação de todas as formas de miséria e degradação humanas (a «selva escura») e simultaneamente aponta para a meta derradeira: a felicidade, entendida quer como plenitude de vida na história quer como bem-aventurança eterna em Deus.

Desta dupla finalidade, deste audacioso programa de vida, Dante é mensageiro, profeta e testemunha, confirmado na sua missão por Beatriz: «Por isso, em prol do mundo que mal vive, / ao carro põe os olhos e o que vês / lá regressado, a tua escrita o archive» (*Purg.* XXXII, 103-105). Também o seu antepassado Cacciaguida o exorta a não desfalecer na sua missão. Ao Poeta, que recorda brevemente o seu caminho nos três reinos do Além e assinala a dificuldade de comunicar as verdades que doem e incomodam, o ilustre antepassado responde: «... A consciência fusca / ou já da própria ou de alheia vergonha / bem

sentirá tua palavra brusca. / E tu porém, sem que a mentir se ponha, / toda tua visão faz manifesta; / e deixa que se cocem onde hão ronha» (*Par.* XVII, 124-129). Um idêntico incitamento a viver com coragem a sua missão profética é dirigido a Dante, no *Paraíso*, por São Pedro, quando o Apóstolo, depois duma tremenda invetiva contra Bonifácio VIII, se dirige ao Poeta desta forma: «E tu, filho, que voltarás aonde o / mortal peso há de pôr-te, abre a boca, / e não escondas o que eu não escondo» (*Par.* XXVII, 64-66).

Assim, na missão profética de Dante, inserem-se também a denúncia e a crítica contra os crentes, tanto Pontífices como simples fiéis, que atraíçoam a adesão a Cristo e transformam a Igreja num instrumento em prol dos próprios interesses, esquecendo o espírito das Bem-aventuranças e a caridade para com os pequenos e os pobres e idolatrando o poder e a riqueza: «Que quanto a Igreja guarda, é atributo / todo da gente que por Deus demande; / não de parentes nem de outro mais bruto» (*Par.* XXII, 82-84). Mas, através das palavras de São Pedro Damiano, São Bento e São Pedro, o Poeta, ao mesmo tempo que denuncia a corrupção dalguns setores da Igreja, faz-se porta-voz de uma renovação profunda e invoca a Providência para que a favoreça e torne possível: «Mas a alta providência, que a Cipião / foi a romana glória nas mãos pondo, / cedo virá, em minha conceção» (*Par.* XXVII, 61-63).

E assim Dante exilado, peregrino, frágil, mas agora forte pela profunda e íntima experiência que o transformou, renascido graças à visão que, das profundezas dos infernos, da mais degradada condição humana, o elevou à própria visão de Deus, ascende a mensageiro duma nova existência, a profeta duma nova humanidade que anseia pela paz e a felicidade.

4. *Dante cantor do desejo humano*

Dante é capaz de ler o coração humano em profundidade; e em todos, mesmo nas figuras mais abjetas e molestas, consegue vislumbrar uma cintila de desejo de alcançar alguma felicidade, uma plenitude de vida. Detém-se a escutar as almas que encontra, dialoga com elas, interpela-as para se adentrar e participar nos seus tormentos ou na sua beatitude. Assim, partindo da sua condição pessoal, o Poeta faz-se intérprete do desejo que todo o ser humano tem de continuar o caminho enquanto não chegar ao destino final, não encontrar a verdade, a resposta aos porquês da existência, enquanto o coração – como já afirmava Santo Agostinho[12] – não encontrar repouso e paz em Deus.

No *Convívio*, analisa precisamente o dinamismo do desejo. «O desejo supremo de todas as coisas, conferido de início pela natureza, é retornar ao seu princípio. E como Deus é princípio das nossas almas, (...) a alma deseja intensamente retornar a Ele. E como um peregrino, que segue um caminho nunca antes percorrido por ele – quando avista de longe uma casa espera que seja a hospedaria, acabando depois por verificar que não o é, então

deposita a sua esperança noutra e assim, de casa em casa, até encontrar finalmente a hospedaria –, a nossa alma, ansiosa por ter entrado no novo e nunca percorrido caminho desta vida, dirige o olhar para a meta do seu bem supremo, acreditando encontrá-lo em tudo o que vê e lhe parece ter em si algum bem» (IV, XII, 14-15).

O itinerário de Dante, ilustrado sobretudo na *Divina Comédia*, é verdadeiramente o caminho do desejo, da necessidade profunda e interior de mudar a sua própria vida para poder alcançar a felicidade e, assim, mostrar a estrada a quem se encontra, como ele, numa «selva escura» e perdeu «a direita via». Além disso, é significativo que, desde a primeira etapa deste percurso, o seu guia – o grande poeta latino Virgílio – lhe indique a meta aonde deve chegar, incitando-o a não ceder ao medo nem ao cansaço: «Mas porque volves ao ansioso enleio? / Porque não vais ao deleitoso monte / que é razão da alegria e dela cheio?» (*Inf.* I, 76-78).

5. Poeta da misericórdia de Deus e da liberdade humana

Trata-se de um caminho que não é ilusório nem utópico, mas realista e possível, onde todos podem entrar, porque a misericórdia de Deus oferece sempre a possibilidade de mudar, converter-se, encontrar-se a si mesmo e encontrar a via para a felicidade. A propósito, são significativos alguns episódios e personagens da *Divina Comédia*, que mostram como tal via não esteja vedada a ninguém na terra; exemplo disso é o imperador Trajano, pagão mas colocado no Paraíso. Dante justifica esta presença assim: «*Regnum coelorum* a violência há de / sofrer de quente amor, viva esperança, / que vence assim a divinal vontade; / não de homem que homem a vencer se lança, / mas vence-a, pois quer ela ser vencida, / para vencer então benigna e mansa» (*Par.* XX, 94-99). O gesto de caridade de Trajano para com uma «viúva» (*Par.* XX, 45) ou a «lagrimeta» de arrependimento derramada à hora da morte pelo Buonconte de Montefeltro (*Purg.* V, 107) não só mostram a infinita misericórdia de Deus, mas confirmam também que o ser humano pode sempre, com a sua liberdade, escolher qual caminho seguir e qual sorte merecer.

Sob esta luz, é significativo o rei Manfredo, colocado por Dante no Purgatório e que assim recorda o seu fim e a sentença divina: «Depois que se rompeu minha pessoa / de feridas mortais, eu me rendi, / chorando, a quem de bom grado perdoa. / Eu horríveis pecados cometi; / mas bondade infinita tanto abraça / que quem se a ela volta aceitar vi» (*Purg.* III, 118-123). Parece quase vislumbrar-se a figura do pai da parábola evangélica, com os braços abertos pronto a acolher o filho pródigo que volta para ele (cf. *Lc* 15, 11-32).

Dante faz-se paladino da dignidade de todo o ser humano e da liberdade como condição fundamental tanto das opções de vida como da própria fé. O destino eterno do homem – sugere Dante ao narrar-nos as histórias de tantas personagens, ilustres ou pouco

conhecidas – depende das suas escolhas, da sua liberdade: os próprios gestos diários, aparentemente insignificantes, têm um alcance que se estende para além do tempo, são projetados na dimensão eterna. O maior dom de Deus ao homem, para que possa alcançar a meta última, é precisamente a liberdade, como afirma Beatriz: «O maior dom que Deus em tal largueza / já fez criando e à sua bondade / mais conformado e esse que mais preza, / foi ter-se de vontade liberdade» (*Par. V*, 19-22). Não são afirmações retóricas e vagas, visto que brotam da existência de quem conhece o preço da liberdade: «Liberdade ele busca, que é tão cara, / e sabe-o quem por ela a vida enjeita» (*Purg. I*, 71-72).

Mas a liberdade – lembra-nos Alighieri – não é fim em si mesma; é condição para subir continuamente. E o percurso nos três reinos ilustra-nos plasticamente esta subida até tocar o Céu, alcançar a plena felicidade. O «alto desejo» (*Par. XXII*, 61), suscitado pela liberdade, não pode extinguir-se senão em presença da meta, na visão última e na bem-aventurança: «E eu que ao termo da ânsia toda vi / me aproximava, tal como devia, / o fim de tal ardor em mi senti» (*Par. XXXIII*, 46-48). Depois o desejo faz-se também oração, súplica, intercessão, canto que acompanha e assinala o itinerário de Dante, tal como a oração litúrgica cadencia as horas e os momentos da jornada. A paráfrase do *Pai Nosso*, que o Poeta propõe (cf. *Purg. XI*, 1-21), entrelaça o texto do Evangelho com a experiência pessoal, com as suas dificuldades e sofrimentos: «Venha a nós do teu reino assim tamanho / a paz, que só por nós não vamos ter (...). Dá-nos hoje a maná quotidiana, / sem a qual por este áspero deserto, / atrás vai quem avante mais se afana» (7-8.13-15). A liberdade de quem acredita em Deus como Pai misericordioso não pode senão confiar-se a Ele na oração, não sendo por isso minimamente lesada, mas antes reforçada.

6. *A imagem do homem na visão de Deus*

No itinerário da *Divina Comédia*, como já sublinhava o Papa Bento XVI, o caminho da liberdade e do desejo não traz consigo – como porventura se poderia imaginar – uma redução do humano na sua realidade concreta, não aliena a pessoa de si mesma, não anula nem negligencia o que constituiu a sua existência histórica. Com efeito, mesmo no *Paraíso*, Dante representa os bem-aventurados – as «alvas» (*Par. XXX*, 129) – no seu aspeto corpóreo, evoca os seus afetos e emoções, os seus olhares e gestos, em resumo, mostra-nos a humanidade na sua perfeição completa de alma e corpo, prefigurando a ressurreição da carne. São Bernardo, que acompanha Dante no último trecho do caminho, mostra ao Poeta as crianças presentes na rosa dos bem-aventurados e convida-o a observá-las e ouvi-las: «Dos rostos podes vê-lo se os perscrutas / e também pelas vozes pueris, / se já os bem contempas e os escutas» (*Par. XXXII*, 46-48). Resulta comovente ver como esta manifestação dos bem-

aventurados na sua luminosa humanidade integral é motivada não só por sentimentos de afeto pelos seus entes queridos, mas sobretudo pelo desejo explícito de voltar a ver os seus corpos, as feições terrenas: «Seus corpos desejando antes da morte; / talvez não só por si, mas pela mãe, / pelo pai, pelos mais que cada amava, / antes de eterna chama ser também» (*Par. XIV*, 63-66).

E, finalmente, no centro da visão última, no encontro com o Mistério da Santíssima Trindade, Dante vislumbra precisamente um Rosto humano, o de Cristo, da Palavra eterna feita carne no seio de Maria: «E na profunda e clara subsistência / do alto lume três círculos vi vir / de três cores e de uma continência (...). Nessa circulação, que assim concepta / parecia em ti lume refletido, / dos olhos meus um pouco circumspecta, / dentro de si, do próprio colorido, / me apareceu pintada nossa efigie» (*Par. XXXIII* 115-117.127-131). Só na visão de Deus se aplaca o desejo do homem, e termina todo o seu fatigoso caminho: «Então a mente me era percutida / por um fulgor em que seu querer veio. / Foi a alta fantasia aqui colhida» (*Par. XXXIII*, 140-142).

O mistério da Encarnação, que hoje celebramos, é o verdadeiro centro inspirador e o núcleo essencial de todo o poema. Nele realiza-se o que os Padres da Igreja chamavam «divinização», *admirabile commercium* – o prodigioso intercâmbio, pelo qual, ao mesmo tempo que Deus entra na nossa história fazendo-Se carne, o ser humano, com a sua carne, pode entrar na realidade divina, simbolizada pela rosa dos bem-aventurados. A humanidade, na sua realidade concreta, com os gestos e as palavras diárias, com a sua inteligência e afetos, com o corpo e as emoções, é assumida em Deus, no Qual encontra a verdadeira felicidade e a realização plena e última, meta de todo o seu caminho. Dante havia desejado e previsto esta meta no início do *Paraíso*: «Mais o desejo aceso então surgiu / de ver aquela essência em que se vê / como nossa natura e Deus se uniu. / Lá se verá o que se tem por fé, / não demonstrado, mas por si é noto / qual verdade primeira que o homem crê» (*Par. II*, 40-45).

7. *As três mulheres da Divina Comédia: Maria, Beatriz, Luzia*

Cantando o mistério da Encarnação, fonte de salvação e alegria para toda a humanidade, Dante não pode deixar de cantar os louvores de Maria, a Virgem Mãe que, com o seu «sim», com a sua aceitação plena e total do projeto de Deus, torna possível que o Verbo Se faça carne. Na obra de Dante, encontramos um tratado estupendo de mariologia: com acentuações líricas sublimes, particularmente na oração pronunciada por São Bernardo, sintetiza toda a reflexão teológica sobre Maria e a sua participação no mistério de Deus: «Virgem e mãe, que és filha de teu filho, / humilde e alta mais que criatura, / de eterno querer termo fixo e brilho, / aquela és que a humanal natura / tanto nobilitaste, que o fator / não

desdenhou fazer de si feita» (*Par.* XXXIII, 1-6). O oximoro inicial e a sucessão de termos antitéticos destacam a originalidade da figura de Maria, a sua beleza singular.

São Bernardo, mostrando os bem-aventurados colocados na rosa mística, convida Dante a contemplar Maria, que deu as feições humanas ao Verbo Encarnado: «Contempla agora a face tal que a Cristo / mais se assemelha, pois sua clareza / só te pode dispor a veres Cristo» (*Par.* XXXII, 85-87). O mistério da Encarnação é de novo evocado pela presença do Arcanjo Gabriel. Dante pergunta a São Bernardo: «Quem é esse anjo em tão festivo jogo / que na nossa rainha o olhar atina, / e tão enamorado é quase fogo?» (*Par.* XXXII, 103-105). E o Santo responde: «Ele é esse que levou a palma / lá a Maria quando o Filho de Deus / quis carregar com toda a nossa xalma» (*Par.* XXXII, 112-114). A referência a Maria é constante em toda a *Divina Comédia*. Ao longo do percurso no Purgatório, é o modelo das virtudes que se opõem aos vícios; é a estrela da manhã que ajuda a sair da selva escura para se encaminhar rumo ao monte de Deus; é a presença constante, através da sua invocação («Nome da bela flor que sempre rogo, / manhã e tarde, ...»: *Par.* XXIII, 88-89), que prepara para o encontro com Cristo e com o mistério da Deus.

Dante, que nunca está sozinho no seu caminho, mas se deixa guiar primeiro por Virgílio, símbolo da razão humana, e depois por Beatriz e São Bernardo, agora, graças à intercessão de Maria, pode chegar à pátria e gozar a alegria plena desejada em cada momento da existência: «... e ainda me distila / ao coração dulçor que lhe começa» (*Par.* XXXIII, 62-63). Não nos salvamos sozinhos (parece repetir-nos o Poeta, consciente da sua insuficiência): «Por mim próprio não venho» (*Inf.* X, 61); é necessário que o caminho seja empreendido em companhia de quem nos possa apoiar e guiar com sabedoria e prudência.

Neste contexto, resulta significativa a presença feminina. No início do fatigoso itinerário, Virgílio – o primeiro guia – conforta e encoraja Dante a prosseguir, porque três mulheres intercedem por ele e o hão de guiar: Maria, a Mãe de Deus, figura da caridade; Beatriz, símbolo de esperança; Santa Luzia, imagem da fé. Com palavras comoventes, assim se apresenta Beatriz: «Eu sou Beatriz, ora a fazer-te andar; / do lugar venho a que voltar pretendo, / e amor me move, que me faz falar» (*Inf.* II, 70-72), afirmando que a única fonte que nos pode dar a salvação é o amor, o amor divino que transfigura o amor humano. Depois Beatriz remete para a intercessão doutra mulher, a Virgem Maria: «Uma gentil senhora no céu plange / o impedimento a que enviar-te entendo, / e o mais duro juízo assim confrange» (*Inf.* II, 94-96). Depois intervém Luzia, que se dirige a Beatriz: «Beatriz, divina loa verdadeira, / pois não socorrerás quem te amou tanto, / que abandonou por ti vulgar fileira?» (*Inf.* II, 103-105). Dante reconhece que somente quem é movido pelo amor pode

verdadeiramente apoiar-nos no caminho e levar-nos à salvação, ao renovamento da vida e, conseqüentemente, à felicidade.

8. *Francisco, esposo da senhora Pobreza*

Na cândida rosa dos bem-aventurados, em cujo centro brilha a figura de Maria, Dante coloca também numerosos santos, cuja vida e missão esboça, para os propor como figuras que, na realidade concreta da sua existência e mesmo através de numerosas provações, alcançaram a finalidade da sua vida e da sua vocação. Mencionarei brevemente apenas a figura de São Francisco de Assis, ilustrada no canto XI do *Paraíso*, onde se fala dos espíritos sapientes.

Existe uma profunda sintonia entre São Francisco e Dante: o primeiro, juntamente com os seus companheiros, saiu do convento e foi para o meio do povo, pelas estradas de aldeias e cidades, pregando ao povo, parando nas casas; o segundo fez a escolha, então incompreensível, de usar no grande poema do Além a linguagem de todos e povoando a sua narração com personagens conhecidos e menos conhecidos, mas completamente iguais em dignidade aos poderosos da terra. Outro traço une os dois personagens: a abertura à beleza e ao valor do mundo das criaturas, espelho e «vestígio» do seu Criador. Como não reconhecer nestes versos da paráfrase de Dante ao *Pai-Nosso* – «sejas louvado em nome e em valor / por toda a criatura...» (*Purg. XI*, 4-5) – uma referência ao *Cântico das Criaturas* de São Francisco?

No canto XI do *Paraíso*, essa consonância aparece com um novo aspeto, que os torna ainda mais semelhantes. A santidade e a sabedoria de Francisco sobressaem precisamente porque Dante, olhando do céu a nossa terra, vislumbra a tacanhez de quem confia nos bens terrenos: «Ó cuidar insensato dos mortais, / por quantos defetivos silogismos / fazem que asas ao fundo a dar tu vais!» (*Par. XI*, 1-3). Toda a história ou, melhor, a «vida admirável» do santo assenta sobre a sua relação privilegiada com a senhora Pobreza: «Mas por que eu não pareça assaz escuso, / Francisco e a Pobreza por amantes / entendas ora em meu falar difuso» (*Par. XI*, 73-75). No canto de São Francisco, recordam-se os momentos salientes da sua vida, as suas provações e por fim o acontecimento no qual a sua configuração a Cristo, pobre e crucificado, encontra a sua extrema, divina confirmação na marca dos estigmas: «Porque de mais azeda já observa / a gente à fé, por não ficar em vão, / ao fruto regressou da ítala erva, / e entre Arno e Tibre em cru penedo então / foi ter de Cristo o último sigilo, / que dois anos seus membros levarão» (*Par. XI*, 103-108).

9. *Acolher o testemunho de Dante Alighieri*

No final deste olhar sintético à obra de Dante Alighieri, uma mina quase infinita de conhecimentos, experiências, considerações em todos os campos da pesquisa humana, impõe-se uma reflexão. A riqueza de figuras, narrações, símbolos, imagens sugestivas e atraentes que Dante nos propõe suscita certamente admiração, maravilha, gratidão. Nele podemos quase entrever um precursor da nossa cultura multimidiática, na qual palavras e imagens, símbolos e sons, poesia e dança se fundem numa única mensagem. Assim se compreende por que o seu poema tenha inspirado a criação de inúmeras obras de arte de todo o gênero.

Mas a obra do insigne Poeta suscita também alguns desafios para os nossos dias. Que poderá ela comunicar-nos, no nosso tempo? Terá ainda algo a dizer-nos, a oferecer-nos? Terá a sua mensagem alguma função a desempenhar também para nós na atualidade? Poderá ainda interpelar-nos?

Hoje Dante – tentemos fazer-nos intérpretes da sua voz – não nos pede para ser simplesmente lido, comentado, estudado, analisado. Pede-nos sobretudo para ser escutado, ser de certo modo imitado, fazer-nos seus companheiros de viagem, porque quer-nos mostrar também hoje qual é o itinerário para a felicidade, a direita via para viver plenamente a nossa humanidade, superando as selvas escuras onde perdemos a orientação e a dignidade. A viagem de Dante e a sua visão da vida além da morte não são simplesmente objeto duma narração, não constituem apenas um acontecimento pessoal, embora excepcional.

Se Dante conta tudo isto (e fá-lo de maneira admirável), usando a linguagem vulgar do povo, a língua que todos podiam compreender, elevando-a a língua universal, é porque tem uma mensagem importante a transmitir-nos, uma palavra que quer tocar o nosso coração e a nossa mente, destinada a transformar-nos e mudar-nos já agora, nesta vida. É uma mensagem que pode e deve tornar-nos plenamente conscientes daquilo que somos e daquilo que vivemos dia após dia na tensão interior e contínua para a felicidade, para a plenitude da existência, para a pátria última onde estaremos em plena comunhão com Deus, Amor infinito e eterno. Embora Dante seja um homem do seu tempo e possua sensibilidade diferente da nossa em alguns assuntos, todavia o seu humanismo é ainda válido e atual e pode certamente constituir um ponto de referência para aquilo que queremos construir no nosso tempo.

Por isso, aproveitando esta ocasião propícia do centenário, é importante que a obra de Dante seja dada a conhecer ainda melhor e de maneira mais adequada, isto é, seja tornada acessível e atraente não só para alunos e estudiosos, mas também para todos aqueles que, ansiosos por dar resposta às questões interiores, desejosos de realizar em plenitude a sua existência, querem viver o seu itinerário de vida e de fé de forma consciente, acolhendo e vivendo com gratidão o dom e o compromisso da liberdade.

Congratulo-me naturalmente com os professores que são capazes de comunicar com paixão a mensagem de Dante, introduzir no tesouro cultural, religioso e moral contido nas suas obras. Mas este património pede para ser tornado acessível fora das aulas das escolas e universidades.

Exorto as comunidades cristãs, sobretudo as estabelecidas nas cidades que conservam as memórias de Dante, as instituições académicas, as associações e os movimentos culturais a promoverem iniciativas visando o conhecimento e a difusão da mensagem de Dante na sua plenitude.

De maneira particular encorajo os artistas a dar voz, rosto e coração, a dar forma, cor e som à poesia de Dante, ao longo da via da beleza que ele percorreu magistralmente; e assim comunicar as verdades mais profundas e, com as linguagens próprias da arte, difundir mensagens de paz, liberdade, fraternidade.

Neste momento histórico particular, marcado por muitas sombras, por situações que degradam a humanidade, por falta de confiança e de perspectivas para o futuro, a figura de Dante, profeta de esperança e testemunha do desejo humano de felicidade, pode ainda dar-nos palavras e exemplos que estimulam o nosso caminho. Pode ajudar-nos a avançar, com serenidade e coragem, na peregrinação da vida e da fé que todos somos chamados a realizar até o nosso coração encontrar a verdadeira paz e a verdadeira alegria, até chegarmos à meta última de toda a humanidade, «o amor que move o sol e as mais estrelas» (*Par.* XXXIII, 145).

Vaticano, na solenidade da Anunciação do Senhor, 25 de março do ano de 2021, nono do meu pontificado.

Francisco

[*] Usou-se a tradução portuguesa da obra bilingue de VASCO GRAÇA MOURA, *A Divina Comédia de Dante Alighieri*, Bertrand Editora – Venda Nova, ⁵2000.

[1] Carta enc. *In praeclara summorum* (30 de abril de 1921): *AAS* 13 (1921), 209-217

[2] Cf. *ibidem*: o. c. 210

[3] Epistola *Nobis, ad Catholicam* (28 de outubro de 1914): *AAS* 6 (1914), 540.

[4] *Discurso ao Sacro Colégio e à Prelatura Romana* (23 de dezembro de 1965): *AAS* 58 (1966), 80

[5] Cf. *AAS* 58 (1966), 22-37.

[6] Discurso aos participantes no Encontro promovido pelo Pontifício Conselho «Cor Unum» (23 de janeiro de 2006): *Insegnamenti* 2006, II/1, 92-93.

[7] Ibidem: o. c., 93.

[8] Cf. Carta enc. Lumen fidei (29 de junho de 2013), 4: *AAS* 105 (2013), 557.

[9] Mensagem ao Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura (4 de maio de 2015): *AAS* 107 (2015), 551-552.

[10] Ibidem: o. c., 552.

[11] L'Osservatore Romano (10 de outubro de 2020), 7.

[12] Cf. Confissões, I, 1, 1: *PL* 32, 661.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br